MANUELA	VASCONCELOS	

ALGUNS VULTOS

do

MOVIMENTO ESPÍRITA PORTUGUÊS



Edições COMUNHÃO



Da COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

Contribuinte nº. 501287441 Telefone: 21 764 74 71 Calçada do Tojal, nº. 95 sub/cave 1500 592 Lisboa



"É tão grande e tão vasta a missão do Espiritismo bem compreendido, que não pode deixar de comover os corações de todos aqueles que o conhecem e sabem interpretar em toda a sua beleza. É ele que abre os olhos aos negativistas e os deslumbra e arrasta para o espiritualismo. É ele que, numa generosidade que nada pede e tudo dá, prova a sobrevivência da alma aos incrédulos, de uma maneira palpável, tão real, tão irrefutável que só continuam a ser descrentes, conhecendo-o, aqueles a quem o seu propositado desleixo impede a investigação. - MARIA O'NEILL

NOTA EXPLICATIVA:

Depois da biografía 'FERNANDO DE LACERDA, O MÉDIUM PORTUGUÊS', e da obra, que estará sempre incompleta 'MEP – Tentativa Histórica do Movimento Espírita em Portugal', pensamos ser quase que obrigatório este trabalho, para darmos a conhecer alguns dos vultos mais importantes do Espiritismo no nosso País. Com ele, consideramos concluída esta trilogia referente aos tempos iniciais do Movimento Espírita em Portugal.

Com certeza que não vamos referir todos os nomes, mesmo por que nem de todos temos referências, mas daqueles que tenhamos conseguido um mínimo de 'apontamentos' – se assim podemos dizer – eles aqui figurarão, como uma lembrança do muito que lhes devemos em função do que fizeram - abraçando um Ideal Espírita que seguimos igualmente -, quando descerraram e firmaram as bases da Doutrina que, mercê do seu esforço e da sua fé, chegou até nós.

Eles foram senão os primeiros, pelo menos os mais antigos; outros se seguiram, muitos desconhecidos de todos nós, que talvez tenhamos apenas 'tropeçado' com os seus nomes num qualquer artigo de uma Revista dedicada ao Espiritismo.

... E quando algum atravessou fronteiras e levou mais longe a Bandeira do Movimento Espírita Português, ainda aí firmou-se, sem qualquer espécie de pudor ou preconceito, como espírita português que soube ser, deixando-nos o seu exemplo que dura até hoje.

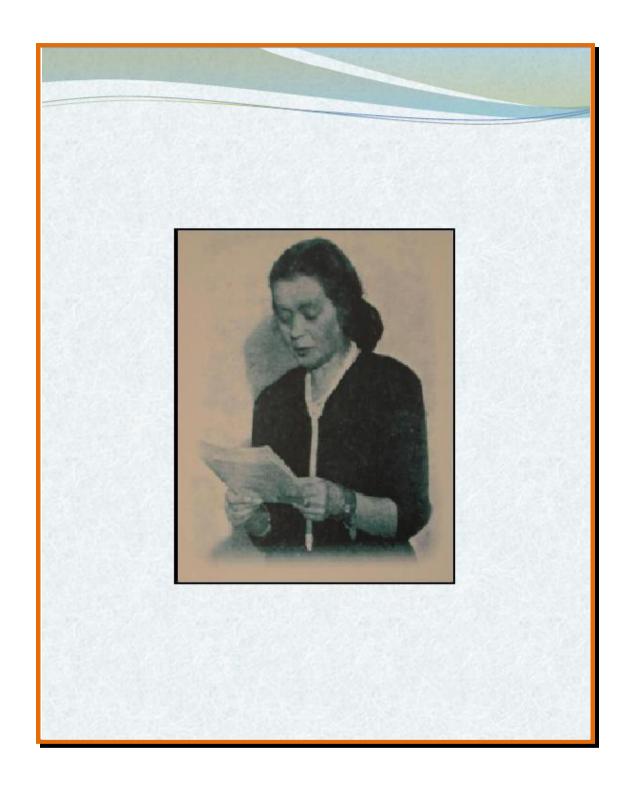
Com um aceno amigo e fraternal, aqui os lembramos, na certeza de terem sido dos chamados e escolhidos para a tarefa grandiosa de implantarem no nosso País as raízes da Doutrina que, graças a cada um deles, criou raízes, cresceu, floriu e deu os seus frutos.

Aqui os referiremos, mais ou menos pela ordem alfabética dos dois primeiros nomes, ou dos apelidos, conforme a maneira como os soubemos chamados, sem preferências nem primazias!

Pelo muito que nos deram, pelo exemplo que nos deixaram, pela dedicação de que deram provas, bem-hajam todos eles.

MANUELA VASCONCELOS

Considerando a má qualidade das fotos impressas no Livro "ALGUNS VULTOS DO MOVIMENTO ESPÍRITA PORTUGUÊS", ao disponibilizá-lo no nosso Site, substituímos a maior parte delas por outras de melhor qualidade e que nos foram gentilmente cedidas pelo Irmão António Costa da ABF-Associação de Beneficência FRATERNIDADE



ADELAIDE YVONE DE SOUSA

ADELAIDE YVONE DE SOUSA

Não conseguimos encontrar qualquer data que nos referisse o nascimento e localidade de onde foi natural, mas pensamos que tenha nascido no final do século XIX, já que o seu apoio à Federação Espírita Portuguesa vem quase que desde os primeiros anos de existência da Instituição.

Fez parte dos Corpos Sociais de 1950, e encontram-se inúmeros artigos seus publicados na 'Revista de Espiritismo' e, depois, na 'Revista de Metapsicologia, ambas da FEP, tal como existem muitas referências na Revista 'Além', da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Porto.

Conforme articulista da 'Além', que a refere numa das suas deslocações ao Porto para uma das suas palestras na S.P.I.P., "personificava a bondade, simplicidade e modéstia raramente encontradas na mulher portuguesa daquela época".(1) Fazendo parte da alta sociedade devido à sua situação nobiliárquica foi, ainda, distinta pintora e escultora, com exposições das suas obras não só em Portugal como no estrangeiro, não tendo nunca contemporizado (conforme afirmativa do Prof. António Cardoso), com a chamada "arte moderna".

De si própria, escreveu:

"Quando os meus dezassete anos ávidos de tudo saber, liam Eça, Junqueiro, Lamartine, Victor Hugo, D'Annunzio, Kropotkine, Tolstoi, etc., etc., julgava eu que a transformação das sociedades não se realizaria antes do ano 2000. Grande foi, porém, a minha surpresa quando a Guerra Mundial de 1914-18 veio sacudir como num arranco de terramoto os alicerces do Velho Mundo. Apenas decorridos vinte anos, novo e violento abalo lhe causa a Grande Guerra de 1939-1945, deixando todos apavorados pela transformação que trouxe (...)".(2)

É uma das grandes impulsionadoras da criação de um 'Lar Espirita', para a terceira idade e para doentes, fundando, ainda, na F.E.P., durante o ano de 1950, o 'Núcleo da Juventude Espírita Portuguesa', embora já em

1949 mostrasse a sua preocupação pela juventude que revelava, com o seu comportamento, a grande e calamitosa crise moral que atravessava.

Transcrevemos, da sua autoria, um artigo bem revelador da sua preocupação com a Juventude Espírita e publicado na revista da Federação:

"É hábito de muitos pais e mães esperarem que seus filhos amadureçam em idade e conhecimentos adquiridos por eles próprios ao acaso, forçados assim a serem autodidatas em todos os géneros de conhecimentos que precisam para a sua vida. Em minha opinião, este critério, muito corrente, é péssimo, porque além de muito tempo que esse ser perde à procura do que precisa assimilar, acontece muita vez que não o consegue por falta de preparação, ou então compreende mal os conhecimentos adquiridos, chegando a convencer-se, vaidosamente, que conquistou méritos que nunca possuiu. Há, ainda, o que não é menos frequente, que esse indivíduo segue correntes deletérias, que o arrastam para abismos.

"A crise moral da nossa juventude é quase uma calamidade, devido à falta de preparação. Poderei parecer pessimista no que afirmo, porque neste pequeno artigo falta-me espaço para expor factos comprovativos. Direi apenas que em Portugal não se ensina a mocidade a pensar nem a meditar, para saber relacionar cada fase da vida em relação a outra. As características que nos oferece o passado no bem e no mal, o progresso do presente e a evolução que tem de realizar incessantemente para a sua própria felicidade no futuro, são normas desconhecidas da gente moça de agora.

"Um dos mais sérios problemas que urge e interessa aos espiritistas portugueses, é a saúde não só moral, mas também fisica da nossa mocidade, porque, como já disse, um corpo doente raramente pode proporcionar um bom estado de alma, fornecendo boa disposição para as lutas e alegrias inerentes à vida.

"É do conhecimento de todos que a raça lusa caminha a passos gigantescos para a degenerescência devido à terrível doença que os americanos tão bem chamaram 'a grande imitadora', ou seja a sífilis. Com uma percentagem assustadora, por contágio ou por hereditariedade, ela vai dizimando uma população outrora tão robusta.

"Que se tem feito em Portugal para defender a mocidade deste terrível flagelo?

"Os governos da Alemanha, da Suiça, da América, dos Países Baixos, estabeleceram rigorosas medidas profiláticas a ponto de na Dinamarca a sífilis, presentemente, estar exterminada. A Alemanha chegou mesmo a exigir o atestado pré-nupcial e levou o seu rigor a impor severas penalidades a quem se frustrasse aos tratamentos, aplicando a esterilização a doentes considerados incuráveis.

"O Espiritismo que nasceu da Razão Científica e do Espírito da Verdade reflector dos esplendores divinos está absolutamente indicado para ser o orientador das juventudes a fim de que elas possam aproveitar melhor a sua passagem pela Terra. Pertence, portanto, ao neoespiritualismo organizar os processos da educação dos jovens.

"O Brasil está resolvendo este problema com bastante actividade, obtendo os melhores resultados.

"Em 1945, na Fed. Esp. Portuguesa, lancei o meu primeiro brado, chamando a atenção de todos para esta questão de palpitante interesse.

"Dê-se, pois, à mocidade as regras de conduta que lhe faltam. Ensine-se aos nossos rapazes e às nossas raparigas quanto vale o potencial da juventude, para saberem aproveitar com espiritualidade toda a exuberância de Vida que o Criador lhes deu.

"Ensine-se-lhes a utilizarem devidamente os seus nobres impulsos e também a refrearem os ímpetos defeituosos. Ilumine-se claramente com todos os fulgores da Verdade, da Justiça e do Amor a estrada da sua vida, desde o berço, e assim veremos a nossa bela doutrina tornar-se universalmente aplicada pela formação duma Humanidade melhor.

"Neste desejo, a Direcção da F.E.P. já convidou muito fraternalmente todos os seus confrades e os jovens de maior idade a darem a sua adesão à Mocidade Espírita Portuguesa".(3)

Substituindo a 'sífilis' pela 'Sida', este artigo é tão oportuno hoje, ano de 2006, como em 1949, quando foi publicado.

Para além da sua dedicação à Doutrina Espírita, foi, ainda, "(...) Zoófila activa, colaborou em várias campanhas a favor dos animais" (para além de diversas palestras sobre a alma dos mesmos), "representou Portugal no Congresso Naturista Internacional, realizado na Jugoslávia. Fundou, com outros elementos, a 'Associação Vegetariana Portuguesa', e organizou na 'Casa do Alentejo' a Primeira Semana dos Artistas Naturistas, que constituiu um êxito".(6)

Em finais de 1954, conforme artigo publicado na revista REFORMADOR, da Federação Espírita Brasileira, (4) Adelaide Yvone de Sousa, conjuntamente com António J. Freire, num Movimento que não se concretizou, tenta criar a "Cruzada Espírita Portuguesa", que substituirá a Federação suspensa em Novembro de 1953 pelo Ministério da Educação Nacional.

Depois da Revolução dos Cravos que, entre muitas outras coisas, trouxe a liberdade religiosa para Portugal, e a possibilidade do renascimento – se assim se pode dizer - do Movimento Espírita, Adelaide Yvone de Sousa colabora com a Federação, que é reaberta. Os leitores espíritas voltam a encontrar os seus artigos, publicados na revista 'Estudos Psíquicos', e, 'recordando amigos desaparecidos', ela escreve :

"Para nós, espíritas portugueses, nunca é demais dizer que 1977 foi um ano histórico. Nele levantámos colunas para restabelecer os baluartes do Espiritismo após terem sofrido a catástrofe que lhe infligiu o governo de Salazar. Histórico, também, porque pela primeira vez o Presidente de uma Federação nos veio trazer o seu abraço fraterno e dizer-nos palavras de encorajamento em nome do seu Pais, o Brasil Espírita e amigo, ou seja, a Pátria do Evangelho. E todo esse encorajamento nos dará forças para reconstituir o que foi demolido, numa reconstrução solidamente estruturada que sirva de estrela-guia ao povo português. O Espiritismo tem uma grande tarefa a desempenhar na sociedade portuguesa.

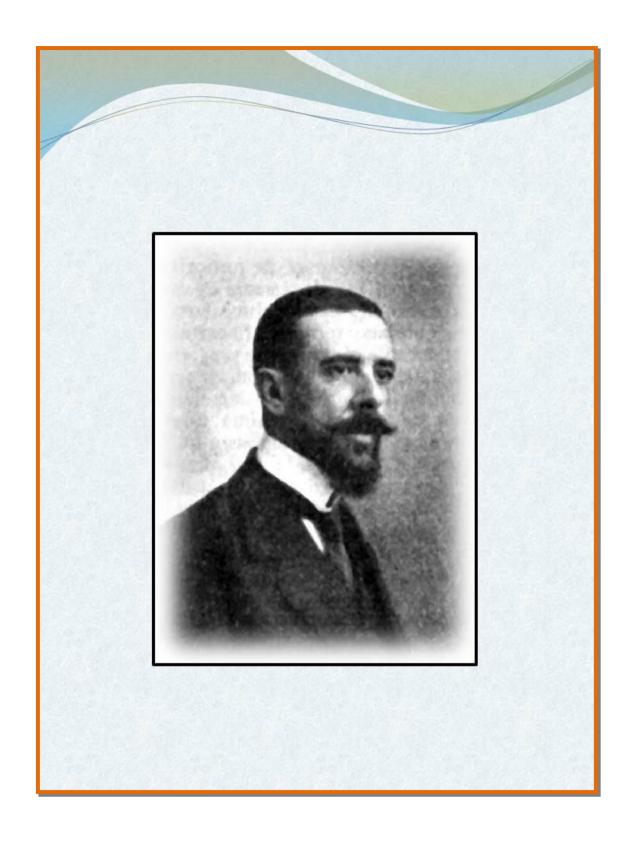
"Para se levar a bom porto a nau kardecista não deixemos de recordar o valor daqueles que, antes de nós, foram os obreiros corajosos que com amor e dedicação defenderam o nosso Ideal.

"Que o seu exemplo sirva de ânimo aos novos para vencer os obstáculos que tenham de enfrentar, pois que a luta continua. (...)".(5)

Esta mesma dedicação fá-la participar dos Corpos Sociais da Federação, sob a Direcção de Maria Raquel Duarte Santos, mas a idade já é muita, e desencarna em 26 de Dezembro de 1983.

Conforme escreveu o Prof. António Cardoso, (...) "Ivone de Sousa foi talvez um dos últimos baluartes do Espiritismo dos anos trinta, que nos acompanhava ainda. Com a sua partida o Espiritismo Português ficou mais pobre, pois dificilmente voltaremos a encontrar substitutos para aqueles que viveram plenamente, na Terra, os ideais que decidiram abraçar". (6)

- (1) Revista ALÉM, da S.P.I.P., de Setembro/Outubro de 1946;
- (2) Revista de METAPSICOLOGIA, da F.E.P., Novembro de 1950;
- (3) Revista de METAPSICOLOGIA da D.E.P., Agosto de 1949;
- (4) Revista REFORMADOR, da Federação Espírita Brasileira, Março de 1978
- (5) Revista portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, Marco de 1978.
- (6) Revista ESTUDOS PSIQUICOS, Maio/Junho de 1983.



(Dr.) ADOLFO DE SENA

(Dr.) ADOLFO SENA

ADOLFO BERNARDINO DE SENA MARQUES E CUNHA nasceu em Abrantes em 1872.

De viva inteligência e sólida cultura, era, também, dotado de tão grande bondade e espírito de justiça que sempre se tornou verdadeiramente estimado pelos seus alunos e por todas as pessoas que com ele privavam.

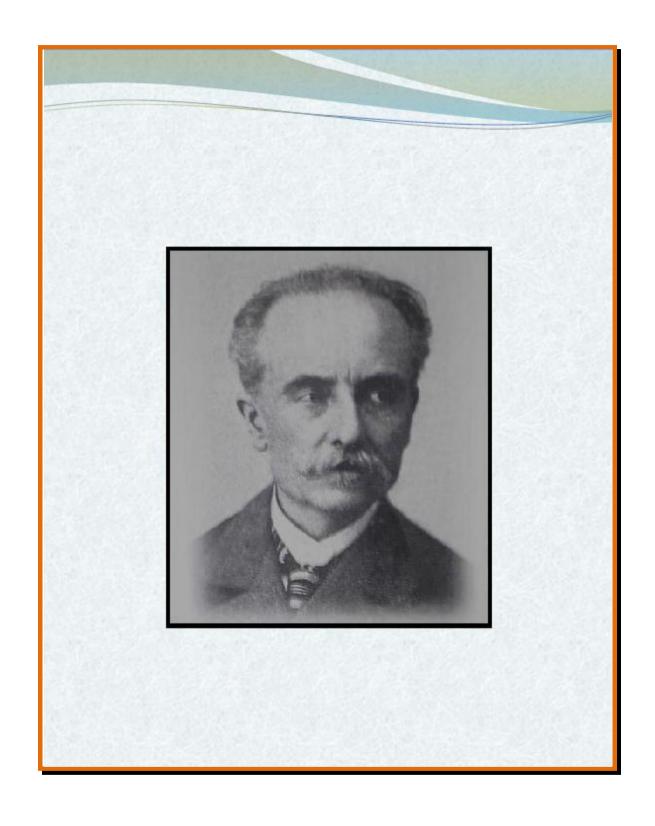
Cultor apaixonado da música, pertenceu à geração que, com os Drs. Ilídio Amado, José de Pádua e Rompana, fundou a Tuna Académica de Lisboa, em 1895.

Professor do Liceu Pedro Nunes e Preparador na Faculdade de Ciências de Lisboa, foi figura de relevo no meio pedagógico nacional, onde, sem vaidade, assumiu a sua profissão como um sacerdócio.

Dedicou-se com generoso ardor ao neo-Espiritualismo, sendo uma das mais marcantes figuras do primeiro Conselho Superior Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa, na qual prestou relevantes serviços.

Desencarnou em 24 de Fevereiro de 1927. (1)

(1) – Revista de Espiritualismo da Federação Espírita Portuguesa, nº. 4 de 1939.



(Dr.) AFONSO ACÁCIO MARTINS VELHO

(Dr.) AFONSO ACÁCIO MARTINS VELHO

Foi um dos mais denodados e prestigiosos pioneiros e percursores do Espiritismo, em Portugal, nesses tempos heróicos em que os seus melhores adeptos eram apodados de loucos ou visionários, tendo participado durante bastante tempo das reuniões mediúnicas promovidas pelo médium Fernando de Lacerda, e outras onde se encontravam presentes Madame Madalena Frondini Lacombe e o Dr. José Alberto de Sousa Couto.

Nas suas deslocações a Paris, relacionava-se com o coronel Albert de Rochas e frequentava, ainda, o mesmo grupo mediúnico onde era notório o nome do escritor e diplomata português, Eça de Queiroz.

Nascido na Sertã em 1848, formou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, tendo exercido advocacia em Tomar, Elvas e Lisboa com a maior honestidade e brilho, como era próprio do seu lídimo carácter e da sua rara inteligência.

Investigador sagaz, aliando a uma técnica experimental impecável, uma invulgar erudição, conhecia admiravelmente os segredos práticos da aplicação do magnetismo ao estudo e observação dos fenómenos complexos do Espiritismo.

Escritor primoroso, publicou: O ESPIRITISMO CONTEMPORÂNEO – MANUAL DE MAGNETISMO – AS POTÊNCIAS OCULTAS DO HOMEM – OCULTISMO E MAGIA – e - CONTOS MARAVILHOSOS -, que constituem uma valiosíssima e bela contribuição em favor da Causa Espírita; estas obras impõem-se dentro de um fino recorte literário pela clareza e precisão descritivas, aliadas a uma lógica irrefutável nas suas fecundas e luminosas conclusões de elevada espiritualidade.

Colaborou, de 1905 a 1909, na revista "Estudos Psíquicos", de Sousa Couto, ao lado de Maxwell, Rosa de Luna, Quintin Lopez, de Reyle,

Albert de Rochas, etc., e na 'Revista de Espiritismo' da Federação Espírita Portuguesa. (1)

Apesar de já se encontrar doente, foi indigitado para 1º Presidente da mesma Federação, pelo Dr. António Joaquim Freire, mas pouco tempo ocupou o cargo, pois desencarnou em 21 de Janeiro de 1929.(2)

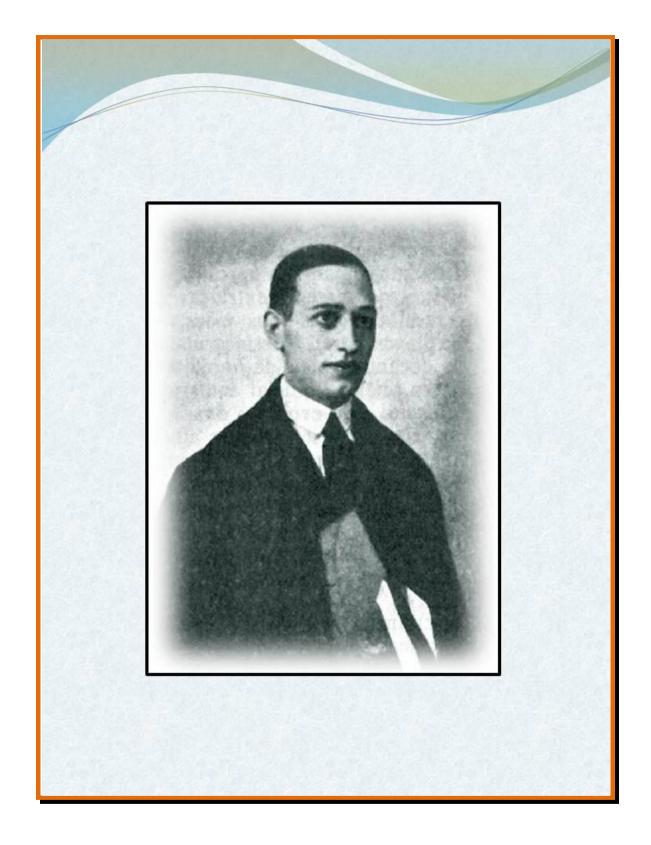
No capítulo "Concordância do Espiritismo com todas as Ciências", do seu livro O ESPIRITISMO CONTEMPORÂNEO, ele afirmava:

- "É realmente maravilhosa a forma concisa e clara por que o Espiritismo explica satisfatoriamente, sem perífrases nem ambages, e sem mesmo recorrer a esses palavrões esdrúxulos de um grego mais ou menos avariado, todos os fenómenos que as diversas ciências não têm logrado até hoje fazer sair da região dos factos obscuros ou duvidosos. E não menos é para admirar a facilidade com que o espiritismo se põe de acordo com as diversas ciências, harmonizando-as e completando-as.
- "É que, de facto, a doutrina espírita é a cúpula de todo o edifício científico, o elo que encerra e concatena numa síntese maravilhosa e única todos os conhecimentos humanos.
- " Pode dizer-se, sem receio de errar que o Espiritismo é a filosofia das ciências. E de facto:
- "Nascidos na mesma época, o Transformismo e o Espiritismo completam-se um pelo outro, e corroboram-se, quando a princípio pareciam destinados a degladiarem-se sem tréguas. Hoje todo o espírita é transformista, e todo o transformista (se fosse lógico), deveria ser espírita. Infelizmente, porém, a lógica não cabe em todos os cérebros, e por isso não a compreendem.

... e numa outra sua obra, denominada AS POTÊNCIAS OCULTAS DO HOMEM, escreveu:

- "Não há muitos anos ainda que os jornais de Nova York se ocuparam prolixamente das manifestações de um espírito que se materializava por uma intensíssima forma, em Astaria, mesmo em frente da grande capital, na residência de Mr. Hatot, homem riquíssimo e muito conhecido em Nova York.
- "Tendo-lhe morrido na idade de dezóito anos suas filha Lizzia, ele e sua esposa, para se consolarem, lembraram-se de mandar vir de Bóston, Mme. Hull, médium de materializações, com o fim de, por seu intermédio, poderem tornar a ver a filha idolatrada.
- "E, com efeito, durante todo o Inverno, os esposos Hatot puderam gozar da presença de sua filha Lizzia, que se materializava e desmaterializava à sua vista, em pleno salão.

- "Mme. Hull, o médium, caía em letargia sobre uma cadeira, à vista de todos.
- "Então, em breve, surgia do tapete uma pequena nuvem branca que, pouco a pouco, se ia adensando, tomando vulto humano, até que as formas graciosas de Lizzia se desenhavam com toda a nitidez e relevo, vivas, palpáveis como outrora.
- "Então a criança ressurgida corria a abraçar seus pais, sentava-se junto deles, ou então dirigia-se ao piano, tocava os seus trechos favoritos ou cantava em voz alta, acompanhando-se conjuntamente.
- "Outras vezes subia ao seu quarto, acompanhada pelos seus pais, revolvia as roupas e os seus antigos brinquedos e punha-se a fazer a sua 'toilette' com o mesmo cuidado que empregava quando viva na Terra.
- "Mas estes factos extraordinários em breve começaram a propalar-se no exterior, donde resultou enviar a imprensa os seus reporteres, que foram bizarramente recebidos, seguindo-se daí os relatórios que foram publicados nos jornais mais lidos de Nova York e doutras cidades da América do Norte."
- 1 Revista de Espiritismo da Federação Espírita Portuguesa, nº. 2, de 1929;
- 2 Dr. António Joaquim Freire: "Da evolução do Espiritismo", edição FEP, 1952.



(Dr.) ALBERTO ZAGALO

(Dr.) ALBERTO ZAGALO

ALBERTO ZAGALO FERNANDES tirou o seu curso em Lisboa, na Faculdade Técnica (Instituto de Ciências Económicas e Financeiras).

Quando estudante, por mais de uma vez foi eleito presidente da Associação Académica, tendo pugnado ardorosamente para que a extensão universitária atingisse as massas trabalhadoras fosse por meio de cursos como de conferências populares; lutou, igualmente, para que as Casas de Estudantes se tornassem uma realidade e, a par de uma habitação condigna, os académicos pudessem encontrar o ambiente necessário à formação moral e intelectual que procuravam.

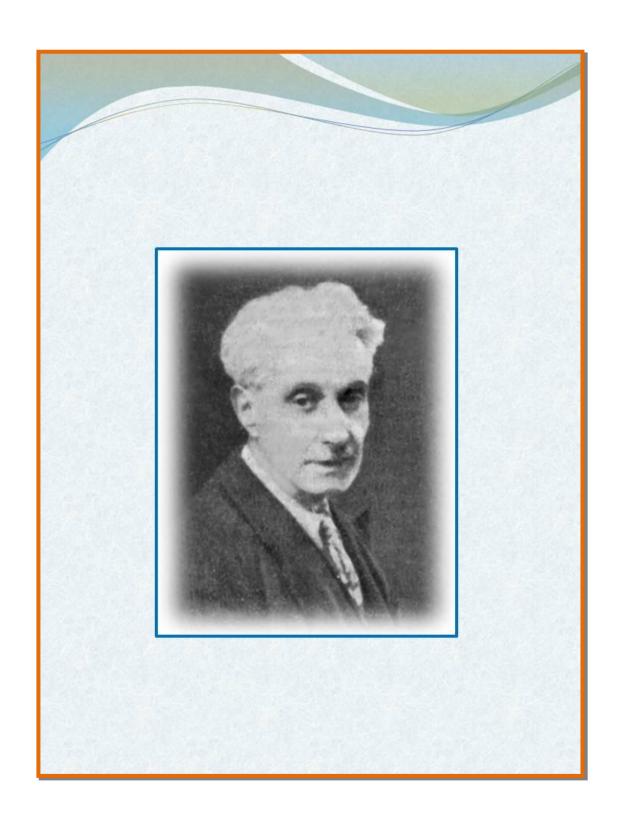
Dotado de rara inteligência, vasta cultura e actividade invulgar, envidou os melhores esforços, infelizmente defraudados, no sentido de ver publicada uma revista que servisse de órgão oficial à Federação Académica e que, por intermédio da qual, se pudesse fazer a divulgação científica .

Estudante ainda, de tal modo se deixou apaixonar pelas Doutrinas Neo-Espiritualistas que para elas viveu quase que exclusivamente até ao final da sua vida, tendo cooperado prestimosamente na organização da Federação Espírita Portuguesa, sendo um dos Membros do Conselho Superior Deliberativo e seu Secretário Geral, em atitudes, a todos os títulos, louvável.

Tendo sido atropelado, quando atravessava a Praça do Marquês de Pombal, faleceu dois dias depois no Hospital Santa Maria, para onde foi conduzido, preocupando-se até aos momentos finais — não com a sua situação e sofrimento, mas com a sorte do motorista que o vitimara, para ele pedindo o perdão da lei, tal como ele o perdoava!

Faleceu em Lisboa, em 4 de Marco de 1927. (1)

1 – Revista de Espiritualismo da Federação Espírita Portuguesa, Outubro de 1939.



(Dr.) ALFREDO MOTA

(Dr.) ALFREDO MOTA

ALFREDO GOMES MACEDO MOTA "era laureado pela Faculdade de Medicina do Porto, de cujo corpo docente fez parte, como 1º assistente. Foi estagiário da Faculdade de Medicina do Paris, com longa prática em sanatórios anti-tuberculosos de Davos-Platz. Durante 17 anos exerceu clínica em climas tropicais, especializando-se no tratamento da sífilis, moléstias da pele e vias urinárias, em cuja clínica chegou a obter verdadeiros milagres. (1)

Depois de 20 anos no Rio de Janeiro, onde trabalhou na sua profissão, Regressou a Portugal em 1923, abrindo, então, em Espinho, um consultório de clínica homeopática. Os seus doentes, espalhados por todo o País, consultavam-no por escrito, tendo realizado, mesmo de longe, algumas curas surpreendentes.

Denodado propagandista do Espiritismo, pela palavra e pelo exemplo, colaborou na revista 'Além', da 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas', tendo sido Presidente da Assembleia Geral desta colectividade por algumas vezes.

Sobre si próprio, escreveu:

"Por que rifei eu a filosofia com que fui criado nesta minha pátria? Depois de ter atingido e praticado o lugar de 1º assistente da Faculdade de Medicina do Porto, tive a intuição de pedir a minha demissão e ir para o Brasil experimentar a minha profissão de clínico com os conhecimentos adquiridos na minha escola-mãe e com esta prática tive bastas contrariedades, até que me relacionei com um dentista de origem patrícia e diplomado no Rio, já falecido e que foi nos últimos anos presidente de um centro espírita. Assisti a várias sessões que eliminaram parte da minha ignorância e fui lendo os livros que ele me emprestava, até me tornar espírita convicto, momento em que fiquei crente em Deus, coisa que não conseguira desde criança, apesar da prática católica.

"Deista de observação estimulada, conviria notar que a homeopatia batia frequentemente na alopatia e chegou um dia memorável em que um colega brasileiro, que me não conhecia, me chamou ao telefone e pediu uma conferência para um cliente que estava muito mal com uma cistite hepática supurada e que se negava a deixar-se operar, enquanto o seu médico quando entrou no Rio, a não viu e deu o seu conselho. A cliente morava agora a cinco léguas da capital, na Madureira.

"Combinei com o colega ir vê-la na manhã seguinte e, sem lisonja para o assistente brasileiro, disse a toda a família que a operação era inadiável e absolutamente precisa. Ouvi toda a família a chorar e voltei para o Rio. Não mais pensei no caso, até uns quinze dias depois em que fui procurado no consultório por uma filha da doente, mãe de mais filhos, que me ia pagar a conferência.

"Então, a sua mãe, melhorou?

"Nem logo, nem nunca, porque família amiga nos aconselhou a chamar médico homeopata e este, sem uma beliscadura, pô-la completamente boa, sendo hoje uma pessoa feliz e contente.

"Fiquei encavacado com o que ouvi e, ao sair do consultório, fui comprar o 'Organon da arte de curar', de Samuel Hahnemann.

"Perdi a noite em leitura e poucos dias depois já estudava matéria médica homeopática e ofereci aos doentes tratamento alopático e homeopático.

"Mas os resultados das primeiras experiências eram tão evidentes, que em pouco tempo deixei de dar a escolher o método de tratamento. Era médico homeopata exclusivo, o que tenho sido sempre, desde que regressei a Portugal, abandonando no Brasil o ganha-pão único que tenho tido – a clínica homeopática. Aqui há oito anos, nunca fiz senão homeopatia e alguns crentes nela tenho conseguido, embora o meio seja impróprio, pela onda de materialismo que envolve a maioria da população portuguesa.

"E objectam-me muitos: porque relaciona a homeopatia com o Espiritismo?

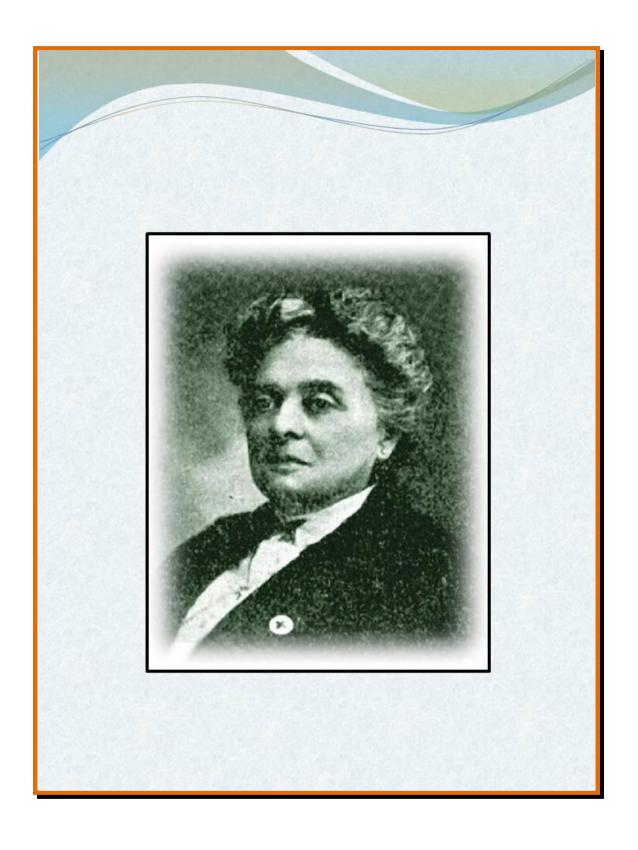
"Porque fui para aquela por intermédio deste. Se não tivesse sido, primeiro, espírita, ainda hoje receitava drogas alopáticas. Ainda mais: se sou hoje naturista, prática do vegetarismo alimentar, é porque também modifiquei a minha ciência higiénica. A evolução é capaz de me levar ainda mais longe...

"(...) Sou espírita homeopata e vegetariano à custa de sacrificio feito da minha docência na Faculdade de Medicina do Porto, para onde entrei por unanimidade de votos do corpo docente".(2)

Esta 'Confissão' foi escrita em Espinho, aos 17 de Novembro de 1940, cidade onde desencarnou em 14 de Outubro de 1941.

^{1 –} Revista portuguesa Estudos Psíquicos, Novembro/Dezembro de 1941;

^{2 –} Revista portuguesa Estudos Psíquicos, Novembro/Dezembro de 1940.



(Dra.) AMÉLIA CARDIA

(Dra.) AMÉLIA CARDIA

AMÉLIA CARDIA DOS SANTOS COSTA nasceu em Lisboa em 1 de Novembro de 1855.

Em criança, teve sempre uma saúde muito débil, chegando a estar num recolhimento. Ao voltar para casa, e dando mostras de bastante lucidez e grande inteligência, dedicou-se com grande entusiasmo ao estudo, nele mostrando as suas grandes capacidades de aplicação e vontade.

Assim, estudou os clássicos portugueses e latinos, dedicando-se, ainda, à crítica filosófica.

Quando as necessidades materiais se revelaram, fazendo-a pensar num trabalho remunerado, dedicou-se ao estudo da Medicina, "fazendo rapidamente todos os exames preparatórios e formando-se em 1891, depois de ter feito um curso distinto". (1)

"Foi a primeira senhora que defendeu tese" – com o tema 'Febre histérica' –, doutorando-se em Medicina em Lisboa, e também a primeira que concorreu ao internato hospitalar, sendo admitida com louvores. (1)

Visitou, depois, os melhores hospitais estrangeiros, a fim de estudar os melhoramentos introduzidos na enfermagem, com o intuito (que concretizou) de montar uma casa de saúde em Lisboa, convencida de que a verdadeira missão da mulher médica era a de directora dos serviços de saúde, onde a fiscalização atenta e contínua dos serviços prestados às doentes, mais lhes pudesse aproveitar.

Quando regressou, montou o seu consultório na Praça Luís de Camões, em Lisboa, frequentado durante muito tempo por numerosa clientela de todas as classes sociais, na sua maioria gente pobre, a quem tratava gratuitamente.

Em 1908 fundou a 'Casa de Saúde da Estrela', frequentada pelos mais categorizados cirurgiões da época.

Em 1916, já com 59 anos, recolhe à vida privada acalentando, então, a tendência literária que cedo se vira obrigada a pôr de parte. A sua inteligência, aliada a um coração generoso que apenas desejava expandirse, manifestou-se em curiosos e interessantes romances psicológicos que

escreveu na sua Quinta de Camarate, onde vivia. A "Pecadora", "Alforria", "Remorso", "Episódios de Guerra", "Visionário" foram alguns dos títulos que vieram a lume, então, saídos da sua pena, bem como o "O Contágio da Tuberculose". (2)

Mais tarde fixa residência em Lisboa. (3)

Colabora activamente na 'Ilustração Portuguesa', no 'Século' e no 'Diário de Notícias'. (2).

Conjuntamente com seu irmão, Pedro Cardia, integra-se no Movimento Espírita, que desponta, fazendo parte, em 1926, da 1ª Junta Consultiva dos 1°s. Corpos Sociais da Federação Espírita Portuguesa e da Comissão Pró-Sede da Federação.

É-lhe entregue a Direcção da revista espírita da F.E.P., 'Mensageiro Espirita', que dirige primorosamente, durante cinco anos, 'com lutas acérrimas; desde o artigo de fundo, sempre adequado às circunstâncias e vasado em ouro de lei, até à análise dum fenómeno ou à crÍtica duma obra filosófica, a sua presença era notória — era mesmo inconfundível.' 'Tais normas legou ao seu sucessor, que as dificuldades, para este, eram quase insuperáveis, pois se tornava indispensável seguir a tradição dum jornal mentalmente acreditado e a bagagem do legatário era deficiente e sujeita a sérios precalços.' (4).

Participa, ainda, com diversos artigos, da Revista de Espiritismo, daquela mesma Instituição.

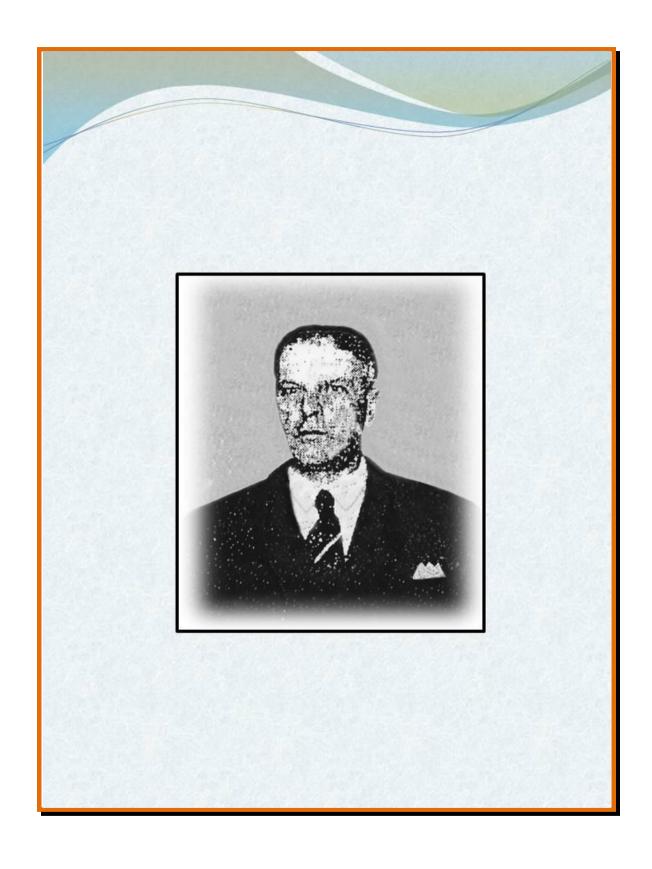
'A doutora Amélia Cardia pertence à categoria dos obreiros que não esquecem. Enquanto houver espíritas e órgãos de propaganda, o seu nome há de ser lembrado com veneração e sentimento.

'Mulher de convicções arreigadas e espírito forte à maneira antiga, foi coerente com a sua obra e jamais transigiu com o dolo ou a veniaga'. (4)

Em 1930, lemos, na Revista de Espiritismo, da F.E.P., no nº. de Maio/Junho, que Amélia Cardia escreveu o livro "Na atmosfera da Terra", que ofereceu à Federação, para que o produto da venda do mesmo fosse canalizado para ajuda do pagamento das despesas de construção da sede daquela Instituição.

Desencarnou em 30 de Abril de 1938.

- 1 Enciclopédia Luso-Brasileira;
- 2 Dr. António Joaquim Freire: "Da Evolução do Espiritismo", edição FEP, 1952;
- 3 Revista "Mensageiro Espírita", da Federação Espírita Portuguesa, Maio/Junho de 1938;
- 4 Revista portuguesa "Estudos Psíquicos", nº.7, de Maio de 1945.



(Dr.) AMILCAR DE SOUSA

(DR.) AMILCAR DE SOUSA

AMILCAR AUGUSTO QUEIROZ DE SOUSA, "nasceu em Cheires, Alijó, em 1876.

"Conforme podemos ler na Enciclopédia Luso-Brasileira, era filho de abastado viticultor duriense e formou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra em 1905, partindo, depois, para Paris, onde se dedicou ao estudo das doenças da nutrição.

"De regresso a Portugal, lançou-se numa intensa campanha em prol do Naturismo, como a mais racional forma de se viver, e do Vegetarianismo, como alimentação sadia, indicada para combater e curar as doenças da nutrição.

"Fundou e dirigiu a revista 'O Vegetariano' e a Sociedade Vegetariana de Portugal, de que foi o primeiro Presidente.

"Na imprensa e no livro, pelo palavra e pelo exemplo, proclamou o poder terapêutico das vitaminas, sob a forma de frutos e vegetais, comprovando-o com as curas obtidas na sua clínica, que exercia gratuitamente. Viajou pela Europa e na América, em excursões de estudo que enriqueceram a sua larga bagagem de conhecimentos, na especialidade a que se devotou, e manteve contacto estreito com sumidades médicas de renome mundial.

"Além de inúmeros artigos em revistas científicas e em jornais, publicou os seguintes livros: 'O Naturismo', 'A Saúde pelo Naturismo', 'A Cura da Prisão do Ventre', 'A Redenção', 'O Naturismo em 20 Lições', 'Banhos de Sol' e 'Arte de Viver', este último em 1934 e o único de sua autoria que não foi traduzido em espanhol. À data da sua morte, tinha em preparação um volume sobre vitaminas, que ficou incompleto.

"Foi também um activo defensor dos interesses da viticultura duriense, pugnando, em conferências e artigos na imprensa periódica, pela criação da 'Casa do Douro', como um dos organismos necessários para garantir a alta qualidade do vinho do Porto e promover a sua expansão e comércio".(1)

"Com a leitura da "Revista de Estudos Psíquicos", editada pelo Dr. José Alberto de Sousa Couto, e com os livros "Do Pais da Luz", com mensagens psicografadas pelo médium português Fernando de Lacerda, e um pouco de abnegação – é fácil tocar um herege. Porém, só quando o

destino fez com que, durante anos, levasse a cabo milhares de experiências com a sonâmbula Alice Santa Rosa, em Lisboa, é que cheguei à conviçção de que havia mais do que a matéria opaca e miserável que me haviam ensinado ser a base de tudo – um como que fundo de reserva sem vida..." – declarou, no Porto, no início de uma palestra que fez sobre 'O Homem Macaco'. (2)

Dedica parte do seu tempo à Federação Espírita Portuguesa e à Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, fazendo, por várias vezes, parte dos seus Corpos Sociais como Presidente de Direcção e da Assembleia Geral.

No elogio fúnebre que lhe foi feito, na Revista 'Além', de Março/Abril de 1940, lemos:

"Pessoa boa e sincera, foi um apóstolo do bem, da paz e da saúde.

"Seguindo a máxima 'mens sana in corpore sano' – dedicou a sua desvelada e persistente atenção, durante 30 anos de actividade intensa, a aconselhar os homens – como Rosseau – a procurarem a felicidade na saúde do corpo e a conseguirem-na pela integração progressiva e metódica da sua vida nas regras do instinto de obediência às leis da mãe natureza. Mas os homens não o entenderam.

"Foi um admirador de Buda até à morte, esforçando-se por não fazer aos outros aquilo que não desejava que lhe fizessem.

"Desejava que todos os homens se amassem, sem distinção de raças nem credos políticos ou religiosos, vivendo inteligentemente na santa paz de Deus".

Era também editor da revista 'Além', propriedade da 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Porto.

No seu testamento, publicado na referida revista, e que transcrevemos por diferente de tudo o que estamos habituados a ler, notamos a importância do Naturismo e de como, aquilo por que ele lutou há sessenta, setenta anos atrás, vai surgindo agora como o melhor para a saúde de cada um e para a cura de muitas doenças; vejamos :

"Saúde pelo Naturismo! Vai começar o ano de 1940. Todos quantos amam a sua Pátria, bem a devem louvar nos seus oito séculos de existência gloriosa. Devemos prestar o culto máximo à Terra onde nascemos, para a redimirmos. O único objectivo da minha vida foi tentar renovar a minha geração pela Reforma Alimentar, principalmente. A influência de um homem, quase sozinho num objectivo destes, resultaria efémera e temerária!? Se as taras de cada indivíduo são o maior dos entraves, as dum Povo são invencíveis; até intransponíveis! Mas, teria tido força, prestígio e razão para tentar uma 'revolução' destas? Não! Vejamos o problema um pouco em detalhe. Compenetrei-me da verdade naturista de podermos viver de frutos, de folhas e raízes de plantas no seu estado natural e de ser precisa

a exposição dos nossos tegumentos ao Sol, por higiene individual (1910). E, assim, comecei a ensaiar em mim próprio, com trinta anos feitos, médico pela Universidade de Coimbra em 1905 e na cidade do Porto, escrevendo o livro 'O Naturismo' e dirigindo uma revista mensal ilustrada Vegetariano', órgão da Sociedade Vegetariana de Portugal, fundada em 1910. E, não bastando tais esforços, realizei, por todo o País, uma série interminável de conferências e escrevi numerosos artigos, de explicação e convicção sobre a vida ao ar livre e ao sol e a alimentação progressivamente eutrófica. Fundou-se em Lisboa a Sociedade Naturista Portuguesa. Após o sucesso da novidade, o público foi comendo mais fruta e a vida ao ar livre foi-se desenvolvendo, sobretudo na estação quente. O sol, só por si, dá vida à Terra toda. Infelizmente, essa Sociedade não se interessou pelo sonho deste pobre médico português! Também a medicina nacional não me chamou a terreiro para fazer, num hospital, a demonstração do Naturismo quase desconhecido nos livros franceses por onde estudamos nas nossas Universidades. Foi um sacrifício fruste.

"Sem ter para onde apelar, algumas curas se foram realizando sem vigilância clínica de quem tivesse competência. Mas, é bom dizer mais uma vez, o fim do Naturismo é mais higiénico e profiláctico. A Naturo-terapia é um campo especializado e de grande transcendência... Fui continuando e estudando em mim próprio a acção de todas as dietas livres, sem utilizar sangue nem álcool. A minha geração não pôde encarar o problema na sua magnitude, pois um homem só, mesmo com a maior energia, esbarra com uma série infindável de preconceitos e hábitos, infelizmente invencíveis. Restavam uns ou outros 'casos' a debelar, mas não era esse o objectivo superior da Doutrina, pois, compor uma vida não é fácil e é uma questão de Medicina Naturista, e de 'Casa de Saude', infelizmente não existente. Se o homem é frugívoro por natureza (como a Zoologia afirma, mas tem abusado da comida cozinhada, de sangue e de álcool) o seu retorno não pode realizar-se facilmente senão com um alto critério de observação. É uma reforma molecular, ou mesmo celular, digna de estudo. Propus-me, em vão, à Sociedade das Nações, fundar na Ilha da Madeira uma Escola de Crianças acabadas de criar ao leite materno e depois alimentadas somente a fruta e sol... Mais Vegetarismo, na estação fria, fiz; e mais fruta, das cerejas às castanhas. Eis o viver deste médico em trinta anos. Tudo com método e regra.

"Para a frente e para trás. Avançando e retrocedendo pois, a Natureza não dá saltos: passei assim trinta anos! Por essa altura principiaram a aparecer as primeiras noções sobre vitaminas (1914, começo da primeira Grande Guerra). Todos os naturistas mandavam comer, anteriormente, os frutos, as saladas cruas como origem e fontes de vida, bem assim tomar banhos de sol beneficiadores do nosso sangue através dos tegumentos desnudados. E fui dizendo cá para mim próprio: *Então*, *já não estarei só!* A

Ciência tomará conta do Naturismo! O alimento de lume, fica privado de vitaminas!? Infelizmente, só muito devagar (por interesses criados, até oficialmente), o valor das vitaminas tem sido devidamente espalhado e apreciado. Pode imaginar-se o prazer sentido pelo sucesso dos estudos na Alemanha e nos Estados Unidos da América, reproduzidos estes pela Sociedade das Nações, nos seus Boletins. Infelizmente, a França estava em atraso e grande... Custa muito dar o braço a torcer, pois, se assim é (como tudo concorda) adeus medicina das drogas e adeus comida de sangue e de álcool, no futuro! Assim, pensei, deverá ser. Essa reforma impõe-se e há-de realizar-se. Estou convencido de poderem curar-se todas as doenças com aplicações e Agentes e alimentos naturais e jejuns bens conduzidos e a tempo. De tudo quanto acaba de ler-se se deu parte durante anos pela Imprensa. Exercer clínica remunerada nunca foi o objectivo de quem se confessa ser impossível levar a cabo, sem 'Casas de Saude' próprias, a Clínica Naturológica. Cada qual compreende os motivos e bem. Curar necessita de carinho e assistência, cuidado e sugestão e, até, arte. Nas nossas casas, a família dificulta com os seus usos e com os seus hábitos, tudo. Demais, domina o ancestralismo e pesa como chumbo sobre o nosso entendimento a gula, um dos pecados máximos da raça. O Naturismo verbera o uso do sal das cozinhas como o maior perturbador da vida. O Naturismo é contra a morte e seu aproveitamento dos animais da terra, mar e ar, pois comer os seus despojos, sem armas, é impossível e ninguém pode comer carnes cruas. O Naturismo é contra toda a culinária de despojos cadavéricos, porém, permite a alimentação de vegetais cozinhados (sobretudo a vapor) na transição (mormente). O Naturismo não deixa tomar drogas nem beber ou introduzir no organismo substâncias embriagadoras. É um sistema depurador por excelência.

*

"Um testamento desta forma não representa senão um estímulo. É de franqueza e sinceridade. Não foi vaidade a sua directriz, ao elaborá-lo, para ser publicado depois da minha morte... Não a temo. Mas, tenho pena de não ver Portugal mais naturista... E não ficarem muitos médicos a seguirem a sã Natureza... Sem médicos é impossível. Quando, libertos da escravidão dos Laboratórios das drogas, dominadores, e dos arcaísmos das anarquias das dietas, os médicos, estudiosos e práticos, poderão curar os seus doentes com vantagens preciosas para o seu renome. E assim, deixarão de usar o sistema alopático cheio de inconvenientes. Tentei com meia dúzia de volumes condensar a doutrina emancipadora. Desgraçadamente, desapareço deste mundo sem ter feito a menor Escola de Naturistas! Foi quase em vão este esforço de uma vida de apóstolo... Pessoalmente, minha estremosa mãe legou-me uma sífilis congénita cardíaca. De dez irmãos

ficou com vida um só e este vosso criado. Os outros cedo deixaram esta vida terrena. Do lado paterno, houve nove casos de cancro. Procurei, sem drogas químicas, precaver-me dos efeitos dessas duas flageladoras heranças. A minha vida está, porém, em crise. A linha marcada em volta da eminência tenaz para os cripto-quirólogos, traz impressa crise por esta idade. Ainda procurei o melhor dos recursos: ir viver para os arredores da cidade do Funchal, onde há fruta fresca todos os dias nos pomares e folhas de plantas e raízes comestíveis e raladas, com relativa facilidade, bem como o sol tem muitas horas de visibilidade. A família e as circunstâncias fizeram abandonar esse projecto de sempre, tão acariciado, como bem se compreende. Quem quer ser naturista deve pelo menos viver numa região sub-tropical. Entretanto, na região intertropical, eis o verdadeiro habitat humano. Na zona temperada e no Inverno é mais difícil entre nós. Pareceme ter vencido a tara cancerosa, filha só do ácido úrico já inexistente no meu organismo. Quanto ao ataque da sífilis ao meu coração, julgo ter sido a causa da minha desencarnação. Fui Presidente muitos anos da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, assim como da Sociedade Vegetariana, Porto. E, conscientemente, acedi a esses pedidos de eleição. Afinal, na vida é preciso tomar um rumo – pois tudo está escrito e estudado. E Neo-Vegetariano e Neo-Psiquismo são noções englobadas para purificação do corpo e elevação do espírito. Fazem parte de Doutrinas pouco seguidas, porém, filhas de causas primárias e fundamentais. Dum organismo construído por alimentos ofensivos de animais sacrificados e cozinhados (por consequência, desvitalizados) não podem provir, com o álcool de acicate – ideias de paz, equilíbrio e bondade! Assim não resultará se nos observarmos mesmo por incidente, num pomar-jardim e pudermos fazer uma refeição de boa fruta, por um tempo ameno e sossegado. Infelizmente, a humanidade persiste em envenenar-se com alimentos de carnes e álcool e estimular-se com chá, café e tabaco, etc.... Dos resultados de todos os atropelos duma vida assim postiça, a fome e a guerra. Pobre raça! Filósofos, em todos os campos, têm dado em vão ilusões de panaceias a todos os distúrbios do género humano. Afigura-se ser o Naturismo o remédio basilar e regenerador, moral e necessário, total. Assim como aceitei de bom grado os ensinamentos advogados por Buda (quinhentos anos antes de Cristo): 1º - não matar homens ou animais; 2º - não tomar drogas nem embriagantes; 3° - não mentir; 4° - não roubar; 5° - não desejar as mulheres dos outros. Este Código condensa a moral mais pura. Ao querer, um dia, indagar os motivos deste apostolado, a sonâmbula extralúcida, Alice Santa Rosa, com a qual fiz quatro anos de experiências de grande interesse, disse em transe (1920): 'O teu guia é o teu avô, morto com um nó nos intestinos. Tua alma viveu no corpo dum sacerdote budista! Assim conjugados esses dois factores tinham necessariamente de ser um divulgador do Naturismo. Assim estava determinado e cumpriste'.

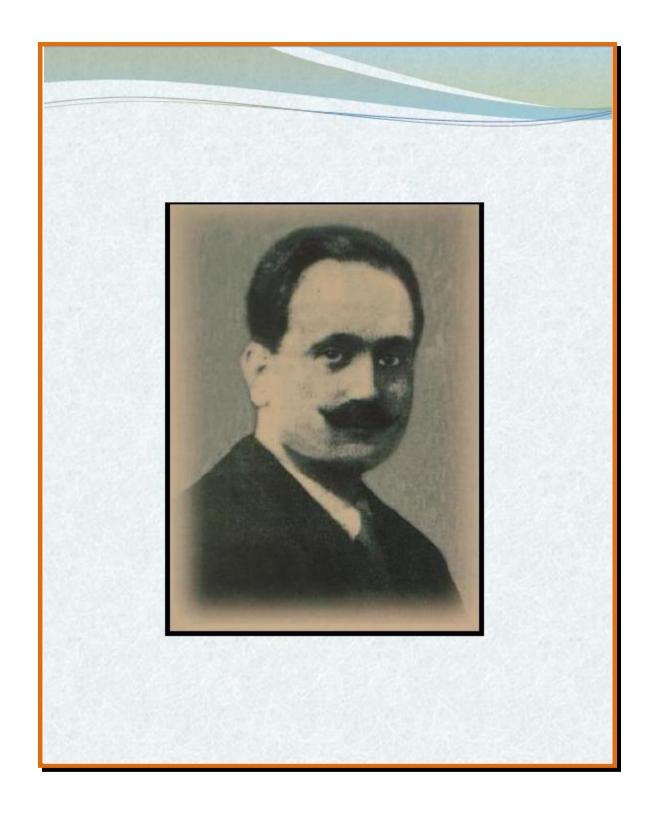
Despeço-me deste mundo de ingratidão e de maldade, sem saudades. E oxalá me tenha 'depurado' e 'evolucionado' para não voltar a encarnar para retomar este caminho de ensinar ou tentar modificar a raça humana". – Assinado, Amílcar de Sousa. (3)

O Dr. Amílcar de Sousa desencarnou no Porto no dia 14 de Março de 1940.

10 – Enciclopédia Luso-Brasileira;

3 – Revista "Além", da S.P.I.P., de Outubro de 1930.

^{2 –} Revista "Além", de Outubro de 1930, da "Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas", do Porto;



ANTÓNIO CASTANHEIRA DE MOURA

ANTÓNIO CASTANHEIRA DE MOURA

ANTÓNIO CASTANHEIRA DE MOURA nasceu em Abril de 1865 em Vila Seca (Tábua), vindo muito novo, ainda, para Lisboa, onde trabalhou humilde e arduamente.

Inteligente e empreendedor, com brevidade se estabeleceu com uma padaria modesta, no Alto da Palmeira, de onde se mudou, mais tarde, para a Rua de D. Pedro V, esquina da rua da Rosa, onde instalou uma padaria modelar que, na época, fez sensação em Lisboa. Com o tempo, fundou 246 estabelecimentos de produção e venda. (1)

Não sabemos quando 'descobriu' a Doutrina Espírita mas, segundo o Dr. António Joaquim Freire no livro "Da evolução do Espiritismo", Castanheira de Moura foi um fervoroso propagandista dos velhos tempos, e um dos fundadores da F.E.P. (1926), a quem consagrou o melhor do seu esforço, dedicação e proficiência. À sua actividade e dedicação se deve a entrada de muitos sócios para a F.E.P., desde a sua fundação".(2)

Folheando as revistas de Espiritismo e Metapsicologia da Federação Espírita Portuguesa, e a revista "Além", da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Porto, encontramos não só muitos artigos da sua autoria como muitos outros por si traduzidos, com que enriqueceu as páginas daquelas revistas.

Em 1950, devido aos desmandos da Direcção que se encontrava a dirigir a F.E.P., Castanheira de Moura é um dos espíritas 'da velha guarda' que assina a carta dirigida a todos os espíritas, pedindo que compareçam à Assembleia Geral que se vai realizar e patrocinem a lista eleitoral para a dignificação e propaganda do Espiritismo.

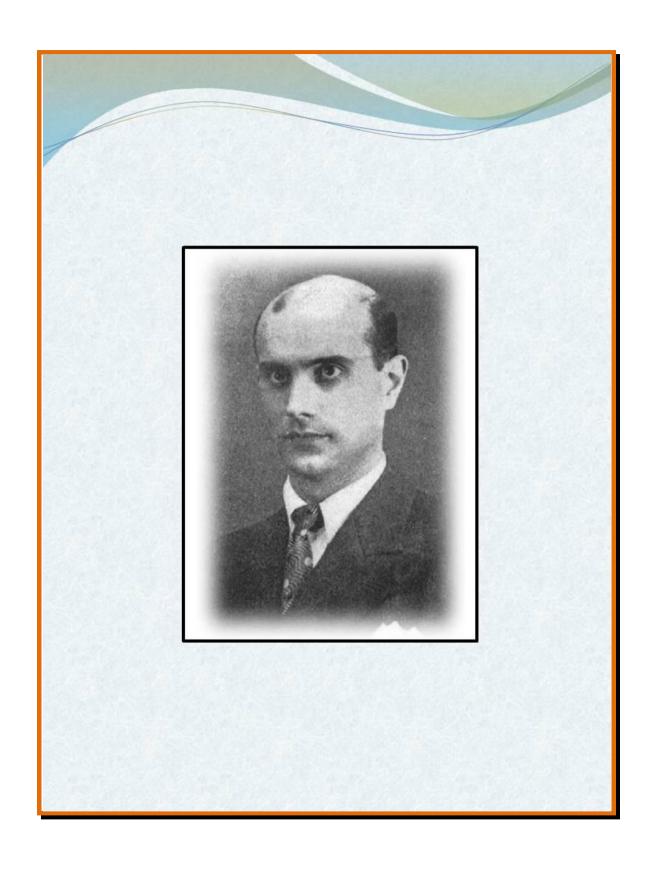
Nesta mesma A.G. é eleito vice-Presidente mas, a partir de Janeiro de 1953, com a demissão do Dr. António Lobo Vilela, é ele que passa a gerir os destinos da F.E.P., mantendo-se na Direcção até depois da ordem de encerramento feita pelo Ministério da Educação, em Novembro do mesmo ano, e ficando como fiel depositário depois das portas seladas.

É ele, ainda, que assina e incentiva a criação do Laboratório de Experiências Metapsiquicas, da F.E.P., para cuja criação foi necessária a alteração dos Estatutos. Este pedido de alteração e aprovação foi o ponto de partida de que o Governo se serviu para tudo o que se seguiu, com a afirmação de que a Federação estava ilegal desde 1926.

Aqueles que o conheceram, inclusive João Correia dos Santos, genro de um seu sobrinho, afirmam que a doença que o vitimou foi uma consequência de todas as preocupações que a situação da F.E.P. lhe provocou.

Desencarnou em Março de 1961.

- 1 Enciclopédia Luso-Brasileira;
- 2 Dr. António Joaquim Freire: "Da evolução do Espiritismo", edição FEP, 1952.



(Dr.) ANTÓNIO LOBO VILELA

(Dr.) ANTÓNIO LOBO VILELA

ANTÓNIO EDUARDO LOBO VILELA nasceu em Vila Viçosa em 25 de Fevereiro de 1902, em lar católico, tendo sido educado nos princípios de uma moral austera, mais laica que religiosa, não tendo chegado a ser católico praticante apesar de baptizado.

Preocupado, desde muito novo, com as desigualdades do ser humano, a educação científica que adquiriu afastou-o mais e mais do vago sentimento religioso com o qual crescera.

A contradição que verificou, entre Deus e a existência do mal, sem a negação de um dos dois – mas porque a negação de Deus representasse para ele a negação de toda a esperança – fizeram com que entrasse numa fase de pessimismo, que tentou combater com leituras filosóficas, que foram desde Platão a Descartes, de Espinoza a Rousseau, de Comte a Darwin, passando por Dante, Haecktel e outras que ainda mais o perturbaram e dilaceraram o seu espírito.

Em 1921, quando estudante em Coimbra, e em reunião com colegas que procuravam, também eles, uma verdade sem fraudes, descobriram na "manifestação da mesa pé de galo" uma evidência que não só os levou a pôr de parte a ideia do sub-consciente ou telepatia, mas lhes confirmou a presença de uma inteligência que ficava para além dos que ali se encontravam reunidos naquela experiência.

Este facto marcou-o profundamente e a leitura de Maeterlink, com o seu livro "A Morte", muito o impressionaram, embora as experiências de regressão de memória, realizadas em França pelo Coronel Albert de Rochas, o lançassem em novas confusões.

Depois do seu regresso a Lisboa, e em oportunas trocas de impressões com o Dr. António Joaquim Freire, médico de sua família, que lhe falou dos fenómenos espíritas, com os quais há muito se mostrava interessado, orientado e estimulado por ele, de novo se dedicou à leitura de obras metapsíquicas de autores que, alheios à fenomenologia espírita, lhe inspiravam confiança, pela sua autenticidade.

Vem, depois, a ler Allan Kardec, Léon Denis, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, e verifica que "a teoria das vidas sucessivas, que inicialmente havia achado tão extravagante, ligado como estava às teorias da biologia materialista, era um princípio fundamental que lhe fornecia a solução para os inúmeros problemas morais e sociais". (1)

Segundo o seu filho, o advogado Dr. Lobo Vilela, António Eduardo Lobo Vilela foi "um espírito multimodo, permanentemente inquieto na ânsia de rasgar novos horizontes no domínio do conhecimento humano, questionando as verdades tidas por axiomáticas, invectivando os velhos tabus e seus seguidores, desprezando os elogios fáceis e as benesses cúmplices, lutando, mas lutando a sério, com todas as armas do espírito e a força da razão, contra tudo o que de incoerente, de atrabiliário, de injusto, magoasse ou sequer pudesse vir a magoar qualquer ser humano, independentemente do seu sexo, da sua cor, da sua idade, do seu estatuto social e económico".(2)

" Coragem moral e coragem física foram apanágio seu. Pelas suas convicções, pelas suas certezas, até pelas suas dúvidas (sempre encaradas como etapas metodológicas, dentro dos melhores princípios cartesianos, sofreu por si e sofreu pelo que fez sofrer a sua família - licenciado em matemáticas e em engenharia geográfica com alta classificação, viu-se afastado do ensino público por virtude das suas ideias; fundador do Movimento de Renascença Democrática, colaborador 'Presença' e da 'Voz da Justiça', mais tarde 'Seara Nova', da 'República' e do 'Diário de Lisboa'; fundador da 'Editorial Inquérito' com Eduardo Salgueiro, e posteriormente da 'Gleba' e da 'Sirius'; tradutor excelente de grandes autores estrangeiros, nomeadamente dos clássicos gregos; fundador da União Socialista e seu lídimo representante aquando das discussões da integração com o Partido Socialista Português e o Partido Trabalhista Português; membro da Comissão Central do Movimento de Unidade Democrática – MUD, e fundador do MUD Juvenil – viu-se mais de uma vez perseguido politicamente e encarcerado em condições ignominiosas". (4)

Precisamente devido a estas e outras perseguições políticas, ao ser eleito Presidente da Direcção da Federação Espírita Portuguesa, em 1953, aceita o cargo, de que chega a tomar posse para se demitir três meses mais tarde para "não prejudicar a Federação". (3)

Da sua obra, fazem parte os livros:

Didácticos:

- Sobre o Ensino das Matemáticas Elementares (1933);- Sobre a Didáctica das Matemáticas (1937);- Caderno de Matemática (Álgebra e Geometria) para o 2º Ano dos Liceus (1937);- Caderno de Matemática (Álgebra e

Geometria) para o 3º Ano dos Liceus (1937);- Exercícios Resolvidos de Trignometria para o 6º Ano dos Liceus (1937);- Exercícios Resolvidos de Álgebra para os 4º, 5º e 6º anos dos Liceus (1937);- Métodos da Matemática (1938);- Métodos Geométricos (1939).

Literários:

- Infinitismo (1932);- A Crise da Universidade (1933);- A Universidade falou! (1933);- Ao Serviço da Democracia (1945);- Linha Geral (1946);- Questões Pedagógicas (1946);- Democracia (1949);- Ciência e Poesia (1955);- Do Sentido Cómico e Trágico da Vida (1956);- Problemática do Homem (1963);- Perspectivas (1964);- Nação e Trono (1964).

Espíritas:

- A Morte é Vida (1930 – 2ª edição); Poder Mental (1931 – 1ª ed. Tip. Leiriense, Lda.) (1945); (3ª ed. 1994, ed. da 'Associação Espírita de Leiria'); Hipóteses Metapsiquicas (1940); O Destino Humano (1941);O Problema da Sobrevivência (1941).

<u>Traduções:</u>

- Protágoras e Critone;- Menóme e Pasmínios;- Tutelo;- Diálogo sobre a Justiça;- As vespas e as aves (de Aristófanes); - Plutus;- Nuvens; e outras obras de Plutarco, Licurgo, Sólone, Péricles, Linandro, Pelópides, Demóstenes, Cícero, Valério, Publicula, Agis e Cleómenes; de Shopenhance, de Darwin, de L. Rebreance; de de Andreiew, de Chantipie, e outros . (4)

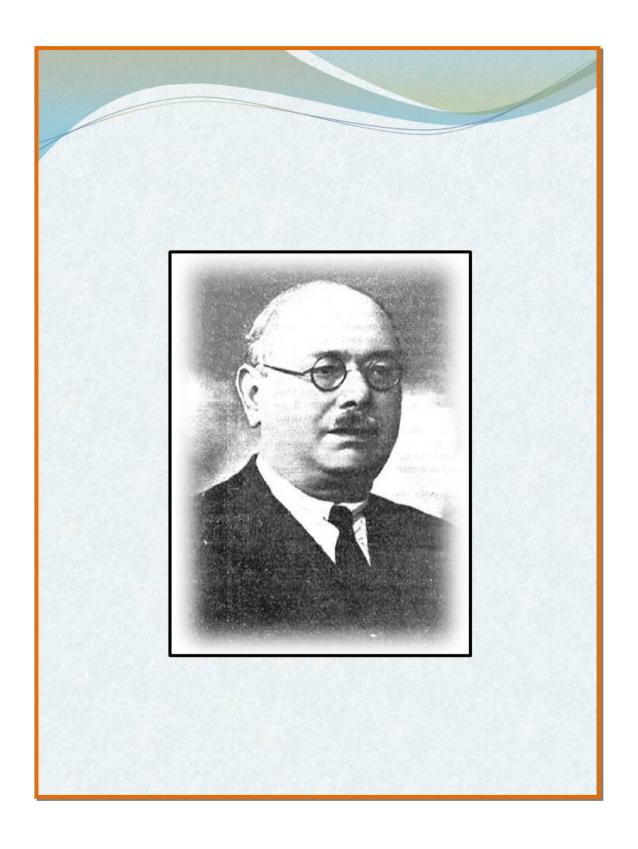
Encontrando-se já bastante doente quando foi preso, não voltou a recuperar a saúde debilitada com a libertação (para a qual muito contribuiu a manifestação e protesto de amigos e conhecidos, que com a sua manifestação quase forçaram as autoridades à sua libertação), vindo a falecer em 25 de Março de 1966. (5)

^{1 – &}quot;Como se tornou espírita" – Revista portuguesa 'Estudos Psiquicos', nº. 11, de Setembro de 1944:

^{2 –} da palestra de seu filho, Dr. Lobo Vilela, em 25 de Fevereiro de 1994, a quando da apresentação da reedição do seu livro "O Poder Mental", que a 'Associação Espírita de Leiria' promoveu;

^{3 –} Revista de Metapsicologia da Federação Espírita Portuguesa, 1953;

^{4 –} Das palavras da Dra. Isabel Saraiva, Presidente da 'Associação Espírita de Leiria', na apresentação do livro "O Poder Mental", em 25/2/1994.



ANTÓNIO E. R. DA SILVA

ANTÓNIO E. R. DA SILVA

ANTÓNIO ESTEVES RODRIGUES DA SILVA nasceu numa pequena aldeia do distrito de Viseu no ano de 1874.

De família humilde, depois dos primeiros estudos, feitos na sua terra, entrou para o Seminário de Santarém aos 14 anos de idade, fazendo o curso eclesiástico com distinção, sendo nomeado pároco da freguesia de A dos Cunhados, pouco se demorando ali.

Transferido para a freguesia de Barcarena, aqui desenvolveu notável acção educativa, na instrução de analfabetos e na organização de Montepios e Cooperativas.

De 1892 a 1900 dedicou-se ao ensino secundário livre exercendo, paralelamente, o Magistério no Liceu Nacional de Santarém.

Desempenhou, durante anos sucessivos, as funções de administrador de concelho, primeiro na Vila do Montijo e, mais tarde, na de Sintra.

Em 1913 entrou para a função pública, sendo colocado na Câmara de Lisboa, e chefiando o Arquivo Geral até 1935, data em que passou a desempenhar o cargo de Chefe de Repartição dos Jardins e Cemitérios, no qual se manteve até à sua reforma.

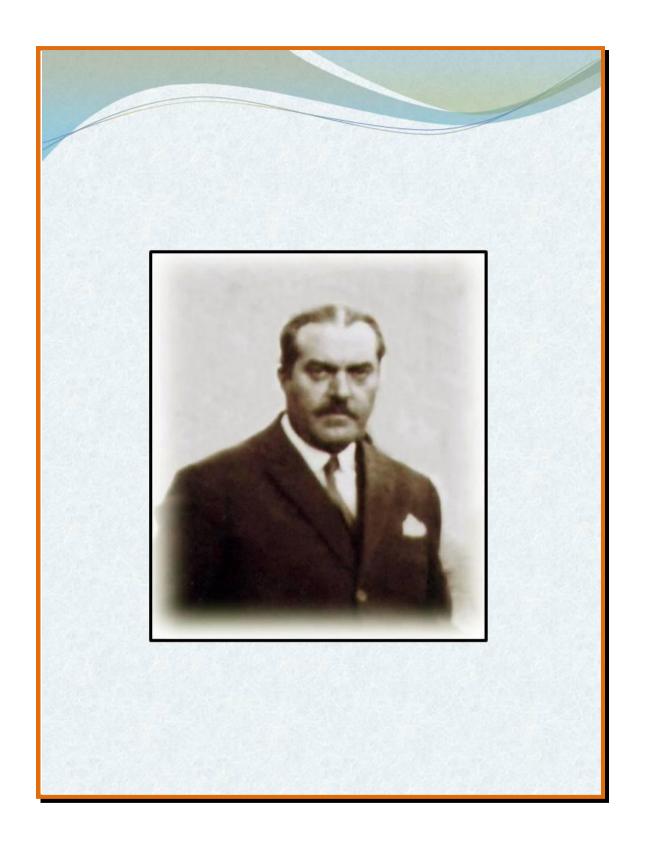
De inteligência invulgar, bondade cristã e profundamente religioso, Esteves Rodrigues era de uma impressionante modéstia e afabilidade.

Os seus serviços à Causa do Espiritismo e à Federação Espírita Portuguesa, desde a fundação da mesma, foram relevantes, fazendo por várias vezes parte dos Corpos Directivos: foi um dos componentes da Comissão Fiscalizadora nomeada pela Assembleia Geral de 27 de Novembro de 1937 e, em 1940, Presidente do Conselho Fiscal.

À sua competente organização também ficou devendo, a Biblioteca da F.E.P., a modelar organização dos seus serviços. (1)

Faleceu em 11 de Março de 1940.

1 – Revista de Espiritualismo da Federação Espírita Portuguesa, Março/Abril de 1940.



(Dr.) ANTÓNIO JOAQUIM FREIRE

(Dr.) ANTÓNIO JOAQUIM FREIRE

ANTÓNIO JOAQUIM FREIRE nasceu em 20 de Julho de 1877 na freguesia do Espinhal, concelho de Peneda, distrito de Coimbra, formandose em Medicina pela Universidade desta cidade em Julho de 1904. Especializou-se, ainda, em Medicina Sanitária na mesma Universidade.

Em 1906 fixou residência em Penela, desempenhando os cargos de Médico Municipal e sub-Delegado de Saúde.

Em Fevereiro de 1911 participa, em Lisboa, do Congresso dos Médicos Municipais, organizado pela Associação dos Médicos Portugueses, destacando-se pela eloquência das suas intervenções.

Em Maio do mesmo ano é preso e colocado, incomunicável, na penitenciária de Coimbra, devido à intransigente oposição que, desde a proclamação, fez à República; transferido, depois, para a cadeia da Relação do Porto é, mais tarde, mandado para Lisboa, para a cadeia do Limoeiro, onde se vê colocado numa cela conjuntamente com ladrões e assassinos.

Nova transferência leva-o, conjuntamente com seus companheiros políticos, para o forte da Trafaria, de onde foge em Março de 1912. Consegue atravessar a fronteira para Espanha entrando, mais tarde, em França de onde segue, depois, para Itália. Aqui, embarca para a Argentina, onde se estabelece em Julho de 1913. Mas a estadia é provisória e dali segue para o Brasil, onde vive de 1914 a 1917 – data em que regressa a Portugal, fixando-se em Lisboa, na zona de Belém. (1)

Especializado em obstetrícia e ginecologia retoma a clínica, procurando e conseguindo refazer a vida a partir do nada, pois regressara a Portugal sem quaisquer recursos.

Vive honestamente o dia a dia, com grande esforço, mas em pouco tempo consegue criar, à sua volta, o respeito e a admiração de todos devido aos seus sentimentos de caridade aliados à ombridade e dignidade profissional.

Homem da Ciência, na melhor acepção da palavra, a par de apóstolo sincero da doutrina cristã, a sua meta de vida foi a de reanimar os descrentes e tonificar o espírito dos desiludidos. (2)

Estudou profundamente as correntes neo-espiritualistas que tanto interesse despertavam nos meios científicos e filosóficos da época, tendo escrito os livros: COMENTÁRIOS A UMA PASTORAL, em 1927; À MARGEM DO ESPIRITISMO (da Sabedoria Antiga à Ciência Moderna), em 1948; DA FRAUDE DO ESPIRITISMO EXPERIMENTAL e DA ALMA HUMANA, ambos em 1950, e DA EVOLUÇÃO DO ESPIRITISMO em 1952; do seu punho saíram inúmeros artigos publicados nas revistas espíritas da época, como "Revista de Espiritismo" da Federação Espírita Portuguesa; Revista "Luz e Caridade", de Braga; revista "Além", da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Porto; "O Espírita", também da F.E.P., e outras.

Os originais dos livros que escreveu, doou-os integralmente às entidades que os mandaram editar, negando-se totalmente a receber o mínimo do valor da venda dos mesmos, "ainda que tivesse de passar fome", como costumava dizer. (1)

A leitura das suas obras doutrinárias, sobretudo o livro "Da Alma Humana", revela-nos as íntimas manifestações vibratórias da matéria, desde a máxima condensação à mais alta desintegração energética, na confirmação da existência da Alma ou Espírito, e sua evolução através das vidas sucessivas.

Orador de extraordinários dotes, sabia expor o seu pensamento com clareza e notável poder dialéctico, confirmando sua invejável cultura científica e filosófica. Fez admiráveis conferências de norte a sul do país, esclarecendo e desenvolvendo aqueles pontos de seus trabalhos que, pela própria natureza, se mostravam menos acessíveis ao entendimento público, só percebidos pelos que, como ele, se encontrassem a par da ciência antiga, moderna e contemporânea.

Só um cérebro excepcionalmente bem dotado consegue navegar assim, em tais regiões do conhecimento, sem perda de equilíbrio e orientação.

Foi um incansável lutador a quem o muito trabalho, o muito estudo, os dissabores e ingratidões não lograram abater.

O nome de ANTÓNIO JOAQUIM FREIRE, tanto em Portugal como no Brasil, está definitiva e indelevelmente inscrito com letras de ouro nos Anais da História do Espiritismo.(1)

*

O Dr. António J. Freire descobriu a Doutrina Espírita em 1919, tendose manifestado no campo espírita em que, até então, passara despercebido, quando no ano de 1925, de 15 a 18 de Maio, tomou inesperadamente uma parte bastante activa na realização do Congresso Espírita Português de que, por iniciativa de José Francisco Cabrita e Manoel Caetano de Sousa, e insistência nas páginas do periódico espírita "Ecos do Além", do Algarve, se começou a falar, vindo a realizar-se em Maio de 1925.

Foi durante a sua realização que nasceu a ideia da criação da Federação, ideia essa concretizada em 31 de Julho de 1926, sendo António J. Freire o responsável pela nomeação do seu 1º Presidente, Dr. Afonso Acácio Martins Velho, a quem o ligava profunda amizade e respeito.

Nas suas deslocações ao Porto, Manoel Cavaco, da "Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas" apresenta-o a Firmino Augusto Teixeira, que comungando no mesmo Ideal Espírita e sabendo da sua preocupação em arranjar uma sede para a Federação, lhe oferece os bens necessários para a sua realização, doando ainda outros donativos, a serem geridos pela FEP, para distribuição pelos Centros Espíritas portugueses.

Anos mais tarde, devido ao comportamento de alguns dos elementos que compunham a Direcção, António Freire afasta-se da Federação; mais tarde ainda, escreve uma "Carta Aberta", publicada na Revista "Além", onde fala da sua expulsão – acontecida depois do seu afastamento - e da do Dr. António Lobo Vilela do quadro de sócios da F.E.P., referindo o comportamento daqueles mesmos Membros, da maneira como os pagamentos do legado de Firmino Teixeira `as Associações estava atrasado, e de como tinham deixado de se prestar contas das receitas da Federação aos seus Associados.

Depois de um período de afastamento (4 anos) devido a grave doença que o acometeu, volta pleno de energia para continuar a pugnar pelo Movimento Espírita Português e pela Federação, que auxilia de longe, enquanto as suas palestras vão sendo outros tantos punhados de sementes com que brinda uns e outros, pelo País afora. (3)

Em 1950, subscreve, com outros elementos responsáveis pela fundação da Federação, um abaixo-assinado, pedindo uma Assembleia Geral para eleição de novos Corpos Sociais, o que vem a acontecer mas, devido ao incremento que o Movimento federativo leva, desanima, afasta-se e, em 25 de Maio de 1953 o jornal citadino 'O Século', publica:

"Aos Espíritas Portugueses: António Joaquim Freire, médico, declara que retirou a sua colaboração e solidariedade à Federação Espírita Portuguesa de que é sócio fundador e honorário, como protesto contra a nova orientação que se verifica na sua REVISTA DE METAPSICOLOGIA. - Segue Reconhecimento".

Do prefácio do seu livro "CIÊNCIA E ESPIRITISMO", assinado por Delfino Ferreira e editado pela Federação Espírita Brasileira em Outubro de 1954, destacamos:

"(...) Indubitavelmente, o Dr. António Joaquim Freire, conceituado médico, respeitável elemento da sociedade do seu país, orador de fortes recursos e notável pela sua elequência, presteza de argumentação e

singular agilidade de raciocínio e agudeza de inteligência que lhe permite fácil e precisa apreensão do pensamento alheio, notabilizou-se ainda como jornalista, escritor e homem de acção.

"Neste último particular, basta assinalemos que por sugestão e insistência suas, tal o testifica o ilustre confrade e jornalista seu compatriota, Sr. Manuel Cavaco, fundou-se em começos de 1927 a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, de que foi destacado fundador e organizador, ao lado de vultos outros igualmente eminentes, não poucos já retornados à espiritualidade. (...)

"Já o facto de haver HÁ VINTE E SETE ANOS IDEALIZADO, DIVULGADO E POR FIM CRIADO A Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, imprimindo-lhe orientação e nela desenvolvendo operosa actividade, granjeou ao Dr. A. J. Freire o título de pioneiro do Espiritismo em terras lusitanas. Todavia de mais longe no tempo vinha seu frutuoso trabalho, de vez avultar seu nome à testa daqueles que, não sem inadjectiváveis esforços e sacrifícios, fundaram a Federação Espírita Portuguesa.

"(...) Volvamos, porém, ao nosso ilustre apresentado, de cujo fulgurante espírito revelámos algumas de suas melhores facetas. Uma há, entretanto, que cumpre evidenciada: a de defensor, ainda assim, que de polemista, da fulgente verdade dos princípios espiríticos e da liberdade de difusão e acção do Espiritismo. Para tanto limitar-nos-emos a uma apenas de suas corajosas e nobres atitudes no sector da actividade que vimos de pôr em tela: foi pelos idos de Março de 1927 (já às vésperas de nossos sessenta e quatro Janeiros conhecemos como é grato ao coração lembrar, dos longínguos dias, certos acontecimentos e posições que neles tomámos...). Foi pelos idos de Março de 1927: o diário católico NOVIDADES inserira, por certo orgulhoso de o fazer, longa Carta-Pastoral do Sr. Bispo de Braga. Tão longa (e afinal tão inútil...) que exigiu três dias para sua integral publicação. Essa Pastoral do ilustre Primaz das Espanhas e senhor ainda de outros títulos de que a humildade de Jesus fugiria, tornou-se, como não poderia deixar de ser, notável. Celebrizou-se... conquanto não houvesse logrado por isso entrar na História. E, como igualmente não poderia deixar de ser, atacou rudemente o Espiritismo, concluindo – o que seria ilógico não o fizesse e tornaria sem objectividade a Carta – por lançar sua episcopal excomunhão aos espiritistas da velha cidade e sobre a revista LUZ E CARIDADE, órgão, ainda hoje em circulação, do Centro Espírita de Braga, Bom Jesus. Como de esperar, de vez que verdades não poderia articular, nem, pois, justas acusações formular, primou a Pastoral pelo excesso de linguagem e pelas habituais falsidades. E porque não dize-lo? Também calúnias. Veio-lhe, então, de pronto à liça, pelas colunas de REVISTA DO ESPIRITISMO, o Dr. António J. Freire, em substancioso

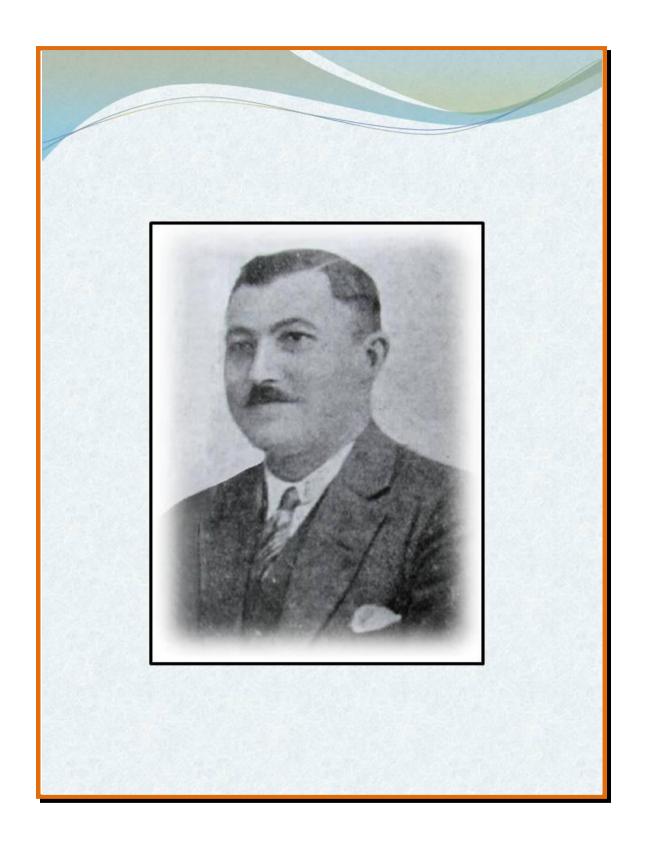
artigo de cerca de catorze páginas, através das quais contestou a Pastoral, dentro sempre das directrizes da Doutrina Cristã, mostrando e demonstrando, serenamente, as finalidades do Espiritismo, fundamentando-se para tanto no testemunho da Ciência, da Filosofia e da Religião, como, sobretudo, escudando-se na autoridade das Escrituras e de venerados Doutores da Igreja, mormente dos que pontificaram nos seus primeiros anos.

"Da importância dessa defesa diz alto o facto de os espiritistas de Coimbra haverem mandado fazer uma edição especial do importante trabalho, sob o título COMENTÁRIOS A UMA PASTORAL, que de imediato se esgotou.

"(...) Como se verifica face a uma personalidade dinâmica, uma inteligência aguda, cultivada e activa, um espírito que, não envelhecendo, não deixa que os anos – e já não são poucos – entorpeçam, pela velhice física, o corpo, a que imprime energia e vontade. (...)"(4)

O Dr. António Joaquim Freire desencarnou em Lisboa, no dia 2 de Março de 1958.

- 1 Revista FRATERNIDADE, da 'Associação de Beneficência Fraternidade', nºs. 182/183 de Agosto/Setembro de 1978;
- 2 Revista Espírita REFORMADOR, da Federação Espírita Brasileira, de Março de 1960;
- 3 Revista ALÉM, da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas;
- 4– Delfino Ferreira, Outubro de 1954, no prefácio da edição brasileira do livro CIÊNCIA E ESPIRITISMO, editado pela FEB.



(Dr.) ARTUR DIAS PRATAS

(Dr.) ARTUR DIAS PRATAS

Poucos elementos conseguimos encontrar deste Espírita da 'velha guarda'.

As revistas que mais se lhe referem, e onde encontrámos artigos seus, são a 'ALÉM', do Porto, e a 'Estudos Psíquicos', de Lisboa.

Da segunda, transcrevemos:

"(...) Criado desde a minha meninice num ambiente religioso, foi inoculada no meu espírito a crença em Deus e na existência da alma.

"Era uma crença abstracta, à qual se adicionava outra com coloridos mais positivos e realistas: a crença nas recompensas celestiais e nas eternas penalidades sofridas nas sulfúreas chamas no infernal reino de Satanás.

"Fiz-me homem. Casei catolicamente, segundo o meu credo religioso. Vivi feliz durante alguns anos... até que um dia ... - quanto me custa recordá-lo!... – resvalei no terreno alagadiço do adultério...

"Começou aqui o princípio das minhas dores. Perdi a noção de mim próprio e... deixei-me rolar, sem dar pela minha queda, nem procurar reagir-lhe.

"Felizmente, não se esvaiu por completo da minha alma o amor da família. Foi este amor que me fez ver quanto a afligia e me fez reconsiderar sobre a injustiça de que ela estava sendo vitima e do caminho errado que eu trilhava, com prejuízo do bem-estar daqueles que deviam merecer-me mais respeito e mais acr5isolada assistência.

"Foi então que na minha alma soou o primeiro rebate de um alerta!... que me segredava:

"- Suspende a marcha!... Arripia caminho...

"Oh!... Quanto não lutei e sofri desde esse momento!...

"Uma luta se iniciou no meu peito entre a asneira e o dever; eu, porém, obsidiado, - porque o estava – não conseguia criar em mim a

energia necessária para garantir a vitória deste contra aquela. Era um pusilânime entregue passivamente aos míseros encontrões dos potentados do mal.

"Foi nesta critica situação que procurei reaver a força de vontade de que carecia, na igreja em que fora educado. Em vão o fiz, porém: infeliz na escolha do meu director espiritual – que não conhecia – comportou-se ele com tão pouco tacto e tão fraca inteligência... que não alterou a minha situação moral...

"Entreguei-me então à oração, em que, com ardor, pedira me fosse concedida a força de que necessitava para me libertar das apertadas e sólidas malhas que me prendiam. Orei... Orei muito e ... Deus, sempre disposto a perdoar, ouviu-me, aproximando de mim um Amigo espírita que, com brandos conselhos e sãs leituras que me franqueou, me foi abrindo os olhos.

"Um dia chegou, enfim, em que me foi facultado assistir a uma sessão, na qual o Guia do médium, começando por relatar coisas que só eu podia conhecer e outros que só mais tarde verifiquei serem verdadeiras, terminou por me censurar firmemente, aconselhando-me a não contrariar a Lei de Deus, que... - prodigiosa metamorfose se operou em mim!... – ao retirar-me dessa sessão, não mais pensei em procurar a criatura que ia causando a minha desgraça e a da minha família.

"Eis porque me fiz espírita, crença que subsequentes leituras e factos que verifiquei, mais e mais arreigaram no meu espírito. Grato me é hoje confessar: a falta que cometi, visto ter sido por causa dela, - e pela ajuda da Graça de Deus -, que consegui que alguns raios de luz viessem incidir sobre a minha alma, para guiá-la nos sinuosos atalhos desta vida cruciante e dolorosa." (1)

Sobre ele escreveu J. S. M., na revista 'ALÉM':

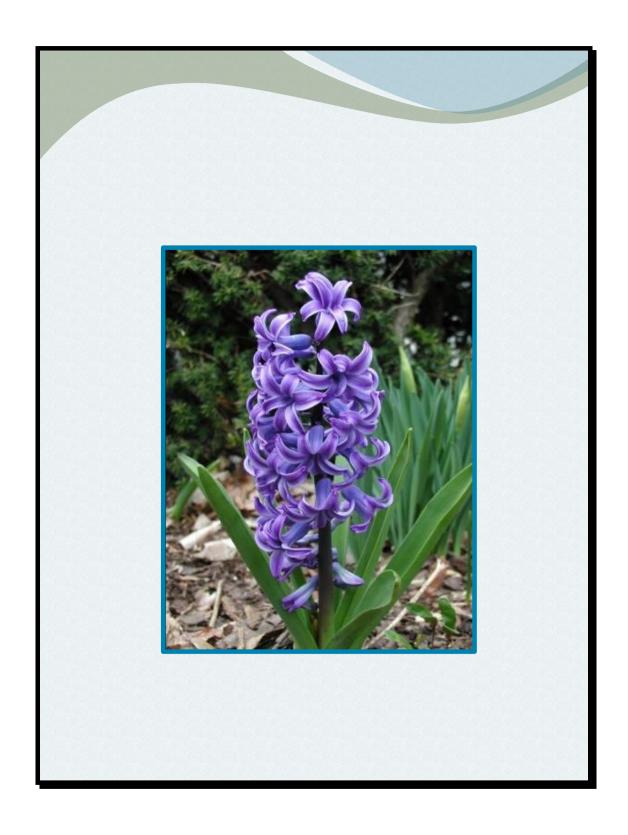
- "(...) Foi, em Portugal, um dos mais fecundos defensores do neoespiritualismo, não só na tribuna, onde algumas vezes fez ouvir a sua voz de crente e ardoroso doutrinador, como na imprensa, onde se tornou notável e muito apreciado pelo valor filosófico e científico dos seus artigos e pelo desassombro da sua fulgurante dialéctica que em certos meios culturais causou espanto, porque era um médico e também observador-chefe do Instituto Geofísico da Universidade de Coimbra.
- "(...) Ousado como poucos, desprezando interesses e preconceitos sociais, conveniências e regras protocolares da sua vida profissional, pelas suas firmes decisões e atitudes, pelo sacrifício e virtude de seus actos, classificou-se ... como um apóstolo sincero e verdadeiro desta nossa doutrina de luz, amor, harmonia e caridade, no seu tríplice aspecto de filosofia, ciência e religião, que ele, com grande devotamento e

entusiasmo tão dignamente soube defender, depois de um estudo analítico de factos que rigorosamente observou no Espiritismo experimental, laboratório onde conheceu – segundo o seu testemunho – a verdade e o caminho para novos rumos da ciência e da moral cristã, e onde apreciou, também, as faltas e erros que não soubera reprimir quando integrado numa religião em que fora educado, e que tão mal servia e serve o progresso e evolução da espécie humana. (2)

Artur Pratas Dias colaborou, desde 1930 até ao seu desencarne, nas páginas da revista ALÉM, da S.P.I.P., e em vários jornais e revistas espíritas dáquem e dalém Atlântico (2), "sendo os seus escritos largamente apreciados por muitos daqueles que desconheciam o Espiritismo e o julgavam apenas pelo reflexo de palavras espalhadas inconscientemente e com lamentável deselegância, por detractores que fazem de tais criticas rendosa profissão." (2)

Desencarnou em Coimbra, onde quase sempre viveu, em 14 de Outubro de 1946, com 60 anos. (2)

- (1) Revista portuguesa 'Estudos Psíquicos', nº. 4, de Fevereiro de 1945;
- (2) Revista portuguesa 'Além', da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicos, de Setembro/Outubro de 1946.



(Dr.) BARROS E SOUSA

(Dr.) BARROS E SOUSA

JOSÉ DE BARROS E SOUSA, Juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, à data do seu desencarne, foi um dos mais dedicados e activos pioneiros do Espiritismo, em Portugal.

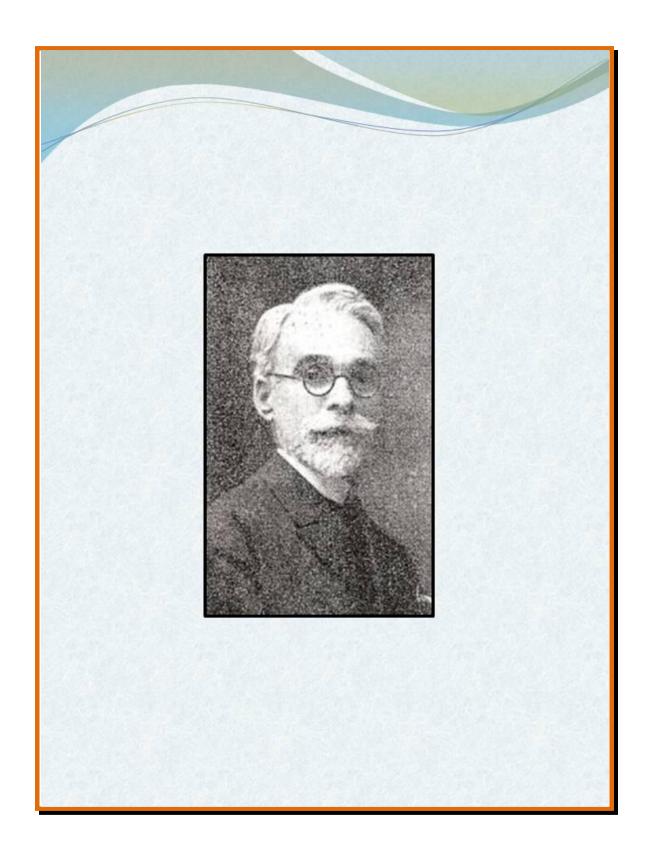
"Dirigiu com superior critério, num largo espírito de tolerância e de ecletismo, durante alguns anos, a revista 'Luz e Caridade', de Braga, tendo exercido lugares proeminentes na 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas'.

"Magistrado integérrimo, sabendo aliar harmonicamente a justiça com a magnanimidade, cidadão prestimoso, confrade devotado, chefe de família modelar, os finos quilates do seu espírito e a nobreza da sua alma estão vincados nas suas últimas disposições testamentárias que reproduzimos como homenagem à beleza moral dos seus sentimentos cristãos: «««Peço com muita humildade e insistência: - Toda a modéstia no meu enterro; que o meu corpo, vestido com a beca de magistrado, seja encerrado em caixão de pinho, e transportado ao cemitério mais próximo pelo caminho mais curto numa carreta da Casa do Povo, e enterrado na vala comum. Desejava que o meu falecimento não fosse anunciado nos jornais, nem por qualquer outra forma, senão depois do enterramento. A todos quantos receberam de mim alguma ofensa, a todos quanto devo seja o que for, peço humildemente perdão. Espero que a ninguém escandalize o que deixo pedido.»»»" (1)

Num dos seus artigos, cujo tema foi a morte, escreveu: "A morte não é motivo de terror mas um prelúdio de novas claridades".

Desencarnou no Porto, no dia 1 de Dezembro de 1930.

(1) - 'REVISTA DE ESPIRITISMO", da F.E.P., de Janeiro/Fevereiro de 1931



(Dr.) BATISTA RAMIRES

(Dr.) BATISTA RAMIRES

ADOLFO BATISTA RAMIRES terá nascido por volta de 1872. Foi professor do Instituto de Agronomia, onde regeu a cadeira de microbiologia, e por todos considerado um cientista — na verdadeira acepção da palavra, interferindo em vários congressos para o progresso das ciências biológicas.

Sócio da Academia das Ciências e de Institutos estrangeiros, manteve estreita ligação com investigadores, como Lakowsky, que lhe referiu o nome em algumas das suas obras, referindo-o como verdadeiro mestre.

Espírita fervoroso, a sua convicção era inabalável, não ocultando as suas ideias onde fosse preciso manifestá-las.

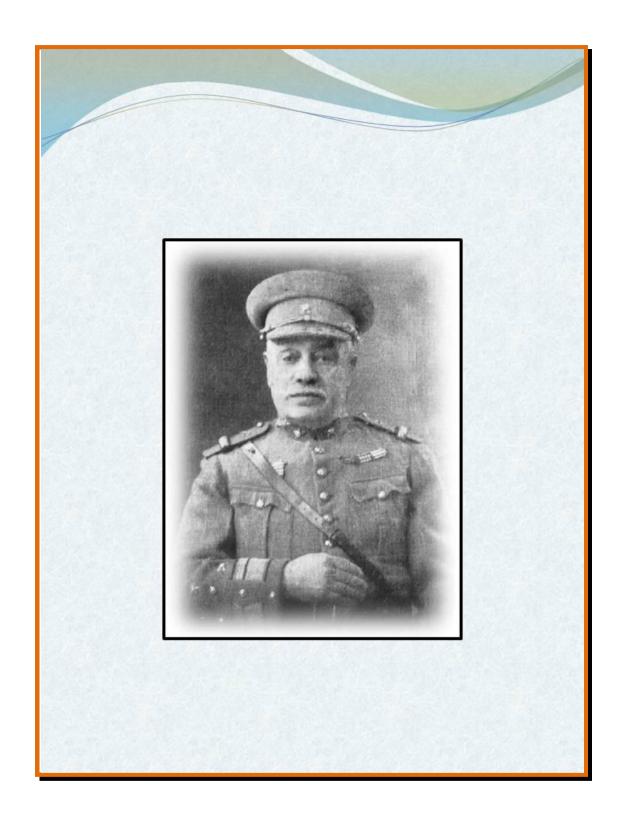
Colaborou assiduamente da revista 'Estudos Psíquicos' – 2ª fase, com um estilo muito próprio, onde se confundia a poesia com o cultor da ciência dedicado às coisas da Natureza.

"Homem simples e profundamente sensível, teve vida modesta e não se deixou embriagar com os louros conquistados à força de trabalho e inteligência.(...) Era um gosto ouvi-lo dissertar."

Foi, por diversos anos, sócio do Centro Espiritualista Luz e Amor, chegando a participar de alguns dos trabalhos que ali se desenrolavam.

Desencarnou em 10 de Março de 1952, com 80 anos. (1)

1 – Revista Portuguesa 'Estudos Psíquicos, Maio de 1952.



(Gen.) CABRAL QUADROS

(Gen.) CABRAL QUADROS

ARNALDO COSTA CABRAL DE QUADROS fez parte da Junta Consultiva dos primeiros Corpos Sociais da Federação Espírita Portuguesa de 1926, dando a sua colaboração à mesma até 1940.

Sendo um dos fundadores da Federação Espírita Portuguesa, dela se demitiu naquele ano, por não concordar com o procedimento da então Direcção vigente e da maneira como a mesma estava utilizando o legado que Firmino da Assunção Teixeira deixara para os Centros Espíritas e para a própria Federação, sem qualquer justificação ou satisfação para os legítimos beneficiários. (1)

Espírita da velha guarda, contribuiu para a construção da sede própria da F.E.P., e assinou inúmeros artigos publicados na 'Revista de Espiritismo' e na revista 'Estudos Psíquicos', segunda fase, sendo assinante desta última desde o seu primeiro número.

Em artigo publicado na 'Revista de Espiritismo' da F.E.P., afirma e esclarece:

"(...) Há já alguns anos que sou espiritualista, e isto, porque as provas da espiritualidade vieram inesperadamente ao meu encontro, e por assim dizer saíram-me ao caminho, e com tanta evidência se deram as manifestações que presenciei, que tive de me render perante elas e modificar consequentemente as convicções tão mal fundamentadas que tinha, e que caracterizavam a época em que comecei a pensar e a estudar.

"A consequência imediata dessa reviravolta do meu espírito foi o começar a dedicar-me ao estudo teórico e prático do espiritismo. As provas concludentes continuaram a aparecer, postas de parte, claro está, as fraudes inconscientes, e até por vezes conscientes, que se não podem evitar e que tanto prejudicam o espiritismo.

"Já absolutamente convicto das verdades espíritas alguém me levou para os estudos teosóficos, estudos que também me agradaram completamente, porque me continuaram a ensinar o 'porquê' e o 'para quê' da nossa existência. Bem ou mal, o problema da vida tem hoje para mim uma solução clara, pelo menos na sua generalidade, mas o mesmo não direi com respeito a diversas particularidades, pois muitas das incógnitas, que entram na equação, têm soluções que me não satisfazem em absoluto.

"Reúno, portanto, estas duas correntes espiritualistas, o espiritismo e a teosofia, que em mim se ligam admiravelmente, sem ser mesmo capaz, por mais que pense, de descortinar pontos de discórdia entre elas. São duas correntes espiritualistas dignas de estudo, dos que estão ansiosos por conhecerem a verdade.

"Não compreendo a razão porque as diversas correntes espiritualistas, respeitando-se mutuamente, não possam trabalhar unidas. As verdades fundamentais do espiritismo são as verdades fundamentais da teosofia, e, entretanto espíritas e teósofos olham-se com desconfiança, em vez de se unirem como irmãos. Estas e todas as outras correntes espiritualistas são dignas de estudo, em todas há que aprender, e, seguindo processos de investigação diferentes, todos têm contudo a mesma finalidade, que é o descobrir as verdades do ocultismo.

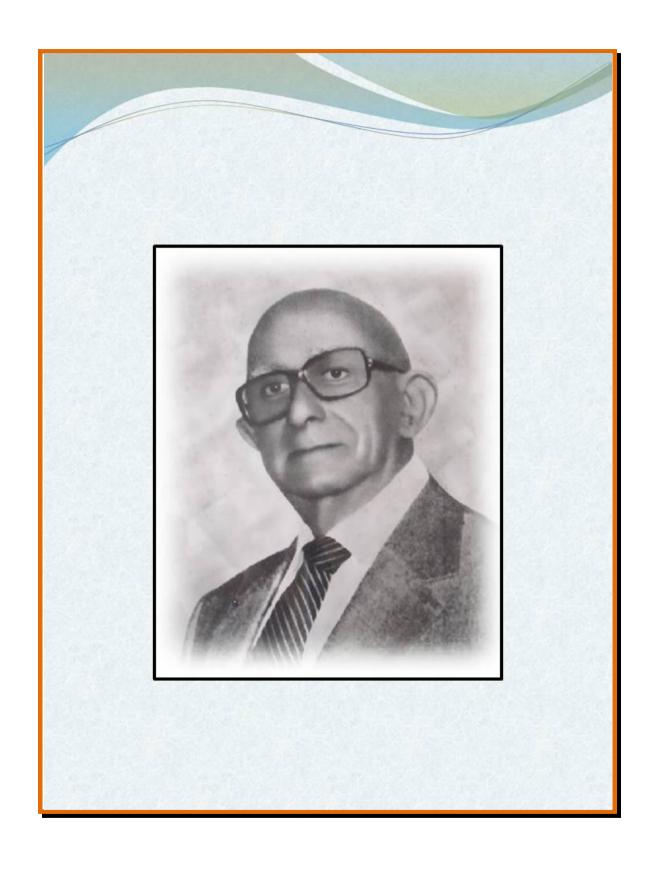
"A própria ciência oficial, também o que pretende afinal, é desvendar, por processos 'clássicos', as verdades ocultas, e entretanto trata com a maior ironia e desdém os ocultistas.

"Devemos trabalhar para a concórdia entre todos, principalmente entre espíritas e teosóficos, deixando a cada um os seus processos especiais de investigação. (2)

Desencarnou em Lisboa, em 28 de Fevereiro de 1943. (1).

^{1 –} Revista portuguesa 'Estudos Psíquicos', nº. 22, de Março/Abril de 1943;

^{2 – &#}x27;Revista de Espiritismo', da Federação Espírita Portuguesa, nº. 6, de Novembro/Dezembro de 1930;



CASIMIRO DUARTE

CASIMIRO DUARTE

Nasceu no Cadaval, em 1904.

Muito novo sentiu em si aquele 'não sei quê' que o fazia vibrar de forma diferente das gentes comuns, perguntando-se, talvez, o 'donde vim? Para onde vou?...'

Tendo 'descoberto' a Doutrina Espírita, em 1940 assumiu-se como espírita organizando um grupo de pessoas amigas, que começou a reunir semanalmente. Ainda neste ano inicia as suas deslocações anuais ao Brasil, onde – a par das suas funções civis de caixeiro viajante – ia aurir energias, como dizia, contactando espíritas e Centros brasileiros, na ânsia de aprender sempre mais para poder transmitir, aqui, tudo o que soubera e vira sobre orientação e preparação a dar às pessoas. Torna-se, assim, o espírita português mais conhecido no Brasil e, conjuntamente com Eduardo Fernandes de Matos, é através deles que começam a visitar Portugal alguns espíritas e médiuns brasileiros como Divaldo Pereira Franco, Nair Bravo, Newton Bouchat, Jorge Rizzini, e outros.

Em 1952 inscreve-se como o sócio nº. 450 no 'Centro Espírita Perdão e Caridade', fundado por Maria O'Neill. No mesmo ano, e por desistência de alguns elementos dos Corpos Directivos, integra os Corpos Sociais como 1º Vogal.

No dia 26 de Outubro de 1952 são inauguradas as novas instalações do C.E. Perdão e Caridade, de que Casimiro Duarte pagará, individual e pontualmente a renda durante os anos da perseguição governamental movida a todas as Casas Espíritas.

Após o 25 de Abril, reabre o Centro, procurando Izidoro Duarte Santos, do 'Centro Espiritualista Luz e Amor', e convidando para colaborar no mesmo o amigo Licínio Henriques, que sabia espírita. A Federação Espírita Portuguesa é reaberta nessa altura, por convocatória de Duarte

Santos e, eleitos os Corpos Sociais, fica a funcionar nas instalações do Perdão e Caridade.

Nas primeiras eleições do C.E.P.C. Casimiro Duarte desempenha o cargo de Presidente do Conselho Fiscal, até ao ano imediato, quando uma cisão entre os dirigentes dos dois Centros provoca a rotura, ficando Casimiro no Perdão e Caridade, que encerra por uns meses, para reestruturação, e de que é eleito Presidente a quando da reabertura.

Todos o referem como um homem dinânimo, enérgico e muito sério, jamais se aproveitando do Espiritismo para comércio.

Embaixador dos espíritas em terras brasileiras, ali leva um grupo de 20 pessoas que, como ele, professam o mesmo Ideal. Mas, o Brasil só já não o satisfaz e, aproveita as deslocações de trabalho ao Ultramar para contactar quem professasse das mesmas ideias. Conhece, assim, em Angola, a Dra. Ofélia Albuquerque e Maria da Conceição Nobre, cada uma com o seu grupo, no Lobito; em Luanda, Maria Cleofé Oliveira e João Xavier de Almeida; em Moçambique, António de Pina Gouveia, Artur Cruz, José Fernandes Pereira e Albino Trindade, todos com o grupo, depois Centro, 'Comunhão Espírita Cristã', em Lourenço Marques, e outros ainda, e acompanhou Nair Cravo na sua primeira deslocação a terras portuguesas de África.

Numa das suas deslocações ao Brasil conhece o Prof. José Herculano Pires, em S. Paulo, ficando a dar-se com a família. É assim que, depois do desencarne do espírita escritor, consegue da sua viúva a autorização necessária para a publicação, em Portugal, não só de todos os livros de Herculano Pires como, ainda, de todos aqueles que ele tivesse traduzido. Surge, então, em 1979, a edição portuguesa de 'O Livro dos Espiritos', com segunda edição em 1984 e outras mais a partir daí; em 1980 'O Evangelho Segundo o Espiritismo', com 2ª ed. em 1982, o livro espírita mais vezes reeditado em Portugal por aquela Associação; e, em 1981, 'O Livro dos Médiuns'.

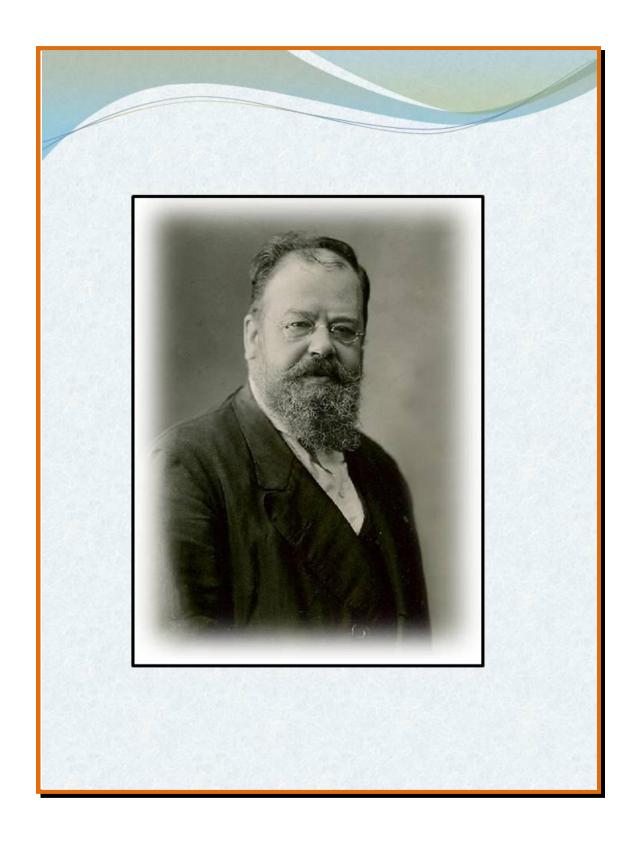
Consegue, ainda, da 'Federação Espírita Brasileira', do Rio de Janeiro, a autorização para a publicação do livro mediúnico, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier e ditado pelo espírito André Luiz, 'Conduta Espírita', que edita em 1982.

Contribui, com a sua presença e auxílio, para os Centros que se vão abrindo pelo País, e dando muitas vezes a sua colaboração e apoio a Eduardo Matos, da A. B. Fraternidade, da mesma maneira que participava no pagamento das despesas surgidas com as deslocações de espíritas brasileiros a Portugal, quando convidados pela F.E.P. ou por ele, ou por terceiros – desde que lho pedissem.

Sonhando com sede própria para a 'sua' Associação, move 'céus e terra' até conseguir a concretização do seu sonho; entretanto, as forças

começam já a faltar-lhe e delega num procurador a continuação da sua vontade, realizada poucos meses após.

Desencarnou em 26 de Dezembro de 1985.



(Dr.) DÁ MESQUITA

(Dr.) DÁ MESQUITA

JOAQUIM DÁ MESQUITA PAÚL, médico, poeta, (e humorista, como alguns o chamavam), nasceu em 1875, no distrito do Porto. Ele fez parte do grupo de Espíritas que nos precederam, acompanhando o nascer do Movimento Espírita, em Portugal, aprendendo e transmitindo os conhecimentos que foram adquirindo e lançando, assim, a semente que foi crescendo e multiplicando-se por aqueles a quem chegava.

Foi o sócio nº. 1 da 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas' e, por diversas vezes e durante alguns anos sucessivos, Presidente de Direcção e da Assembleia Geral, com uma participação sempre muito activa.

Folheando as Revistas do Passado, nelas encontramos artigos e poemas de sua autoria, com que brindava os leitores, principalmente na Revista "Além", propriedade da S.P.I.P..

Numa das suas conferências, na Sociedade de Estudos e Investigações Psíquicas, do Porto, em 18 de Outubro de 1940, recordou o tempo em que de tudo descreu, até que um dia... "o verdadeiro Deus que possui a Suprema Beleza, a Suprema Inteligência, a mais Inegualável Bondade, guiou meus passos de modo que comecei sentindo a sua influência benéfica e vivificadora.

"Hoje creio sinceramente em Deus, Causa primordial de todas as manifestações da vida; Força Suprema que se mostra de mil maneiras: - aqui, conservando os astros nas suas órbitas, ali conservando unidos os átomos dum corpo, aqui regulando os movimentos dos macro mundos, ali os movimentos dos micro mundos.

[&]quot; Volvamos, porém, uns quarenta e três anos para trás.

"Era eu ainda estudante da Faculdade de Filosofia na Universidade de Coimbra, quando, na república de que eu era um dos componentes, entrou o meu condiscípulo (...), dizendo que tinha visto uma mesa pé de galo a mover-se e a dar pancadas, etc... Que coisa extraordinária para nós... E nós que éramos desses espíritos fortes que negam até as próprias evidências, respondemos com uma gargalhada à notícia de acabávamos de receber. Pois se nós éramos espíritos fortes...

"Era a ignorância a esgrimir com a petulância.

"Eu também ri, mas ficou um ratinho a roer cá dentro, e eu com o da notícia e mais alguns fizemos várias experiências com a mesa de três pés, móvel que não faltava em qualquer república, e convencemo-nos que, na verdade, a mesa tinha movimentos quando se invocavam nomes de pessoas falecidas.

"Achávamos graça ao fenómeno, e tinhamo-lo por um divertimento, sem que, por um momento sequer, nos dessemos ao trabalho de nele pensar e de o estudar.

"Estava eu com a minha família em Mondim da Beira, quando fomos visitados por dois padres (...); conversou-se muito e em meio da conversa, não me lembro a que respeito, falou-se em mesas falantes e eu afirmei que já tinha visto uma mesa de três pés mover-se e dar pancadas, o que despertou o riso nos meus dois abades.

"Não desisti e quis dar-lhes a prova, se pudesse ser. Por Deus, pude. (...) Já não riram nem leram os exorcismos.

" Fosse qual fosse a causa produtora, o fenómeno dava-se.

"Mas isso passou-se e não mais se pensou na mesa giratória". (1)

Dá Mesquita continua, nesta palestra, a narrar os factos que foram acontecendo ao longo do seu caminho: a partir de 1915, conhecendo uns e outros que faziam sessões mediúnicas em grupo, em suas casas, foi sendo convidado e, afastando-se de umas por não lhe agradarem, permanecendo noutras, por despertarem mais e mais a sua curiosidade, dando-lhe um conhecimento diferente do que até então possuíra, Dá Mesquita conclui, assim, a sua narrativa:

"Devia eu duvidar sequer da evidência tão palpável e tão clara, apresentada a tantos cuja honorabilidade todos conheciam?

"Não podia ser, salvo se eu quisesse também negar que eu não existia, porque sendo assim, nem eu tinha o direito de relatar tais factos.

"Eu acreditei e foram eles que me fizeram crer que a vida não termina com a inumação do corpo. "Este em verdade corrompe-se, torna-se putrefacto, vai servir de alimento a outros seres; mas uma parte existe no homem que não fica no coval, que não se corrompe nem se putrefaz: é o Espírito."(1)

Referindo o Espiritismo, escreveu:

"Se o Espiritismo é uma Religião, santa Religião é ele, que nos faz amar a Deus, e nos faz amar os nossos semelhantes e todas as criaturas.

"Religião é ele, que só prega o bem e nos manda detestar o mal.

"Religião é ele, que nos ensina que a Alma tem o dever a cumprir, amanhã e sempre, de tornar-se tão pura, que possa ingressar no seio de Deus.

"Religião é ele, que nos ensina que o corpo é apenas um vestuário que envelhece e se putrefaz, e que no coval se vai reduzir a alimento doutras criaturas.

"Religião é ele, que não nos aterroriza com a morte, antes nos diz que sejamos bons para podermos ainda, depois de desencarnados, amar e proteger os entes queridos que Deus nos confiou e que deixámos ainda sobre a Terra.

"Louvado seja o Espiritismo, que nos ensina a erguer louvores a Deus, em cânticos que somente o coração sabe dizer!

"Louvado seja Deus!" (2)

Em artigo em que participa aos leitores o seu desencarne, lê-se na Revista 'Além':

"(...)

- "O nosso Dr. Paul, tinha grande amor e acendrado carinho e dedicação pela sua obra, pela Causa sublime que advogava, absolutamente convencido de que o Espiritismo puro, inteligentemente estudado à luz dos factos e da boa e sã razão, portanto, da filosofia e da ciência, era e é, o problema mais complexo da Humanidade, a escola de maiores virtudes cívicas, o princípio fundamental que todo o ser humano deve conhecer para formar e poder constituir a sua personalidade, o seu carácter, a sua estrutura moral, o seu ego consciente juiz dos seus actos, um ideal que o guie para a perfectibilidade da espécie, a sua directriz na vida de sucessivas reencarnações que lhe permita um convívio fraterno, amoroso e perfeito entre os homens que, tão transviados andam, ainda, neste século, do entendimento das leis divinas e da verdadeira missão e objectivo que os faz baixar múltiplas vezes a este planeta.
- "(...) era as figura marcante no selo da nossa colectividade, foi um verdadeiro apóstolo da doutrina neo-espiritualista, evangelizador na pureza dos princípios cristãos, sublime nos seus voos poéticos, e um

exemplo de bondade, abnegação e conforto, que dispensava com o seu olhar e as suas palavras a quem dele se abeirava para receber um conselho, um favor ou a caridade traduzida de vários modos e na medida das suas possibilidades. O seu carinho e ternura não conheciam limites e por isso, e porque era um Espírita de verdade, homem de crença livre mas firme, sintonizada no seu ideal supremo, ele granjeou, assim, inúmeras simpatias e algo de veneração, daqueles que o conheceram mais de perto e lhe consagraram verdadeira estima. Esses não esquecerão jamais o conforto que usufruíram das suas qualidades afectivas, da sua cultura, do seu saber e da sua dedicação como amigo verdadeiro". (3)

No exercício da sua profissão foi "antigo e prestigioso director clínico do Refúgio da Tutória Central da Infância da comarca portuense e presidente da Comissão Administrativa dos Bens Culturais do Bairro Ocidental do Porto. Exerceu ainda diversas actividades pedagógicas, evidenciando-se como publicista de sólida cultura". (3)

Desencarnou em 12 de Maio de 1946 na sua residência, na povoação dos Carvalhos, freguesia de Pedroso, Vila Nova de Gaia.

Da "colecção" de poemas que pudemos juntar, de sua autoria, lembramo-lo, no soneto a seguir, copiado do mesmo artigo e Revista que referimos acima:

A SÓS

Para que julgas, Homem! Saber tanto, Se tudo quanto sabes é bem pouco!... Ergue a cabeça tua, pobre louco, E pesquisa no fundo desse manto.

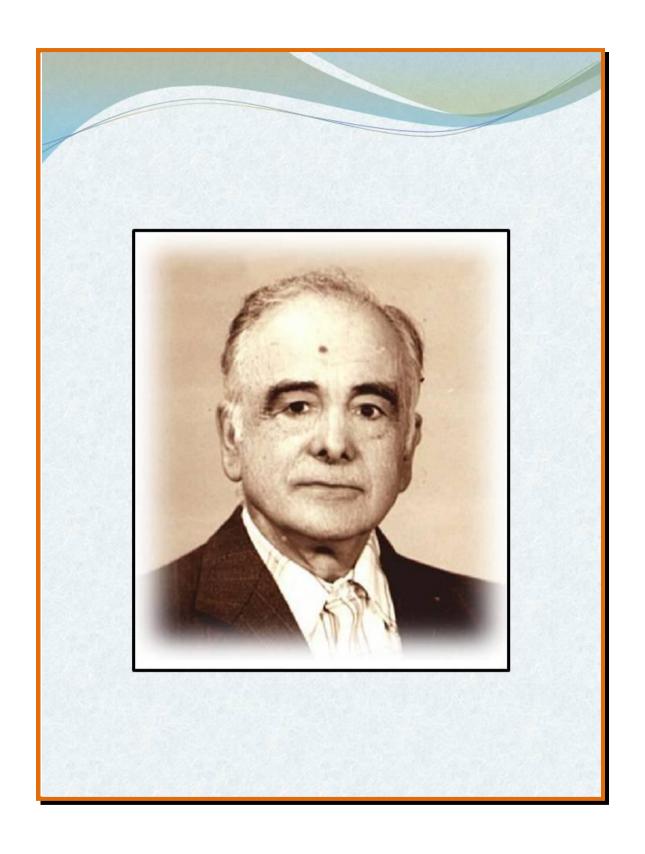
Vê tu se à vastidão encontras termo. É tudo infindo como o pensamento!... Vão as ideias como ténue vento, Encontrar-se vogando em puro ermo...

E, todavia ao longe há muito ainda Que procurar saber os homens devem, Pois é ciência bem formosa e linda!

Voa! Não pares! Investiga! Luta!... Posto que os anos sobre a fronte nevem, Há sempre mundos que a razão perscruta. (3)

- 1 Revista 'Além', da 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas', do Porto, Setembro/Outubro de 1940;
- 2 Revista portuguesa 'Estudos Psíquicos', Dezembro de 1944;
- 3 Revista 'Além', da S.P.I.P., Maio/Junho de 1946.

\



EDUARDO MATOS

EDUARDO MATOS

EDUARDO FERNANDES DE MATOS nasceu em Freixedo, distrito de Santa Comba Dão.

Cresceu no meio das dificuldades da família, tendo começado a trabalhar menino ainda, e só com a frequência da 2ª classe da instrução primária.

De emprego em emprego, de trabalho em trabalho, acabou mais tarde, já com 14 anos, nas oficinas dos caminhos de ferro de Cascais onde, mercê das facilidades (comparativamente com as lutas anteriores) de horário, consegue tirar, na escola nocturna, a 4ª classe da instrução primária.

Antes de ter começado a sua tarefa naquelas oficinas, e emquanto se recompunha em Freixedo da doença que o acometera devido aos esforços fisicos a que o último patrão o obrigara assiste, em casa da avó com quem estava, a uma manifestação espontânea sofrida por aquela familiar. Pouco depois lê um artigo intitulado 'Porquê, como e para quê'. Quer saber mais mas, de momento, não o consegue.

Em Cascais, um dos superiores que o olhava com uma certa complacência, vendo o seu geito para as tarefas do escritório, destaca-o para ali, vez por outra, iniciando-o em tarefas contabilísticas. Eduardo vem a descobrir que esse seu superior é espírita, pois vê o seu nome assinando um dos artigos publicados numa revista de Braga. Fala-lhe dos fenómenos a que assistiu, quando em Freixedo. Tomás, o seu superior, vendo o seu interesse, dá-lhe conselhos e cede-lhe alguma literatura que o esclarece, ajuda e orienta na vida.

Terminada a tarefa na oficina de Cascais, arranja colocação nas do cais do Sodré, em construção, conjuntamente com muitos outros colegas e superiores, onde chega ao posto de electricista mecânico... Um dia, de

visita a um antigo patrão, este dá-lhe emprego de caixeiro viajante, tinha ele, então, 17 anos.

Com ele se mantém até ser chamado para a tropa; depois de cumprir o serviço militar vai trabalhar para a Philips e matricula-se no Ateneu Comercial de Lisboa, para tirar o curso comercial.

Casa com uma das filhas do antigo patrão, mantendo o emprego na Philips por 12 anos, findos os quais começa a trabalhar com os cunhados na firma do sogro que, entretanto, se reformara.

Continua a frequentar reuniões e palestras espíritas e as das própria Federação; desloca-se ao Brasil por diversas vezes e, em 1963, depois da suspensão da revista 'Luz e Caridade', de Braga, cria a revista 'Fraternidade', transferindo para a sua revista as assinaturas da revista nortenha, que consegue publicar mesmo durante o tempo da proibição das práticas espíritas em Portugal.

Conjuntamente com Casimiro Duarte, impulsiona a vinda a Portugal de diversos médiuns brasileiros, como Nair Cravo, Divaldo Franco, Jorge Rizzini, promovendo 'passeios' e pic-nics durante os quais uns e outros falavam da Doutrina Espírita – já que, em recintos fechados, era perigoso fazerem-se reuniões devido à observação e intervenção das forças da ordem.

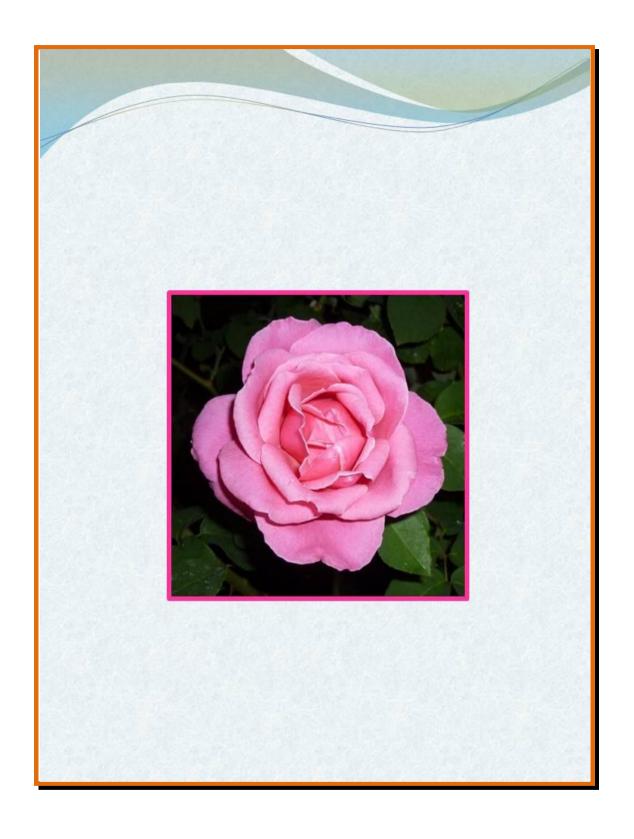
Está presente nas primeiras reuniões pós o 25 de Abril onde, apesar do seu desejo, não consegue fazer parte dos Corpos Sociais da Federação que recomeça, mas reabre a 'Associação de Beneficência Fraternidade', (que funcionara com o nome de 'Fraternidade Esotérica) na Avenida Marquês de Tomar, em Lisboa, onde inaugura a distribuição da sopa pelos necessitados.

Em Março de 1976 funda o 'Lar Fraterno de Sintra', encerrado pelo governo em 2002 com a justificação de não oferecer segurança... mas cujas instalações foram, depois, entregues a outros particulares.

Adquire instalações próprias para a Associação, na Calçada de Santo António aos Capuchos.

Desencarnou em Março de 1992, octogenário.

(Apontamentos retirados do seu livro auto biográfico 'O que é o Destino?).



EMÍLIA GONÇALVES

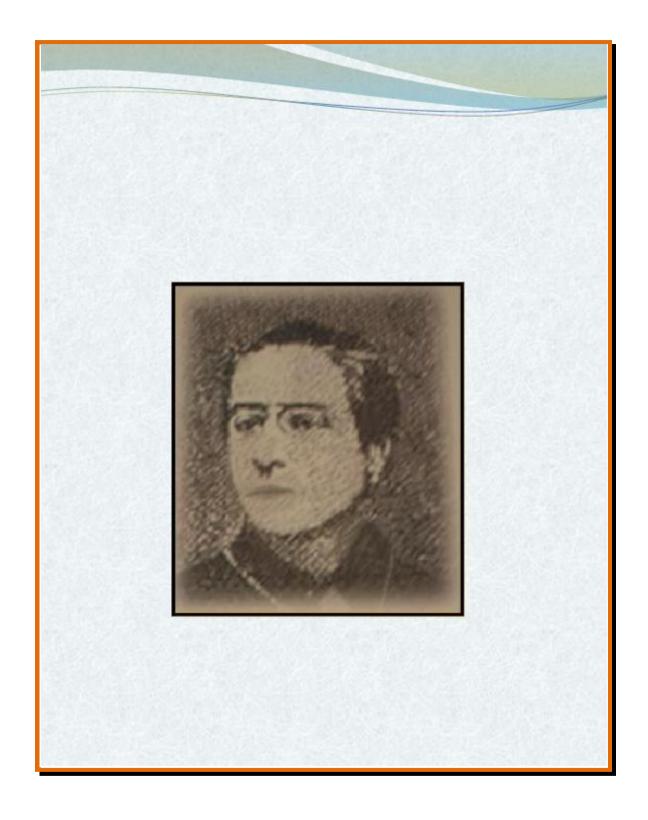
EMÍLIA GONÇALVES

MARIA EMÍLIA DE CARVALHO GONÇALVES foi uma das principais fundadoras do Centro Espiritualista 'Luz e Amor', antes do seu encerramento para benefício da Federação acabada de formar, em 1926.

- "Pertenceu, desde o seu início, ao 'Grupo das Sete' constituído, como tal designação indicava, por sete 'irmãs', cuja dedicação à Causa não podia ser mais ardente nem mais sincera.
- "Em dias e horas certas, reunia-se o Grupo (...), sendo essas reuniões caracterizadas por um alto cunho moral e artístico, em que se evidenciavam sessões de uma superioridade como nunca se viu atingir em outra qualquer agremiação.
- "(...) Separadas por motivos estranhos à velha amizade que as tinha desde longos anos aproximado, continuaram todavia as restantes cinco companheiras fiéis ao belo ideal que as vinha norteando.
- "Espiritista convicta, tendo lido, tendo meditado e estudado muito, Maria Emília, sendo uma praticante não se deixava entretanto arrastar pelas primeiras impressões, sabendo discernir o ouro do pechisbeque, não aceitando tudo, antes procurando fazer passar certos factos pela fieira de uma justa observação.
- "A sua crença era porém tão ardente, tão imutável, que dela se desprendiam centelhas deslumbrantes com que amparava e fortalecia os que, desencantados da vida, se deixavam cair em meio a pedregoso caminho. A sua fé era inquebrantável e acompanhou-a nos últimos momentos, como uma estrela redentora. Partiu de olhos abertos, lúcida e serena, para esse mundo que todos demandaremos um dia.
- "(...) De uma simplicidade e de uma modéstia invulgares, apreciava imenso o convívio das pessoas humildes, comprazendo-se em iniciá-las nos conhecimentos que possuía, distribuindo *luz* e *amor* por todos quantos dela se acercavam. A solidariedade humana, na sua expressão mais nobre, ocupava-lhe constantemente o cérebro e o coração, podendo dizer-se que até ao último suspiro Maria Emília seguiu sem desfalecimentos a estrada do Bem e os exemplos do Mestre Divino." (1)

Desencarnou, bem velhinha, em 15 de Dezembro de 1942.

^{1 –} Revista ESTUDOS PSÍQUICOS, Janeiro/Fevereiro de 1943.



EMÍLIA POMAR DE SOUSA MACHADO

EMILIA POMAR DE SOUSA MACHADO

Nasceu em 1856.

Poetisa por excelência, os seus poemas são, todos eles, hinos de amor ao Alto.

"Colaboradora efectiva da *Luz e Caridade*, de Braga, ali mourejou perto de três décadas, sempre com a mesma elevação e a mesma ternura ao descrever as coisas mais belas e simples, sempre a mesma religiosidade e a mesma unção ao dealbar pelos altos cimos do neo-espiritualismo.

Qualquer um podia "apreciar a sua inteligência, a sua vivacidade, a sua cultura humanista e, sobretudo, as virtudes que exornavam o seu coração de mulher e de poetisa.

"Nunca se lhe ouviu uma palavra de queixume ou de revolta, em presença das mil dificuldades que teve de enfrentar na vida terrena. Sempre aquela piedosa resignação dos justos e dos simples, a polvilhar-lhe as atitudes e os gestos de grande sofredora. As tempestades morais que teve de suportar, não a impediam de tanger a lira, vibrante e harmoniosa.

"Quem se desse ao trabalho de coligir os seus versos, encontraria matéria para oito ou dez volumes, rescendendo estranhos perfumes de mocidade em festa.

"Emília Pomar atravessou a existência como emigrante que não esquece a terra que lhe deu o ser e pensa constantemente na família distante. Voltada para o Além, ... de lá recebia alento e conforto para a solidão da velhice e para os desenganos que a provaram nos últimos tempos.

"(...). Concorreu aos Jogos Florais Espiritualistas, realizados em 1940 pelo Centro Espírita Luz e Amor, e ganhou o 1º Prémio com a poesia intitulada 'Outra vez na Terra'.

"O seu livro 'A Pecadora', editado pelo Centro Espírita de Braga, é um mimo espiritual que todas as mulheres portugueses deviam ler e meditar com devoção". (1)

Desencarnou em Lisboa, em 15 de Novembro de 1944. (1)

Dos seus poemas, dos que conseguimos encontrar todos eles com um cunho muito cristão, escolhemos :

DE NOITE

Oh! Noite, oh! Minha amiga! Sê bendita No teu manto de brilhos estelares, Bendita cá na terra e lá nos mares, E na vasta amplidão, sempre infinita!

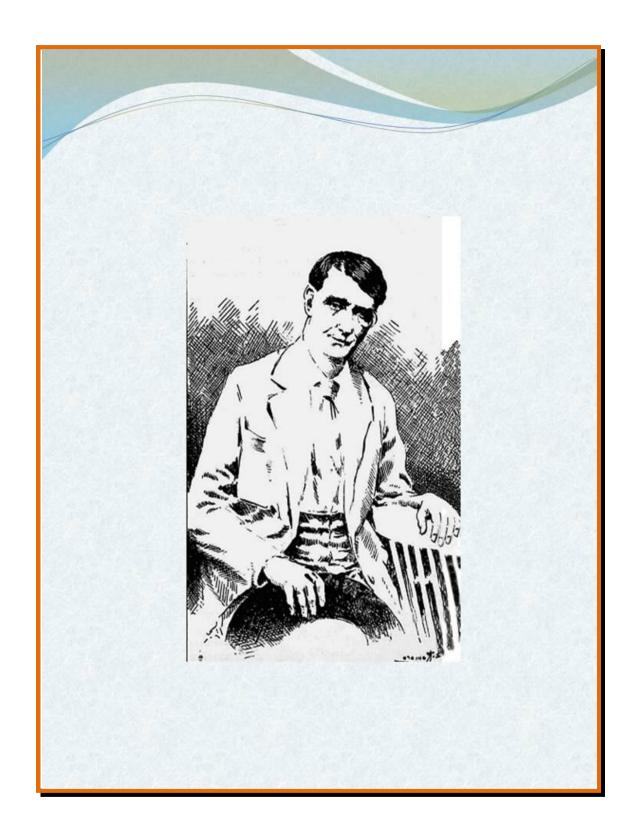
Tua sombra é propícia a quem medita E sente o coração livre nos ares, Tendo sóis e planetas por altares Onde existe a Verdade Eterna escrita.

Oiço a voz do silêncio que revela A vida de outros mundos, e os mistérios Ocultos na azulada transparência...

Há tesouros de amor em cada estrela Que vai rolando em vagalhões sidéreos, E tenho, e sinto, um Deus na consciência! (2)

- 1 Izidoro Duarte Santos na revista portuguesa 'Estudos Psíquicos, Dezembro de 1944;
- 2 Revista 'O Espirita', da Federação Espírita Portuguesa, Fevereiro/Março de 1924.

«»«»«»



EUGÉNIO TAVARES

EUGÉNIO TAVARES

Poeta e jornalista, nasceu na Ilha Brava, em Cabo Verde, tendo sempre cantado as alegrias e desditas dos filhos das suas gentes no dialecto crioulo. Sempre preocupado com o bem-estar de todos, cada um encontrava, neste apóstolo do bem e da verdade, como era reconhecido, o apoio necessário para lutar contra os opressores.

Nunca "a sua pena de jornalista se maculou na adulação ou imerecido elogio aos que mandavam. Possuidor de um carácter impoluto, era também um orador fluente de raros recursos.

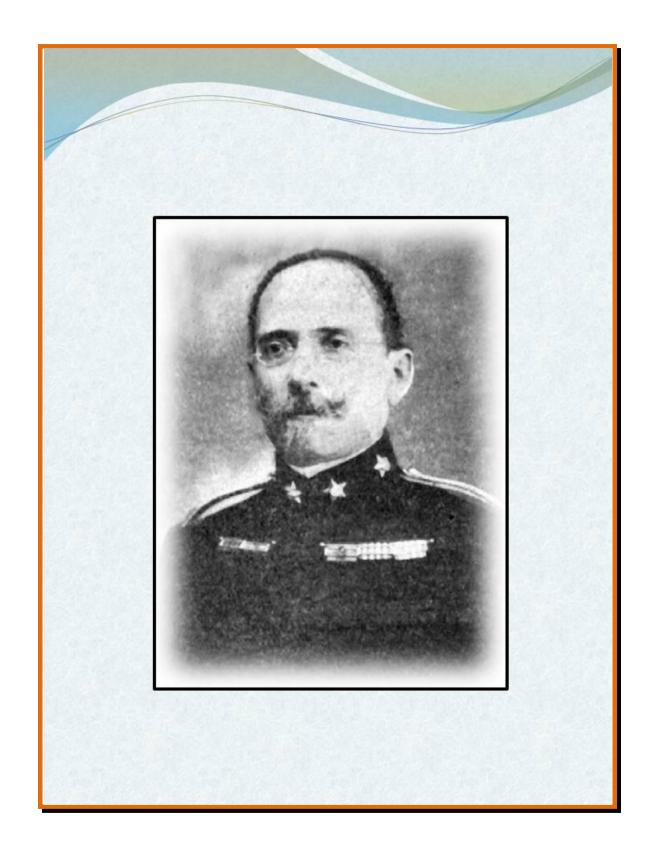
"Não tinha títulos escolares de habilitação – era um autodidacta, tocado pela centelha do génio". (1)

"(...) Alma de eleição ansiosa de luz abraçou a filosofia espiritualista com a fé ardente dos crentes que o impulsionou a escrever vigorosos e destemidos artigos de propaganda neo-espiritualista, de que encontramos diversos artigos seus na REVISTA DE ESPIRITISMO da Federação Espírita Portuguesa no ano de 1929.

Desencarnou em 1 de Junho de 1930. (1)

1 – Revista de Espiritualismo da Federação Espírita Portuguesa, Junho de 1939.

«»«»«»



(Gen.) BARATA FEIO

(Gen.) BARATA FEIO

Júlio César Barata Feio nasceu em Pinhel.

Oficial do exército colonialista, fez a maior parte da vida militar nas colónias, em cujo exército privativo serviu e onde atingiu o posto de general. Foi promovido a alferes em 1880, seguindo então para S. Tomé, como ajudante do governador daquela província, Custódio de Borja.

Tomou parte na guerra da Guiné e, mais tarde, na campanha do Umbe.

Comandou o Depósito Geral dos Degredados na província de Moçambique, onde desenvolveu uma acção a todos os títulos notável.

Escreveu "A mão de obra em Angola" e vários artigos de carácter militar, dispersos por jornais e revistas.

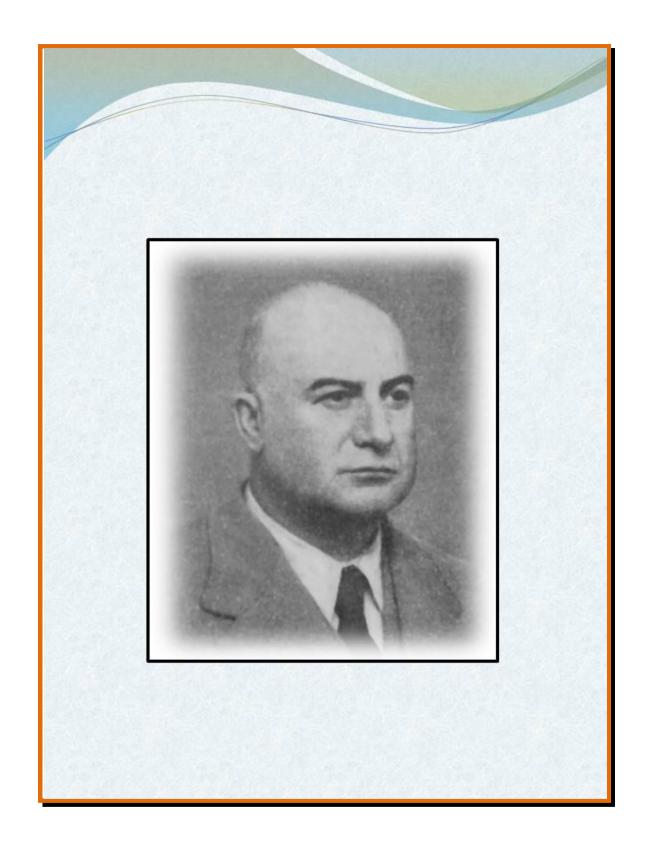
Possuía várias medalhas da Ordem de Aviz. (22).

Fez parte dos primeiros Corpos Sociais da F.E.P., sendo Presidente da Assembleia Geral, no mandato de 1926/1929.

Ignoramos quando se interessou pelo Espiritismo.

Desencarnou em Barcelona em 7 de Abril de 1941.

«»«»«»



(Mjr.) EURICO ZUZARTE

(Mjr.) EURICO ZUZARTE

EURICO DE CASTRO ZUZARTE (ou EURICO GRAÇA ZUZARTE, como alguns articulistas o referem), participou no 1º Congresso Espírita Nacional e fez parte da primitiva Federação Espírita Portuguesa, de que foi sócio e fundador, chegando a ser seu Presidente.

Sobre a maneira como se encontrou com o Espiritismo, ele mesmo conta:

"Conquanto educado no antigo regime em colégio oficial, aonde recebi instrução sobre o catolicismo e pratiquei os meus actos de culto, não conseguiu o catolicismo apoderar-se do meu pensamento, que foi sempre rebelde a aceitar a fórmula, que é máxima sua: 'fóra da igreja católica apostólica romana não há salvação possível'.

"Porque – pensava eu – porque só ser julgado como bom aquele que tenha o cuidado de ser um praticante rigoroso de actos, fórmulas e cenas determinados por local e hora especiais, que quase sempre mais não são que exteriorizações de vaidade e snobismo, em nada neles intervindo o sentimento da criatura? Porquê – pensava eu – porque não terá salvação aquele que é fundamentalmente justo, essencialmente bom, estruturalmente leal, mas não comunga no seio da igreja católica?

"E não encontrava resposta a esta interrogação que se coadunasse com a existência de Deus, sumamente bom e justo, que essa mesma igreja me dizia existir.

"E foi então que me vi lançado no materialismo e como livrepensador procurava obter explicação do mundo, da vida, do destino, lendo com afã as suas obras mestras, como 'Força e Matéria', de Luiz Buchner e tantos outros.

"Decorria o ano de 1912 quando, casualmente, travei conhecimento com uma senhora que me falou em Allan Kardec, em mesas falantes, etc., em Espiritismo, numa palavra.

"De entrada, ri, fiz blague, e se não me exteriorizei mais em tal, foi cometido pelo respeito que a pessoa me merecia.

"Mas ela não desanimou; falava, insistia, contava e dizia-me que recebia comunicações dos 'mortos', que abandonava o seu braço e que escrevia, escrevia...

"Não! Isso é que não podia ser! Contra tal é que me insurgi, não havendo possibilidade de aceitar tal 'patranha'.

"Como resposta, fui levado várias noites a um 2º andar da Rua do Arsenal, em cuja casa de jantar se sentavam à mesa umas 6 ou 8 senhoras, luz completamente acesa, e sob a direcção do nosso tão saudoso confrade, General Passaláqua. Com poucas pessoas de assistência, aquelas senhoras, munidas de lápis e papel em frente e falando no que lhes apetecia, escreviam mecanicamente, prosa que, pelos seus dizeres e conceitos, se revelava como redigida por seres desaparecidos da face da Terra.

"Calcule-se o meu espanto. Mestre Passaláqua bondosamente me ia esclarecendo e com muita amizade me recebia em sua casa, catequizando aquele que viria a ser um fervoroso adepto do Espiritismo".

Seguidamente, o Major Zuzarte narra uma série de episódios que lhe foram acontecendo, ou de que participou, para concluir:

"E então, cheguei ao Espiritismo. E hoje, tantos anos passados, mais de trinta, depois de outras observações pessoais e de muito ler, reconheço que, quando alguém de boa fé procura a Verdade, na ânsia sincera de conhecer, as coisas se proporcionam para que fenómenos surpreendentes o maravilhem e o levem a consciencioso reconhecimento da Verdade.

"Depois, não se dispondo de médiuns excepcionais, os fenómenos produzem-se, assiste-se a eles, mas parece que já não têm aquele carácter emocionante.

"Porque será?

"É porque estamos rodeados de seres invisíveis, inteligentes e autónomos, que só procuram levar-nos ao conhecimento dos fundamentos da existência, e, assim, como tais se revelam àqueles que buscam a Verdade, proporcionando sucessos que, sem eles, não tinham possibilidade alguma de se verificarem.

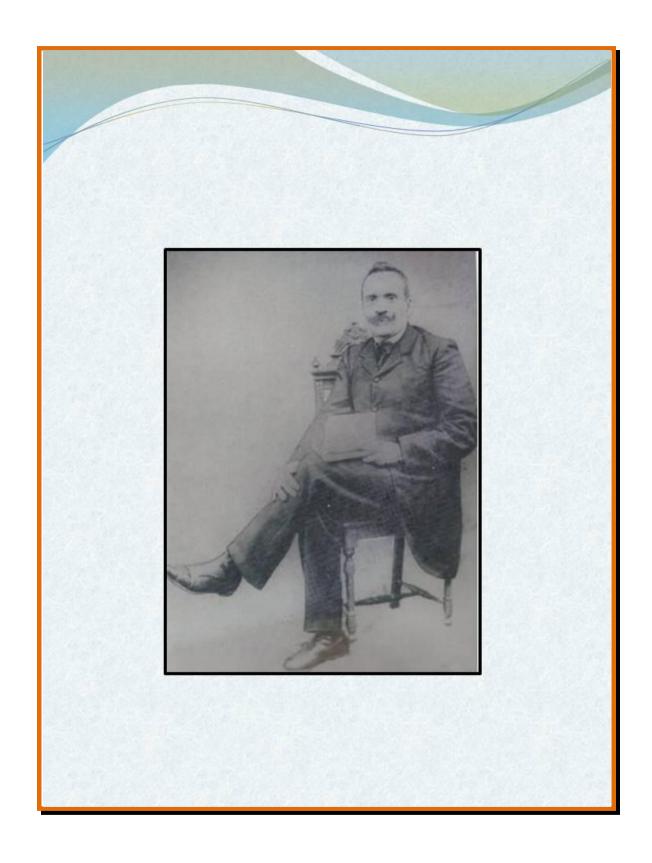
"É um carácter de manifestações que é preciso focar, porque evidencia autenticamente, como sempre se reconhece nas práticas de Espiritismo, que há uma inteligência, e bem criteriosa, a conduzir as manifestações. Porquê?

"Mandamento de Deus!"(1)

O Major Eurico Graça Zuzarte desencarnou em Setembro de 1952.(2)

^{1 –} Revista portuguesa 'Estudos Psíquicos', Novembro de 1944;

^{2 – &#}x27;Revista de Metapsicologia' da Federação Espírita Portuguesa, Setembro de 1952.



FERNANDO DE LACERDA

FERNANDO DE LACERDA

FERNANDO AUGUSTO DE LACERDA E MELO (1) nasceu em Loures, nos arredores de Lisboa, a 6 de Agosto de 1865.

Dos 13 aos 19 anos viveu na capital, onde estudou. Ali encontrou o bem estar material que o tio, com mais possibilidades materiais que seu pai, de quem era irmão, lhe proporcionou.

Em 1884 volta para Loures, ajudando o pai, ora viúvo, na criação e educação dos irmãos.

Em 27 de Junho de 1887, com meia dúzia de jovens seus contemporâneos e outros tantos adultos mais velhos, funda a "Associação dos Bombeiros Voluntários de Loures", de que o tornam o 1º Comandante.

Devido ao socorro que pede aos reis, para Maria Filipa, de 9 anos, que salvara seus dois irmãos de perecerem num incêndio que deflagrara na própria casa, quando sozinha com as crianças, Fernando ingressa no palácio e, a partir daí, passa a contar com a amizade dos principes, que muito o consideram.

É, também, a partir desse ano que começa a colaborar com alguns jornais, entre eles o "Jornal do Bombeiro" e "Jornal do Alentejo", que referem o seu nome no frontespício, como redactor, logo a seguir ao do próprio titulo. Os artigos que para eles escreve serão, talvez, como que um 'ensaio' para os escritos diferentes que surgirão bem mais tarde...

Em 1898 ingressa na polícia administrativa do Governo Civil onde, gradualmente, vai sendo promovido até atingir o posto de sub-inspector.

Em 1899 torna-se comerciante, em Lisboa, quando herda uma fábrica de vapor de baguetes e galerias, na Costa do Castelo que, mais tarde, transfere para a zona do Intendente. É para ela que ele vai encaminhando os infortunados da sorte que lhe pedem emprego.

É neste mesmo ano que Fernando de Lacerda começa a notar "que a mão, mesmo contra a sua vontade, lhe traçava escritos que era forçado a atribuir a uma inteligência estranha. Não era só a letra e assinatura firmante deles; era o próprio conteúdo (...)"

Em 1902, com o aparecimento nas ruas da capital de "o homem macaco", ele torna-se falado pelo domínio que tem sobre o Albano de Jesus quando este incorpora um Espírito com manifestações simiescas.

Em 1906, mais propriamente na noite de vinte e oito de Outubro, quando recolhido no seu quarto, escuta uma voz pedindo-lhe que se erga e escreva...

Surge, assim, a primeira mensagem do Espírito Camilo Castelo Branco para o escritor e amigo Silva Pinto que pensa em suicídio. Camilo, com as suas palavras e a experiência do que viveu para além da morte, intenta suste-lo na atitude tresloucada – o que consegue.

À mensagem de Camilo muitas outras se seguiram: Eça de Queiroz foi, talvez, o Espírito que mais se manifestou pela sua mão e foi, também, o que mais o aconselhou e incentivou... e as mensagens, Fernando de Lacerda reuniu-as e publicou-as no 1º volume da obra que intitulou "Do Pais da Luz", numa edição que custeou do seu próprio bolso, em Agosto de 1906, para de imediato preparar a edição do 2º volume...

Antes, a sua mediunidade tinha sido intensamente estudada pelo advogado e espírita José Alberto de Sousa Couto, que publica o seu parecer na revista da sua responsabilidade "Estudos Psíquicos". Ele, Sousa Couto, não é um curioso qualquer: em 1900 representara Portugal no Congresso Internacional de Paris, e escrevia-se com personalidades internacionais e gradas do Movimento Espírita Europeu.

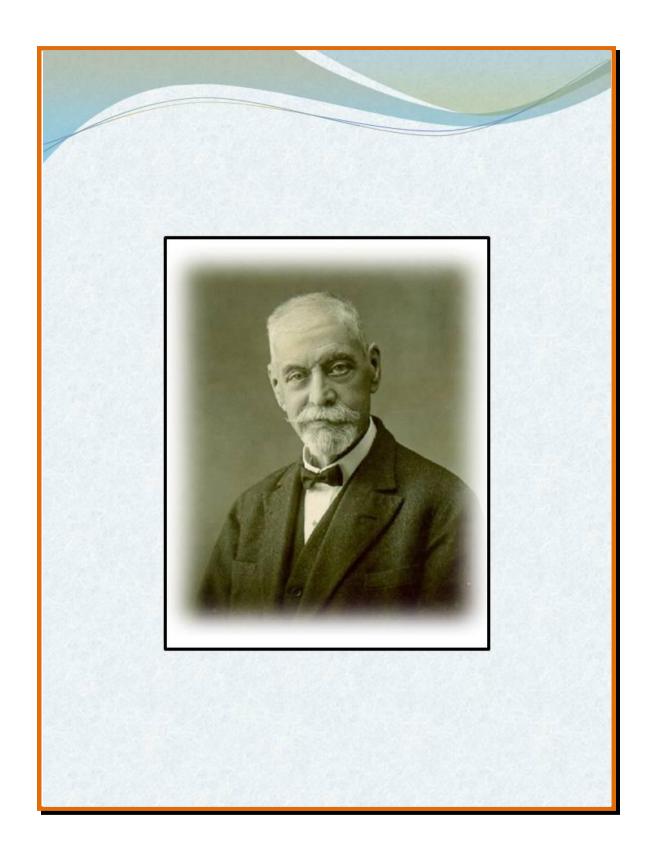
Depois da queda da Monarquia e implantação da República, Fernando de Lacerda foi avisado que o Governo não o poderia manter por mais tempo no lugar que ocupava na polícia: Botto Machado, advogado e jornalista, atiçava contra ele a opinião pública e Fernando de Lacerda, avisado de que seria demitido, prepara os seus familiares para a sua ausência e embarca para o Brasil em 10 de Julho de 1911. Mal acabara de chegar ao Rio de Janeiro, é informado da sua demissão.

Seguem-se 7 anos de lutas e uma quase miséria, só atenuada pela atitude do amigo Fernando de Moura, que lhe abriu a sua casa e, possuidor de uns prédios de habitação para demolição, para abertura de uma avenida, vendeu-lhos ficticiamente, proporcionando-lhe, assim, a mensalidade auferida com a renda dos alugueres.

Em 1917, acabado o curso comercial, o afilhado Fernando chega ao Rio de Janeiro para trabalhar na agência do Banco Nacional Ultramarino, tomando o padrinho a seu cargo... mas os anos de luta e necessidade tinham deixado a sua marca no organismo debilitado e, depois de uma cirurgia de que não recupera, Fernando desencarna em 6 de Agosto de 1918.

Mais tarde, em 19 de Setembro de 1939, os seus restos mortais são transladados para Lisboa e colocados em jazigo, no Cemitério do Alto de S. João.

 ^{1 –} Todo o texto foi baseado no livro biográfico "Fernando de Lacerda, o médium português", da autora, editado em 1992 pelo Centro Espírita "Comunhão Espírita Cristã de Lisboa".



FIRMINO TEIXEIRA

FIRMINO TEIXEIRA

FIRMINO D'ASSUNÇÃO TEIXEIRA é um dos nomes grados do Espiritismo, em Portugal, sempre pronunciado com respeito e gratidão pelos espíritas de então, principalmente pelo apoio que deu à Federação de 1926, à 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas', do Porto, e aos Centros Espíritas então existentes.

Natural da Póvoa de Varzim, foi para o Brasil com cerca 14 anos, fixando-se no Rio de Janeiro, onde viveu até aos 45, tendo trabalhado sempre na mesma firma, primeiro como empregado e, mais tarde, como sócio gerente, ali adquirindo a fortuna que trouxe para Portugal, a quando do seu regresso.

Apresentado por Manuel Cavaco, dirigente da S.P.I.P., ao Dr. António J. Freire, a simpatia que se formou entre eles levou-o a que, pouco depois, concedesse não só à F.E.P. como ao S.P.I.P. o donativo necessário que impulsionou as duas Instituições para a aquisição de instalações próprias.

Por aquele donativo o Conselho Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa, em reunião de 5 de Janeiro de 1929, aprovou por aclamação a proposta da sua Direcção, para que fosse nomeado sócio benemérito daquela Casa.

Para além daquelas doações, que constaram do seu testamento, concedeu ainda aos diversos Centros então existentes um donativo anual que ficou a ser gerido pela Direcção da Federação, encarregue da sua distribuição.

Desencarnou na Póvoa de Varzim em 22 de Julho de 1932. (1)

Mas porque 'a vida continua' e a dedicação que na Terra faz com que nos envolvamos com uns e outros assuntos, Firmino Teixeira continuou, 'do lado de lá' preocupado com o Movimento Espírita Português... e em 7/12/941 manifesta-se numa reunião mediúnica realizada no 'Centro Espiritualista Luz e Amor', com as seguintes palavras:

"(...) Fui atraído pelas tuas palavras e aqui estou a manifestar a minha profunda tristeza por ver a Causa quase abandonada por aqueles

que tão alto a ergueram e hoje são acossados por quem devia ter em melhor conta os interesses do Espiritismo...

"De que serviu o esforço que empreguei? Não soube evitar a derrocada daquela casa, que foi construída para fins bem diferentes... Não soube preservá-la, de modo a que a obra não pudesse ser deturpada. Por isso, sofro horrivelmente.

"Agora é que eu sinto bem a vibração da vida espiritual e leio na alma dos homens.

"Oh Deus! Todos erram e eu também errei, porque me não lembrei a tempo de formular disposições que ninguém pudesse deturpar.

"Para que consentiram que se fechassem aquelas portas?

"É necessário que todos se imponham para que elas se tornem a abrir, a fim de que se reúnam de novo, debaixo daquelas telhas, que eu deixei para esse fim.

"Espíritas! Uni-vos e voltai para aquele Templo. Lembrai-vos sempre daquele que sofre no Além por semelhante abandono. Lembrai-vos do que deixei escrito para todos os Centros que fazem propaganda espírita.

"Os tempos são chegados. É necessário que a matéria se vá modificando e aperfeiçoando, através do sofrimento. Para isso, é necessário que se dispam do egoísmo e da vaidade.

"Perdoai aos que erram. Não os detesteis. Não lhes aponteis o castigo mas sim o erro em que caíram. Perdoai-lhes. Eu já lhes perdoei e oro a Deus por todos.

"Quando vos tornarei a ver debaixo daquele telhado? Esse dia será para mim de grande prazer, mas hoje sofro horrivelmente. Pelo transmitais o meu sofrimento e a minha vontade: quero que essa casa volte ao que era dantes.

"(Para o director da sessão): Irmão, trabalha, que Deus te ajudará. Põe de parte as ofensas recebidas. Não te voltes contra os culpados. Pede a Deus por eles, que têm de reparar os erros que cometeram. Desgraçados dos que lutam na maldade!

"Aquele templo! Eu não queria ver nele o gozo material, o gozo da fantasia, pois era um templo de gozo espiritual. Para isso é que eu leguei os meus bens.

"Para que fiz eu isso tão tarde?

"Nunca me lembrei que tinha de partir. Julguei que a minha vida material duraria mais algum tempo. Se todos pensassem na partida, disporiam tranquilamente de todos os meios para impor a sua vontade. Tudo o que fiz foi pela Causa Espírita, pelo progresso espiritual. E sofro pela maldade dos homens... E ainda sinto e tenho lágrimas (o médium chora convulsivamente)... Mas para que serve, afinal, o meu sofrimento?

"Quando poderei descer àquele templo para falar a todos os irmãos espíritas?

"Não se pode abandonar aquilo que vos deixei. De lá tem de sair a propaganda para toda a parte.

"(...)Tenho fé que os erros cometidos serão reparados e que aquele templo – que devia ser apenas espiritual – reabra para abrigar sob o seu tecto toda a família espírita portuguesa".(2)

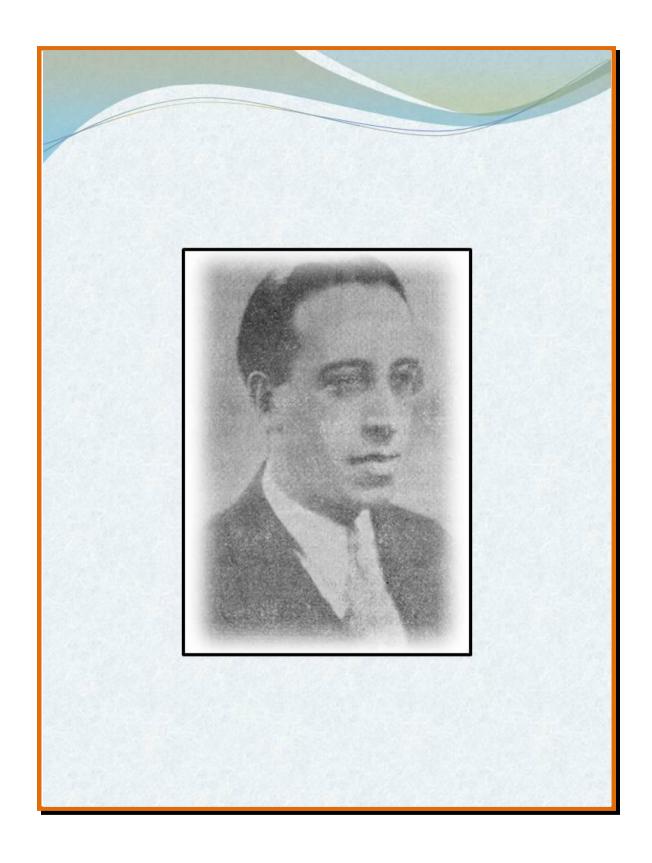
O Espírito Firmino Teixeira recorda aqui, nestas suas palavras, as convulsões que na década de quarenta quase destruíram a Federação, com a expulsão, inclusive, de alguns dos sócios fundadores ... por atraso no pagamento das quotas! (Ver: "MEP – Movimento Espírita Português", da autora. Histórico do Movimento Espírita Português de 1900 a 2004).

Trouxemos estas palavras aqui para lembrarmos o quanto, no Plano Espiritual, aqueles que connosco comungaram num mesmo Ideal, fosse ele qual fosse, sofrem quando por um e outro motivo pomos de parte as ideias que, em determinada data da nossa existência corpórea, uniram uns e outros.

Firmino Teixeira, e as suas palavras, apenas confirmam o que outros Espíritos, em outros livros ou mensagens, nos foram ensinando...

- (1) REVISTA DE ESPIRITISMO, da F.E.P., Janeiro/Fevereiro/1929;
- (2) Revista portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, de Março/Abril/1942.

«»«»«»



(Dr.) GILBERTO MARQUES

(Dr.) GILBERTO MARQUES

O Dr. GILBERTO S. MARQUES, diplomado com o Curso Superior de Comércio pelo Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, antigo director e professor da escola industrial e comercial 'Nun'Álvares', de Viana do Castelo, doutor pela Faculdade de Medicina da International University, foi um dos pioneiros do Espiritismo em Portugal, tendo fundado as revistas 'Novos Horizontes' e 'O Sucesso'. Activo e diligente propagandista espírita, aos seus esforços se devem, em grande parte, o incremento do Espiritismo no nosso Pais. (1)

Conforme ele próprio descreveu,

"(...) Desde criança que senti uma irresistível atracção para tudo o que representasse mistério, e assim, antes mesmo de atingir a idade dos 10 anos, assistia, com minha mãe, a sessões de Espiritismo, feitas em casa de família amiga, com o auxílio da vulgaríssima mesa de pé-de-galo. Evocava o Espírito de Hilário e a mesa prontamente respondia às nossas perguntas, batendo uma ou duas pancadas, conforme a resposta fosse 'sim' ou 'não'. Quando entoávamos o 'fado Hilário', a mesa movimentava-se com grande força, obrigando-nos a levantar e a segui-la à volta da sala.

"O mistério do Espiritismo, ou melhor direi, dos espiritos, atraia-me, como o imã atrai o ferro. (2)

O tempo passa, mantendo-se sempre nele o mesmo interesse pelo Espiritismo.

Assim, está presente no 1º Congresso Espírita Universal, realizado em Bruxelas de 14 a 18 de Maio de 1910, onde foi criado o 'Bureau Internacional du Spiritisme', com sede em Liège (Bélgica), sendo nomeado, em 5 de Julho de 1911, delegado do Bureau em Portugal.

Para poder participar do 2º Congresso Espírita Universal cria a 'Aliança Neo-Espiritualista Portuguesa', com sede na Rua de Infantaria 16, nº. 51, 3º Dtº., e da qual fazem parte os espíritas que conseguiu reunir para o efeito.

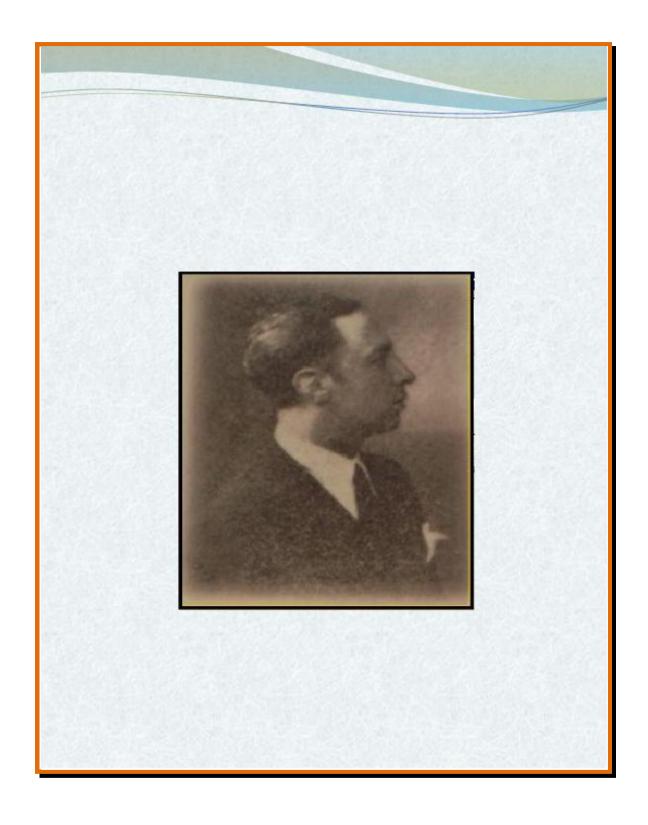
E de 9 a 13 de Maio de 1913, no II Congresso Espírita Universal, em Genebra, Portugal figurava pela 1ª vez.

A 'Aliança', lembra o Dr. Gilberto Marques, era administrada por um Conselho Director composto por 10 elementos e foi registada no Governo Civil no mesmo dia em que foi fundada – 27 de Janeiro. A 'Federação dos Espíritas Portugueses' assim criada, foi suspensa mais tarde, no ano de 1918, devido à 1ª Grande Guerra e ao pânico que se apossou de uns e outros, levando àquela atitude.

Em meados de 1919, Gilberto Marques embarca para os Estados Unidos da América (foi cônsul de Portugal em Providence), tendo, depois, mais tarde, regressado ao nosso País.(3)

- 1 Revista de Espiritismo da F.E.P., nº. 5, de 1932;
- 2 Revista portuguesa de Estudos Psíquicos, Agosto de 1944;
- 3 MEP Movimento Espírita Português (tentativa histórica do Movimento Espírita em Portugal), da autora.

«» «» «»



HUGO ROCHA

HUGO ROCHA

HUGO AMÍLCAR DE FREITAS ROCHA nasceu em 11 de Novembro de 1906 no Porto, onde fez o curso dos liceus.

O "príncipe dos jornalistas portugueses" – como o qualifica o Dr. António Joaquim Freire no seu livro 'A Evolução do Espiritismo', depois do curso dos liceus,

"(...) empregou-se numa firma comercial, ao mesmo tempo que exercia o professorado no ensino livre. A sua vocação, porém, havia de orientá-lo para o jornalismo e, assim, aos 18 anos principia a colaborar na edição da tarde de 'O Comércio do Porto', onde se revelaram nitidamente as suas excelentes faculdades. Em 1929 entrou definitivamente para o quadro redactorial daquele diário portuense, e anos depois foi escolhido para chefe de redacção, lugar que ocupava em 1952.

"No entanto, o trabalho absorvente do jornal não o forçou a pôr de parte os seus projectos literários, como o demonstraram a sua brilhante colaboração no volume Memorial Artístico, da iniciativa da Junta Patriótica do Norte (1932), e os seus livros de versos Rapsódia Negra, escrito depois de uma viagem à África Portuguesa (1933), Poemas Exóticos e Quissange. A obra, porém, que o colocou em merecida evidência foi o livro de crónicas Bayete (Viagens na África), premiado no concurso literário da Imprensa. Depois lançou a público o ensaio intitulado Espiritualismo e a novela O homem que morreu no deserto (1934); Além-Mar – Comentários, Ideias e Aspectos, e Primavera nas Ilhas, impressões de viagens à Madeira e aos Açores (1936); O Problema dos Fantasmas (1937); e Os Açores na Obra de Alguns Poetas Açorianos da Actualidade (1940).

"Em 1942 publicou o seu primeiro romance, Paixão e Morte dum Rapaz Romântico, e em 1943 o segundo, intitulado Gentio Branco, que obteve o prémio Ricardo Malheiros da Academia de Ciências de Lisboa. Em 1946-47 apareceram: o seu novo livro de crónicas Itenerário na Galiza (depois traduzido em espanhol com prefácio de Wenceslau Fernandez Florez); o romance Éramos quatro irmãos e um estudo intitulado Do Amor dos Poetas e dos Poetas do Amor. Ao mesmo tempo,

os grandes acontecimentos mundiais interessavam vivamente a sua curiosidade de jornalista culto e, assim, escreveu um livro inspirado no afundamento da esquadra francesa no porto de Toulon e outro sobre O Enigma dos Discos Voadores, que obtiveram largo êxito de leitura. Publicou mais o romance Sotavento (1950) e uma brilhante narrativa, com vibrantes evocações em prosa e verso, intitulada Elogio de Braga e do seu Termo (1951), valorizada por uma edição luxuosa, de apurado gosto artístico.

"Apaixonado pela música, dirigiu durante anos o mensário de canto coral Orfeu e é o crítico musical de O Comércio do Porto.

"(...) No concurso dos Centenários (1940) obteve o prémio nacional de jornalismo e também o prémio Afonso de Bragança, do Secretariado Nacional de Informação, além de dois prémios de poesia nos jogos Florais da Emissora Nacional. (...) É condecorado com a Ordem do Império Colonial". (1)

E no "Mensageiro Espírita", órgão da Federação Espírita Portuguesa, podemos ler a seu respeito, pelo punho de Isidoro Duarte Santos:

- (...) Hugo Rocha é uma bela afirmação ao serviço do espiritualismo. Moço, inteligente, sabedor, furou a greve do silêncio que o jornalismo profano jurou aos fenómenos psíquicos e teve o desassombro de escrever um livro estranho (O Problema dos Fantasmas), ao mesmo tempo libelo e profissão de fé: libelo do preconceito e profissão de fé de homem decidido e leal.
- "(...) Ainda que o não pareça, pelo que se depreende do sumário, esta obra é um subsídio despretenciosíssimo para um estudo da mais alta importância, subsídio baseado nas opiniões de Heitor Durville, Guilherme Crookes, Flammarion, Felstead, Bozzano, Richet, Lombroso, Conan Doyle, Zingaropoli, etc.(...)" (2)

Espírita convicto, frequentava a "Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, sendo muitas vezes o elo de ligação entre o Movimento Espírita e os periódicos citadinos, na publicação de notícias que ao Espiritismo se referiam.

E da revista 'Além', da S.P.I.P., extraímos, de duas páginas que lhe são dedicadas pela edição de mais um livro seu:

"(...)Hugo Rocha criou personalidade, mérito, valor, confiança e simpatia pela feição de acentuado realismo que imprime e dá aos seus trabalhos, à reprodução dos seus pensamentos, sempre insuflados de boa e sã moral; as suas produções caracterizam-se pelo estudo psicológico que o escritor denuncia ao descrever os protagonistas dos seus romances,

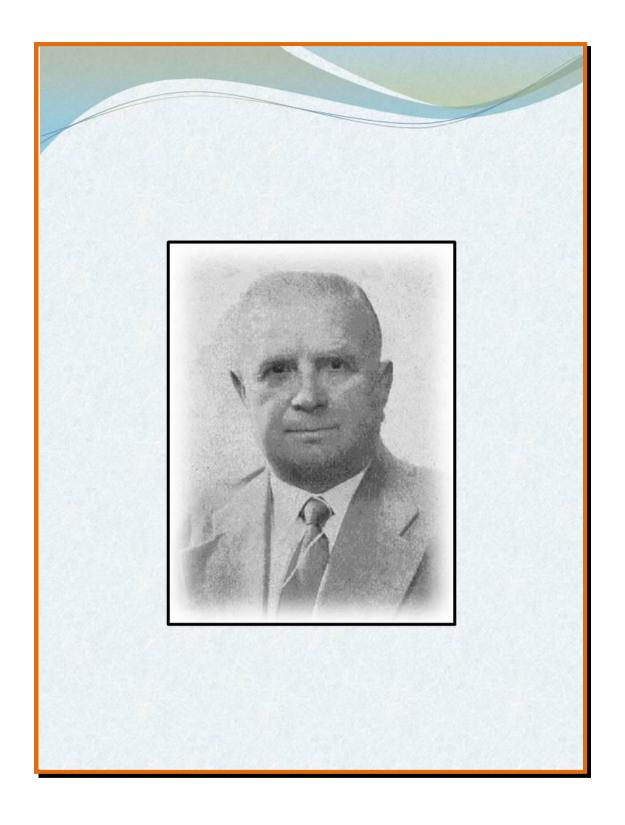
evidenciando com subtileza, arte e modéstia, os seus profundos conhecimentos de investigador e observador de problemas, que traduzem algo de transcendente nos domínios da filosofia e da ciência. Nesses voos de pensamento o escritor revela, então, a pureza de um espírito esclarecido e são... (...).

"(...) Ele é também um primoroso e fluente orador, dotado de um extraordinário poder de improvisação, subtil e distinto nas suas expressões, elegante no seu porte e na sua especial maneira de dizer; pena é que as suas muitas ocupações lhe não permitam fazer largo uso desta sua outra faculdade de artista da palavra, de forma a deliciar com algumas palestras e conferências que, pela sua cultura e vastos conhecimentos psicológicos resultariam brilhantes e de franco e pleno êxito em qualquer parte onde a sua voz se fizesse ouvir". (3)

Ignoramos a data do seu desencarne embora informação já distante no tempo nos tenha esclarecido de que Hugo Rocha chegou, ainda, a frequentar um dos Centros do Porto, aberto depois do 25 de Abril.

- 1 Enciclopédia Luso-Brasileira, páginas 842/843;
- 2 "Mensageiro Espírita", órgão da Federação Espírita Portuguesa, Fevereiro de 1937;
- 3 Revista ALÉM, da S.P.I.P., de Janeiro/Fevereiro de 1945.

«»«»«»



ISIDORO DUARTE SANTOS

ISIDORO DUARTE SANTOS

Ele foi um dos principais elos de ligação do Movimento Espírita inicial com o surgido pós o 25 de Abril. Espírita da velha guarda, como sói dizerse, proprietário da revista 'Estudos Psíquicos', foi a sua mão que, em 26 de Abril de 1974, escreveu o apelo aos espíritas portugueses para se reunirem porque "a hora da libertação tinha chegado"!

Terá reencarnado em 1896.

Servindo a Marinha, que o destacara para Sagres, muitas vezes se interrogara sobre os porquês do que lhe acontecia e do que era. Numa das suas viagens, desta vez a Cabo Verde (1), um amigo ofereceu-lhe 'O Livro dos Espiritos', no qual encontrou os esclarecimentos e respostas para as suas dúvidas. Aberto para o Ideal novo, procurou, no continente, quem o pudesse ajudar, tendo recorrido ao 'Centro Espírita Luz e Caridade', de Braga. A partir da convivência com os fundadores da Associação, três irmãos portugueses regressados do Brasil, que ali abriram aquela Associação, logo passou a colaborar não só nas tarefas como na própria revista.

Com a abertura da Federação Espírita Portuguesa, tornou-se colaborador assíduo da mesma, e dos seus órgãos informáticos.

Foi proprietário da revista 'Estudos Psiquicos', na sua 2ª fase (tinha sido criada e gerida pelo Dr. José Alberto de Sousa Couto de 1905 a 1909, data em que deixou de ser publicada por doença do então seu proprietário), a partir de 1939.

Escreveu, dirigiu e colaborou, como jornalista, escritor e tradutor, com as revistas: 'Revista de Espiritismo' e 'Mensageiro Espirita', da F. E. P.; revista 'Luz e Caridade', de Braga; 'Estudos Psiquicos', e 'Medicina Natural', tendo assumido ainda, durante alguns anos, a direcção do 'Centro Espiritualista Luz e Amor', que funcionou em S. Bento, reabrindo, depois do 25 de Abril, com o nome de 'Associação Espírita de Lisboa', a funcionar em S. Mamede.

Como médium intuitivo, psicografou os livros "Dois Mundos", "Almas Errantes" e "Ronda Espiritual", que publicou.

Com a liberdade religiosa implantada com o 25 de Abril, acompanhado por Maria Raquel Duarte Santos com quem casara em segundas núpcias, e por outros espíritas que responderam ao seu apelo, impulsiona a eleição de novos Corpos Sociais e reabertura da Federação, tendo sido nomeado Presidente de Direcção, cumulativamente com posição idêntica que ocupou no 'Centro Espírita Perdão e Caridade', cargos que ocupou de Maio a Novembro de 1974, quando desencarnou subitamente devido a crise cardíaca fulminante.(2)

Sobre si próprio, referiu:

"Não é fácil explicar como me tornei espírita, em três minutos. Mas posso dizer que os livros de Allan Kardec me abriram novos horizontes. Eu sempre tive ânsia de saber e os enciclopedistas tinham-me enchido de enganosas ilusões. O rumo que soltara não era dos melhores para chegar a porto de salvamento. Está-se a ver. Quem vem da escola materialista, quer analisar, quer deduzir por A+B. Ora aí está por que eu caí num barranco.

"Quando abri os olhos vi que a escola sem Deus era um labirinto espiritual. O Espiritismo respondeu às minhas interrogações e forneceume elementos de compreensão lógica. Foi então que entrei sem receio, analisando e estudando...

- "(...) O aspecto do Espiritismo que mais influiu para firmar a minha crença, primeiro deve ter sido o científico, em virtude da minha formação. Ao ler William Crookes, Barrett, Lombrozo, etc., fiquei impressionado. Aqueles sábios não eram mistificadores. Se ligavam o nome à questão dos fenómenos é porque alguma coisa havia digna de estudo... Depois veio o aspecto filosófico. Este foi o mais importante. Deu-me a chave de muitos enigmas que pesavam na minha vida real.
- "A lei de causa e efeito e as vidas sucessivas exerceram grande influência na minha conversão.
- "O aspecto religioso, só mais tarde o compreendi. Dominou-me igualmente e visionei um monumento em que os três aspectos se ligavam como peças do mesmo todo.
- "(...) A primeira coisa que caracteriza o Espiritismo é a sua índole, essencialmente evolucionista, baseada no estudo dos fenómenos psíquicos e no ensino dos Espíritos elevados. Por ela se vê eu não há matéria sem inteligência, nem inteligência sem matéria. Neste ponto, é doutrina insuperável. O Espiritismo está de acordo com a ciência e com as melhores aspirações da vida humana. Está de acordo com o transformismo, porque a evolução anímica anda a par da evolução orgânica; com a físico-quimica, porque antevê a unidade da matéria e a

unidade da força. Está de acordo com a fisiologia, com o hipnotismo superior, com a psicologia, com a patologia nervosa e com a Filosofia.

"Numa palavra: avança para Deus pela ciência e pelo Amor. É uma grande e formosa doutrina.

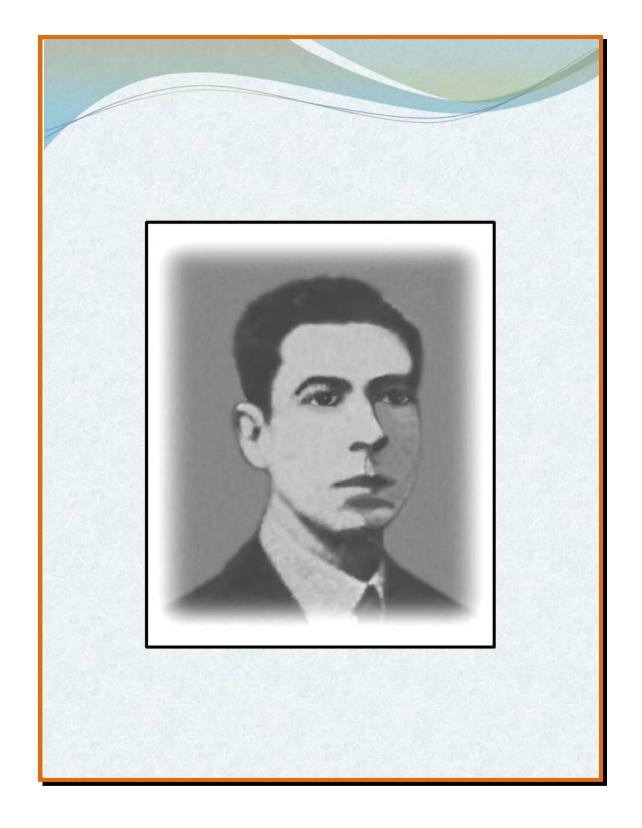
"Depois, as suas consequências morais, apoiadas no conhecimento das leis e das condições evolutivas, na necessidade do desenvolvimento individual e da compreensão das desigualdades humanas.

"O ser deve trabalhar com bondade, não prejudicando o semelhante, deve preferir os prazeres elevados e considerar a pátria e a família de ponto de vista mais amplo e generoso".(3)

Desencarnou em 15 de Novembro de 1974.

- 1 Revista de Espiritismo da F.E.P., nº. 12, de 1990: entrevista com Maria Raquel Duarte Santos;
- 2 Revista portuguesa 'Estudos Psiquicos', Novembro de 1974;
- 3 Revista Portuguesa 'Estudos Psiquicos', Junho de 1955.

«»«»«»



(Dr.) JOÃO ANTUNES

(Dr.) JOÃO ANTUNES

JOÃO ANTUNES nasceu em Lisboa em 10 de Fevereiro de 1885.

Advogado e professor, é autor de "alguns notáveis estudos sobre as chamadas ciências ocultas, tendo sobre elas escrito os seguintes livros: 'A Psicologia Experimental' e 'O Hipnotismo e a Sugestão', ambos em 1912; 'A Hipnologia Transcendental', em 1913; 'O Espiritismo' e 'As Ciências Malditas', ambos em 1914; 'O Ocultismo e a Ciência Contemporânea' e 'A Teosofia', em 1915.

Em 1918 publicou 'Oedipus – História e Filosofia do Hermetismo'; 'A Biocultura', 'A Psicoterapia', e 'A Maçonaria Iniciativa?.

Na mesma época, e sob o pseudónimo de Schwartz Roemer, publicou ainda o livro 'O Magnetismo Psíquico'.

Em 1920 publicou 'O Eleusis', Revista de questões filosóficas.

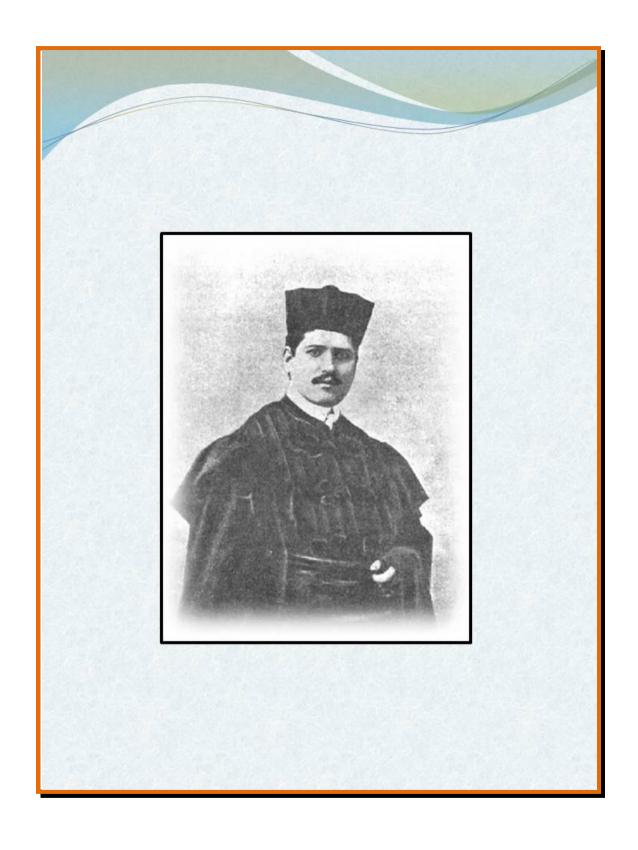
É, ainda, autor das obras: 'A Mulher', editada em 1907, e 'As Origens do Cristianismo', em 1911. (1)

Fez parte dos Corpos Sociais da Federação Espírita Portuguesa, com outros nomes grados da sociedade de então, enriquecendo o Movimento nascente com a sua inteligência, estudo e criatividade.

Ignoramos a data do seu desencarne.

1 – Encilopédia Luso-Brasileira, página 882.

«»«»«»



(Dr.) JOÃO DE MEIRA

(Dr.) JOÃO DE MEIRA

JOÃO MONTEIRO DE MEIRA nasceu em Guimarães em 31 de Julho de 1881, tornando-se, em 7 de Maio de 1908, Lente da Escola Médica-Cirúrgica do Porto.

Sobre ele, escreveu o Prof. Pires de Lima:

"O Meira não pensava, não estudava, nem gastava os seus ócios da mesma forma que o faziam os rapazes do seu tempo. E como os seus deveres escolares eram cumpridos sem grande método e sem grande entusiasmo, passou o tempo de estudante mal conhecido pelos mestres e mal apreciado pelos condiscípulos. Só uma pequena roda de amigos sabia que ele, em constantes leituras, estava adquirindo uma erudição perfeitamente rara para a sua idade e para o nosso meio."(1)

E o Dr. Joaquim Costa, explica:

"(...) Lia e anotava um romance de Zola, numa noite. Imitava os versos de An5tero, de Cesário Verde, de Gomes Leal, de Junqueiro e António Nobre, e redigia trechos admiráveis, dum recorte de forma incomparável, à semelhança de Camilo e Eça de Queiroz"(1)

Tão depressa 'imitando' Eça como António Nobre, Faustino Xavier como Conan Doyle, Herculano como Oliveira Martins, "a imitação era tão perfeita que os críticos aceitavam as produções como incontestáveis originais daqueles que as subscreviam: eram inéditos que se encontravam.(1)

O próprio João Meira se acreditava o imitador dessa numerosa plêiade de prosadores e poetas. (...) (1)

Entre muitos outros, foram por ele recebidos os seguintes poemas, que fazem parte de um artigo do Coronel Faure da Rosa sobre este médium pouco ou nada conhecido:

O SEU RETRATO

Verruga no nariz, barba aguçada, Curta a vista, o pescoço e o cabelo: Gordo, mas não de mais, um ar singelo, A mão pelo cigarro defumada.

Linda gravata, roupa bem talhada, Chapéu em que Avelino pôs bom pêlo, Colete que o Viegas cora ao vê-lo, Bota de couro inglês bem engraxada.

Escritor que procura novidades Nos entulhos do eterno esquecimento, E assim faz reviver outras idades

Eis Lemos, em quem luz grande talento, Um colega escreveu estas verdades Dizendo ser Bocage em tal momento.

(Bocage)

SAUDADE

Qual o doce ribeiro, que de leve Atravessa mil prados e campinas E as águas parte, que depois recebe, Em duas puras fontes cristalinas. Juntas as nossas vidas tempo breve Se apartaram, depois, por várias sinas, E agora vão seguindo, de ano em ano, Pobres vidas, de engano em desengano.

Mas se a água dos rios não percebe Saudade de outras águas diamantinas, Não são gémeas das águas, nem se deve Às águas comparar vidas tão dinas: Que por longe que o triste fado as leve Saudades vem juntar as peregrinas, Sem esperar que ao fim de tanto engano As junte a morte, que é profundo oceano.

(Luiz de Camões) (1)

E de um outro artigo, numa outra Revista, (2) ainda do mesmo autor, Coronel Faure da Rosa, mais estes três poemas:

SABER

Saber, filho espúrio da Verdade A quem mãe cruel sempre enjeitou! Tu que quanto mais cresces em idade Mais longe vês a mãe que te gerou.

Para que ao começar-lhe a mocidade Foi que teu hálito rude o bafejou? Pois para que há de ele, para que há de Cansar um dia que ainda não chegou?

De que vale, Saber, o consumir Esterilmente um ano e outro ano, Se o tempo tudo há de, enfim, delir?

De que vale, Saber, estudo insano, Se o passado, o presente e o porvir São engano, são tudo o mesmo engano!...

(Antero de Quental) (2)

À maneira de Cristóvão Falcão, o

VILANCETE

Senhora, vosso marido Vede-lo tão estimado Que vos há de dar cuidado.

Perdoai ser atrevido, Senhora do meu respeito, Vejo eu vosso marido, Ser um homem tão perfeito De todos tão bem aceito, Que o vê-lo tão estimado Me parece de cuidado.

Pois quem tem tanto amigo, Que lhe anda sempre lembrando, Corre a cada passo o p'rigo De em vós não estar pensando, O que é pecado nefando; Por isso o ser estimado Me parece de cuidado.

Se eu fosse mulher, queria Um homem de embirração, Sem nenhuma simpatia, Para não ter partição Do afecto e no coração. Porque ser tão estimado Sempre é coisa de cuidado!

(Cristóvão Falcão) (2)

O soneto a seguir, parece ter sido a última produção do Dr. João de Meira:

A SENHORA DA BOA NOVA DE LEÇA DA PALMEIRA

Na triste capelinha ao pé da qual, Se Deus quiser, um dia hei de morar, Ficarei junto à porta principal, Para o povo, na entrada, me pisar.

E dirá o bom povo, quando entrar,
Vendo a pedra que esconde o meu coval:
- Anto lá está, liberto, enfim, do mal.
E à Senhora, por mim, há de rezar.

Há de rezar por mim com devoção; Virgem da Boa Nova, ouvi-lhe a prece Que aos rudes lábios manda o coração.

E pois não lembra quem desaparece,

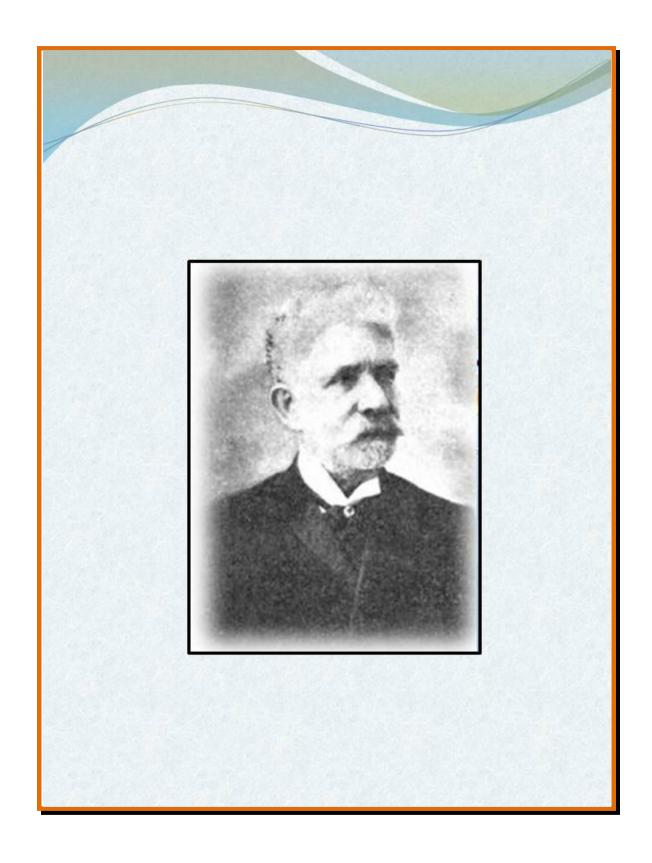
Dizei ao povo que não me esqueça, não; Que minh'alma também o não esquece.

(António Nobre) (2)

Comparando-o com Fernando de Lacerda, e os 'dons' de um e outro, o articulista comenta que, naquele tempo, 1911, a 'ciência ortodoxa portuguesa nem um instante se detinha a estudar a faculdade supranormal dos metapsiquistas, a mediunidade dos espiritas, o que não quer dizer que já hoje (1945) a estude". (1)

O Dr. João Meira desencarnou na pequena povoação de Gorminhães, perto de Guimarães, em 25 de Setembro de 1913, com 32 anos de idade.

- (1) Artigo do Coronel Faure da Rosa, Presidente da F.E.P., publicado na revista ALÉM, da S.P.I.P., em Marco/Abril de 1945:
- (2) Idem, idem, publicado na Revista O MENSAGEIRO ESPIRITA, da F.E.P., Setembro/Outubro de 1937.



(Cons.) JOSÉ DA SILVA

(Cons.) JOSÉ DA SILVA

JOÃO JOSÉ DA SILVA, Conselheiro, nasceu em Moncarapacho em 8 de Março de 1845.

Frequentou o seminário de Faro, onde fez o curso teológico com prémios, mas reconhecendo a sua falta de vocação para a vida eclesiástica, conseguiu, sem o menor sacrifício pecuniário de seus pais, que eram modestos lavradores, e tão somente à custa das suas lições e explicações, matricular-se na escola normal de Marvila, onde fez o curso de magistério primário tão brilhantemente que, findo ele, por distinção, foi nomeado seu professor e director.

Sentindo-se fadado para mais altos destinos, matriculou-se na Universidade de Coimbra, no curso de Direito, que terminou com o grau de Bacharel em 1878.

Concorreu, depois, às vagas da Magistratura Judicial do Ultramar, tendo sido delegado do Procurador da Coroa em Santiago, Cabo Verde, procurador da Coroa e Juiz de Direito em Macau, Juiz e Presidente das Relações de Luanda e Goa.

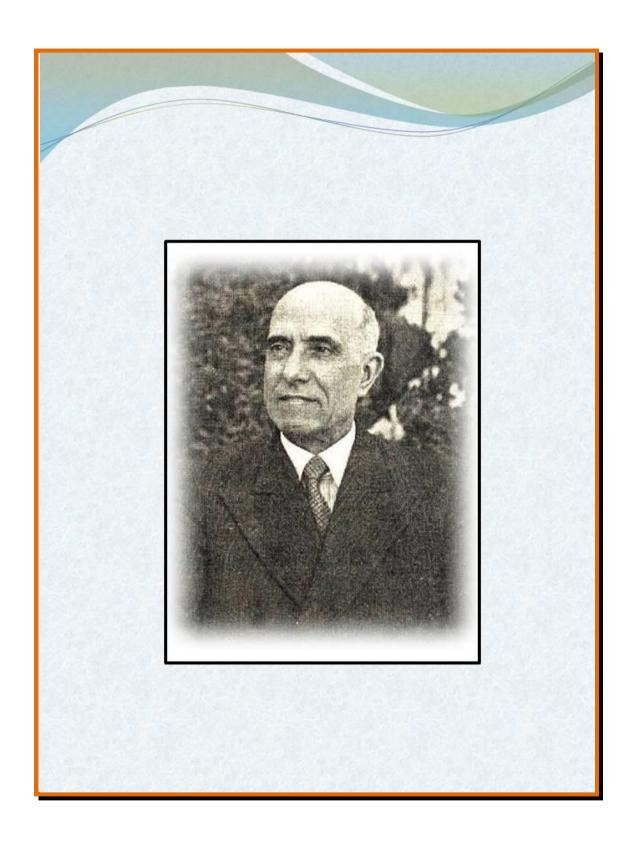
Regressando à Metrópole, foi nomeado Juiz da Relação de Lisboa e, depois, Juiz do Supremo Tribunal da Justiça, lugar que exercia quando se aposentou.

Em várias comissões de serviço, exerceu também outros cargos, como o de auditor do Tribunal Superior Aduaneiro e vogal da antiga Junta Consultiva do Ultramar.

Escreveu e publicou, entre outras obras: "Manual dos Chefes de Conselho" (livro que prestou grandes serviços em Angola); "Directório das Câmaras Municipais do Ultramar"; "Manual do Processo Criminal", com algumas noções da Proc. Civil, para uso dos Juízes Municipais, seus escrivães e sub-delegados do Procurador da Coroa e Fazenda; "Reportório Alfabético e Cronológico ou Índice Remissivo da Legislação Ultramarina, desde a época das descobertas até 1902 inclusivé", tendo também publicado um índice da legislação de Macau.

Foi colaborador efectivo da "Revista de Direito" e Senador, durante a Presidência de Sidónio Pães. (23)

Ignoramos quando se encontrou com a Doutrina Espírita, mas fez parte da Junta Consultiva dos Corpos Sociais da Federação Espírita Portuguesa, no mandato de 1926/1929, que não cumpriu até ao final, por ter desencarnado em Lisboa, em 4 de Agosto de 1927.



(Cor.) JOSÉ FAURE DA ROSA

(Cor.) JOSÉ FAURE DA ROSA

JOSÉ AUGUSTO FAURE DA ROSA, Coronel, nasceu em Leiria em 16 de Novembro de 1873.

Tendo frequentado a Escola do Exército, abraçou a carreira militar, sendo promovido a tenente em 1897.

Serviu a Pátria na Metrópole e no Ultramar, desde Angola até Timor, envergando sempre a "far4da imaculada dos que cumpriram o juramento de soldado, quando a vestiram pela primeira vez".

A par das actividades militares, foi professor do liceu, primeiro em Leiria e, depois, em Lisboa, sempre sobrecarregado de afazeres porquanto, para além daqueles, oficiais, que assumira, tinha ainda os outros sobre os quais se debruçava com prazer: escrever. Assim, dedicou-se ao jornalismo e ao teatro, traduzindo do inglês, de colaboração com Henrique Garland, duas peças de teatro (Bebé e Totó, e A Doença da Mamã).

Já com 5 filhos, embarca, então, para a Índia, na ideia de aumentar os recursos económicos, e ali fica, prestando relevantes serviços, durante 18 anos, e desempenhando cargos que foram o de Governador de Damão, Chefe do Estado Maior do Quartel General do Governo Geral da Índia, Administrador das matas de Goa, de Praganã e Nagar-Aveli, e, neste último território, Comandante Militar e Administrador Civil, actividades sempre exercidas com competência, excepcional zelo e espírito empreendedor.

Em 1912 participa da campanha de Timor, comandando a coluna de operações do Oeste. À sua acção nesta campanha se refere, mais tarde, o Comandante Geral Filomeno da Câmara, em termos elogiosos no seu 'Relatório', referindo que, contrariando o estipulado superiormente, Faure da Rosa recusou-se a separar, entre os prisioneiros, as mulheres e os filhos

dos respectivos chefes de família, demonstrando assim o seu alto espírito humanitário.

Em 1920 termina a sua carreira no Estado da Índia, regressando ao Continente para, em 1922 partir de novo, desta vez para Moçambique, sendo nomeado Secretário Geral do Governo de Manica e Sofala, na Beira, de onde regressa em 1925.

Possuía as medalhas de prata de Valor Militar (com Palma), de ouro, de Comportamento Exemplar e outra, da Campanha de Timor. Era Grande Oficial da Ordem Militar de Aviz.

Aqueles que o conheciam afirmavam que "mais depressa o sol se desviaria do seu curso do que ele do caminho da honra".(1)

Sempre sorridente, não demonstrava, no trato com cada um, os problemas que, por vezes, lhe envolviam o coração amargurado.

Em 1927, então com cinquenta e quatro anos, assiste ao desencarne da filha mais nova, Noémia, de vinte e poucos anos. O desespero de ver partir aquele ente querido, mais as imagens que a filha descreve, antes do desencarne, vendo o que mais ninguém lobriga, levam-no a pôr de parte todas as ideias cooperativistas, debruçando-se sobre o estudo da Doutrina Espírita, que não mais abandona. (2)

Dá a sua colaboração à Federação Espírita Portuguesa desempenhando, por diversas vezes, o cargo de Presidente de Direcção; dirige a 'Revista de Espiritismo', 'Revista de Metapsicologia' e 'O Mensageiro Espirita', todas da F.E.P.; colabora com artigos que escreve e são publicados em todas as revistas espíritas portuguesas editadas na época, inclusivé na 'Luz e Caridade', de Braga; 'Além', do Porto; 'Estudos Psíquicos', de Lisboa, entre várias outras, e faz palestras, não só nas instalações da Federação como em qualquer outro local onde o convidem para falar, com palavras que "lançaram muita luz e esclareceram muitas almas". (3)

Rebatendo o conferencista belga, Pierre Goemaère, que levianamente atacou o Espiritismo, numa palestra no cinema S. Luiz, fez uma conferência no cinema 'Condes', que redundou em apoteose, com a sala completamente cheia dos mais ilustres nomes da época, onde se viam advogados, médicos, engenheiros, comerciantes, industriais, artistas, etc., enquanto ele falava "Em Defesa do Espiritismo" (4).

Desloca-se por diversas vezes ao Porto, para falar na 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas'.

Em S. Paulo, existe uma rua com o seu nome no distrito de Jabaquara, criada com o seguinte histórico:

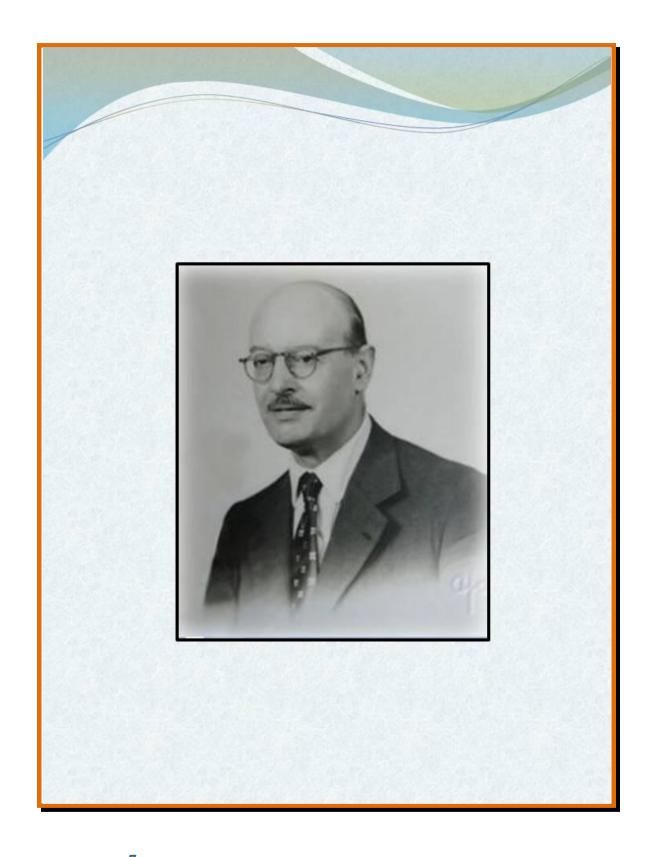
"Faure da Rosa foi escritor modernista da segunda geração. O Coronel José Augusto Faure da Rosa (1879-1950) nasceu em Leiria/Portugal, desencarnando em Lisboa/Portugal. Foi Chefe do Estado Maior do Quartel General do Governo Geral da Índia Portuguesa, tendo comédias encenadas

no Teatro Português. Tornou-se espírita e foi Presidente da Federação Espírita Portuguesa. Dirigiu e colaborou em Revistas espíritas, escrevendo livros espiritistas".(5)

Observamos aqui um erro, no ano do nascimento, aqui referido como '1879', quando seu filho informa ter sido em '1873'.

Desencarnou em 8 de Novembro de 1950.

- (1) Revista espiritualista portuguesa 'Fraternidade', da Associação de Beneficência Fraternidade;
- (2) Informação de Maria Henriqueta V. S. de Souza Magalhães, sua "sobrinha adoptiva";
- (3) Revista espiritualista portuguesa 'Fraternidade', da A.B.F.: entrevista concedida por seu filho à Revista, para falar sobre seu Pai;
- (4) Revista portuguesa 'Estudos Psíquicos', Novembro de 1960;
- (5) Anuário Espírita Brasileiro da IDE, ano de 2005, página 249.



JOSÉ FRANCISCO CABRITA

JOSÉ FRANCISCO CABRITA

JOSÉ FRANCISCO CABRITA foi um dos 'elos de ligação do Espiritismo nascido nos primórdios do séc. 20 com aqueles outros que foram surgindo depois do 25 de Abril de 1974.

Director da revista 'Ecos do Além', de Lagoa, Silves, foi o principal promotor e organizador dos Congressos Espíritas Algarvios, que tão grande influência tiveram na difusão do Espiritismo no Algarve. (1)

Conforme declara o Dr. António Joaquim Freire no livro 'Evolução do Espiritismo', foi de uma ideia sua, que Joaquim Freire 'agarrou', que surgiu o 1° Congresso Espírita Português, em 1925.

Ele foi, ainda, (também) um dos mais valorosos propulsores da 'União Espírita Algarvia', primeira em Portugal, e exemplo das que, depois, se foram criando.

A seu respeito, lemos em 'Estudos Psíquicos':

" (...) Com a sua morte perdeu-se um dos pouquissímos elos de ligação que existiam ainda entre o Espiritismo de 1978 e o Espiritismo de Faure da Rosa e de um Coronel Passaláqua.

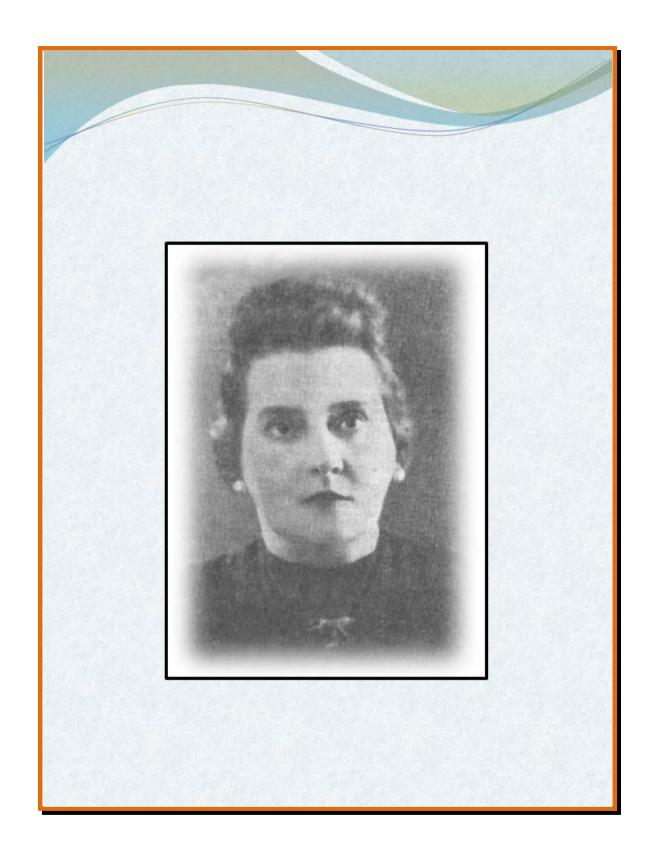
"José Francisco Cabrita foi um batalhador que nunca esmoreceu, mesmo quando ventos contrários pensaram abafar as vozes dos espíritas portugueses. Através de conferências, palestras e um nunca acabar de artigos dedicou toda a sua vida à propaganda dos postulados Kardecistas. Na 'Federação Espírita Portuguesa', no 'Centro Espiritualista Luz e Amor', na 'Fraternidade Esotérica Iniciática', e no 'Instituto Espiritualista Português', trabalhou dirigindo grupos ou exercendo outras actividades. Dirigiu centenas de sessões chamadas doutrinárias, nas quais exteriorizava a sua faceta predominantemente mística. (...).

"Faure da Rosa, general Passaláqua, António Lobo Vilela, Isidoro Duarte Santos e agora Francisco Cabrita pouco a pouco vão desaparecendo

do panorama espírita português, deixando vazios muito dificéis de preencher." (2)

Desencarnou em 1978.

- (1) MEP (Tentativa Histórica do Movimento Espírita Português), da autora;
- (2) Revista Portuguesa 'Estudos Psíquicos', Julho de 1978.



LEONILDE C. HOGAN (LÉO)

LÉO

LEONTINA DE CABRAL HOGAN, a 'Léo' como era carinhosamente referida e conhecida, pertenceu ao Movimento Espírita nascido do Congresso de 1925.

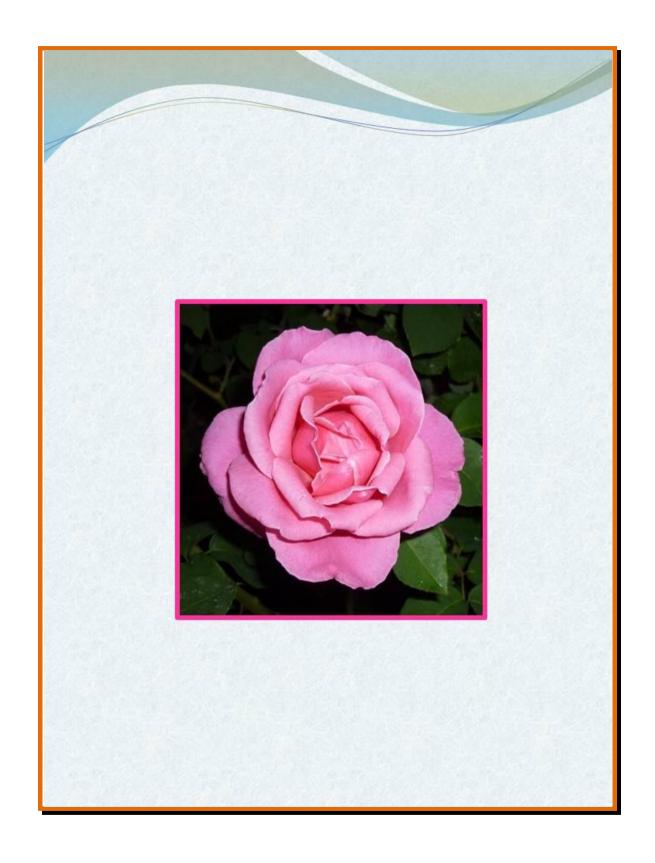
Médium de incorporação e vidente, foi através da sua mediunidade que Faure da Rosa viu confirmada a certeza da 'vida que continua' e continuava para a sua filha Noémia, com elementos de identificação totalmente completos.

Em cada pessoa que contactava criava um amigo.

"Possuía distinção inconfundível onde não se descobria o mínimo artifício. Da sua expressão fisionómica irradiava qualquer coisa de espiritual que realçava e velava a sua graça de mulher. Afável e despretenciosa, inteligente e culta, a sua conversação prendia quem a escutava." (1)

Desencarnou em Lisboa, 18 de Janeiro de 1943, com 57 anos.

1 – Revista Portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, Janeiro/Fevereiro de 1943.



MADALENA LACOMBE

MADALENA LACOMBE

MADALENA FRONDINI LACOMBE era portuguesa, tendo nascido em Lisboa no ano de 1857. Seu pai foi Ângelo Frondini, o maestro italiano natural de Parma, que veio viver para Portugal e autor, entre muitas outras composições, da música 'Hino do Minho' ou 'Maria da Fonte', como ficou mais vulgarmente conhecida.

Escritora e poetisa, de grande notabilidade em estudos psíquicos, os seus estudos e experiências metapsíquicas, provocaram acesas e apaixonadas discussões, "concitando a curiosidade geral e fazendo ocorrer à sua residência não só os convictos do Espiritismo como os incrédulos. Colaborou em vários jornais portugueses e estrangeiros, sobretudo em revistas francesas de estudos psíquicos, tais como *Psichyea* e *Revue de Metapsichique*, sendo muitos dos seus artigos transcritos nos jornais brasileiros da especialidade e merecendo elogiosa referência de Charles Richet, Prémio Nobel da Física e Professor da Sorbonne, no seu 'Traité de Metapsichique'. (1)

As suas reuniões e pesquisas levaram à 'conversão' de seu marido e de seu filho, ambos engenheiros, dando-lhe o primeiro, desde sempre, todo o apoio necessário, nas reuniões que quis efectuar durante anos e anos, tanto de dia como de noite. (2)

Chegou a fazer parte das reuniões organizadas pelo médium português Fernando de Lacerda, que, por sua vez, participou, igualmente, em algumas das reuniões por ela organizadas, e o seu nome encontra-se entre aqueles que fizeram parte da Junta Consultiva dos primeiros Corpos Sociais da F.E.P., criada em 1926.

Sobre o seu desencarne, lemos numa revista da FEP:

"(...). Madame Frondini Lacombe, uma curiosa figura de mulher que se dedicou à investigação psíquica durante muitos anos da sua existência, atraindo a atenção de literatos, jornalistas, médicos, engenheiros, advogados, enfim, uma grande parte de intelectuais que, acreditando ou não acreditando na veracidade dos fenómenos, ficaram, todavia,

impressionados, a ponto de terem de cogitar numa coisa espantosa, numa *terrível* hipótese, a hipótese absolutamente verosímil e natural, da sobrevivência da alma, após a morte do corpo físico.

"As sessões que dirigiu, de 1913 a 1918, com a assistência de uma série de figuras dignas de todo o crédito, entre elas os falecidos Dr. Sousa Couto, director da Revista Estudos Psíquicos (3), e o Professor da Faculdade de Medicina, Dr. Augusto de Oliveira Feijão, foram pródigas em fenómenos de toda a natureza, desde o deslocamento de objectos sem contacto à fotografia de fantasmas, alguns deles identificados. Com o auxílio de uma extraordinária médium de efeitos físicos, conhecida por Condessa de Castelwitch, pseudónimo duma senhora distinta, da primeira sociedade lisboeta, bem como de outras senhoras dotadas de belas faculdades mediúnicas. Madame Lacombe realizou experiências incontáveis, quase sempre com resultados magníficos, que levaram à conversão de seu marido e seu filho, ambos engenheiros, e, como tal, nada propensos à credulidade peculiar aos espíritos fracos, como soe chamar-se a quantos acreditam nos fenómenos psíquicos e espíritas.

"(...) Viveu perto de 80 anos, colaborando em revistas de estudos metapsíquicos e relacionada com os grandes sábios Richet, Flammarion, Delanne e Geley, com os quais realizou sessões de espiritismo, como conta no seu livro 'Merveilleux Phenomènes de l'Au-delà.

"Pela sua casa da Avenida da Liberdade passaram muitas pessoas célebres, que tiveram ocasião de assistir a fenómenos de causa ignorada, num compartimento selado e inteiramente isolado do exterior, em que as mesas eram levantadas e a matéria atravessava a matéria, numa derrogação incompreensível às leis naturais.

"As experiências que realizou em Itália com Eusápia Paladino impressionaram-na vivamente, sobretudo pela simplicidade desta médium napolitana (...).

"O Dr. Oliveira Feijão assistiu a muitas sessões de Madame Lacombe e das suas impressões ficou célebre uma carta que enviou ao astrónomo Flammarion, (3) na qual relata os fenómenos que presenciou, exercidos sob o mais rigoroso controle: móveis que se mexem sem ninguém lhes tocar, cadeiras que saem dos lugares, bengalas que se projectam à distância, portas que se abrem sem chave e livros que se arremessam, reposteiros que se agitam, campainhas que retinem, pianos fechados que tocam, mesas que levitam, a pedido dos assistentes, flores que atravessam as paredes... Enfim, diferentes e variadíssimos fenómenos que abalaram a firmeza negativista do conhecido professor, que fala assim, na referida carta: 'outrora, repito, não acreditava nem uma só palavra do que se contava sobre o assunto; porém, hoje, vi, observei com cuidado e afirmo que acredito...

"(...)

"Rocha Júnior criticou as experiências de M. Lacombe, num artigo do *Século da Noite*, cuja redação, então, chefiava. Convidado, porém, a assistir a uma sessão, escreveu novo artigo, intitulado 'Os Segredos do Além', em que se refere a «um médium muito gentil e a um espírito muito bruto», prova de que saiu com o cepticismo um tanto abalado, como, afinal, ele próprio confessa, no fim do artigo: «cumpre-me, lealmente, confessar que deixei Mme. Lacombe sinceramente abalado na minha incredulidade. Há, deveras, qualquer coisa de extraordinário no mistério dos seus espíritos e no mistério da sua Condessa." (3)

A sua obra literária abrangeu diversos temas, desde um livro de versos, intitulado *Une visite au Panthéon*, publicado em 1908, por ocasião do regicídio, e *Derniers lettres d'un poitrinaire à sa fiancée*, este editado em português e francês, respectivamente prefaciado por Henrique Lopes de Mendonça e Camille Flammarion. (1)

Sobre Metapsiquica, escreveu, em português, o livro *O Segredo da Morte*, prefaciado pela escritora Ana de Castro Osório e, em francês, em 1920, escreveu *Merveilleux Phènomenes de l'au –delà*, já atrás referido, livro que deu brado e mereceu ser traduzido para o castelhano por Dom António Buendia, e em parte para o alemão, pelo Professor Schrenk-Wotzing, da Universidade de Munique.(1)

Dedicou-se, ainda, à música, sendo de sua autoria a opereta "Pif-Paf", que no princípio do séc. XX alcançou grande êxito. (1)

Em 25 de Outubro de 1938, o Dr. Amílcar de Sousa proferiu, na 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas', no Porto, importante conferência sobre esta médium, de que extraímos o seguinte apontamento publicado na revista ALÉM, daquela Instituição, e durante a qual narrou as circunstâncias em que conheceu a referida senhora, produzindo um interessante depoimento sobre os trabalhos por ela realizados, alguns notáveis, esclarecendo porém que jamais ela se declarou espírita.

Focando mais particularmente a figura da referida senhora, ajunta:

- " Madame Lacombe era uma sexagenária, inteligente, culta, devotada ao seu lar. O seu marido, homem de probidade e técnico, assistia com interesse às múltiplas experiências realizadas por sua esposa e por seu intermédio. Não punha impecilhos à sua devotividade. Anos e anos levou dias e noites. Fez um arquivo precioso. Ouvi ler casos e casos.
- "Sobre a dúvida sistemática que a orientava nos seus estudos psíquicos, diz: é o método da dúvida como base subjectiva de toda a ciência. Ninguém sente, vê, ouve e observa tanta *manifestação* como esta ilustre observadora, a mais ilustre em terras portuguesas. Era uma senhora baixa, sóbria, abstémia, despida de todo o odor exótico e simples de conversa, mas poderosamente inquiridora. Prendeu-me muitos dias com o relato dos seus casos paranormais.

- "Pôde realizar uma obra e publicou-a em francês sob os auspícios de Flammarion, o grande astrónomo com quem privava e em cuja casa se hospedava nas suas estadias em Paris." (5)
- "Nos Congressos Internacionais de Investigações Psíquicas, especialmente no de 1927, em Paris, os seus trabalhos foram largamente debatidos entre os cientistas presentes, como o engenheiro polaco Pedro Lebiedzinski, de Varsóvia, figura de grande relevo na época no meio da metapsíquica internacional." (6)

São suas, as seguintes palavras:

- "Os factos misteriosos são inegáveis; são uma verdade. É absurdo desdenhar tanto testemunho humano e querer explicar tanto caso extraordinário, como consequência de ilusões, de alucinações ou de fraudes!
- "Julgar que todas as pessoas a quem sucedem fenómenos psíquicos estão 'malucas' e outros epítetos do mesmo género; julgar que sejam vítimas da sua própria imaginação, é uma hipótese, hoje, insustentável. (7)

Madalena Frondini Lacombe desencarnou em 21 de Dezembro de 1936. (7)

- 1 GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, vol. XI, pág. 901;
- 2 Revista Espírita Portuguesa O MENSAGEIRO ESPÍRITA, Janeiro/Fevereiro de 1937;
- 3 Revista com o titulo primitivo, criada pelo Dr. José Alberto de Sousa Couto, e que existiu de 1905 a 1909;
- 4 Camille Flammarion, contemporâneo e 'companheiro' de Allan Kardec; autor do discurso de despedida a Kardec, feito no seu túmulo, onde o chamou de 'bom-senso reencarnado';
- 5 Revista da 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas' ALÉM, Setembro/Outubro de 1938;
- 6 Boletim da F.E.P. na Internet, Abril de 2005;
- 7 REVISTA DE ESPIRITISMO da Federação Espírita Portuguesa, nº. 2, de 1927.



MANOEL CAETANO DE SOUSA

MANOEL CAETANO DE SOUSA

Foi um dos responsáveis pela 'Revista de Espiritismo', da Federação Espírita Portuguesa, e chegou a abrilhantar a lista dos Corpos Sociais da Federação, da qual fazia parte a quando do seu encerramento.

Escritor e poeta, encontramos inúmeros artigos de sua autoria, da mesma maneira que lemos muitos outros, baseados em mediunidade e fenómeno mediúnico, com que enriqueceu as páginas daquela Revista. Destacamos, dentre todos: "Estranha Entrevista", "Viagem Inesperada", "A Arte e os Artistas", "A Fonte a e Alma das Coisas", "Luz nas Trevas", "Os fenómenos Supranormais da Universidade Portuguesa", "Deus e o Conhecimento Humano"...

Poemas como "Luz no Natal", "Ao mais pobre dos meus Irmãos Pobrezinhos...", ou "Auto da Vida e de Jesus" (Teatro Espiritualista), "Homem!" (que transcrevemos abaixo), mostram bem da sua diversidade intelectual e de como, em prosa ou em verso, ele procurava sempre chamar a atenção para o Divino, para Deus!

Foram as suas palavras (nem sempre as mais felizes) que intentaram 'pôr cobro' aos desmandos dos artigos do Jornal 'Novidades', no ataque cerrado que aquele jornal fez ao Espiritismo, referindo casos que com a Doutrina Espírita nada tinha a ver.

HOMEM!

Homem: síntese do Cosmo; um clarão A desbravar a noite que o envolve; VERDADE erguida nessa imensidão Do aparente e do real onde se move, Procurando o NORTE à luz da Fé e da Razão!

Homem: o Bem e o Mal; a Noite e o Dia! O Passado e o Presente; o Começo e o Termo!... Um ilusório caos em busca de Harmonia! Um mundo de paixões; cidade e ermo! Calvário, sonho, dor, orgulho em louca orgia!

Homem: asa divina presa de si mesmo, Tentando alturas ou roçando o pó, A colher desenganos que semeia a esmo!... ... Vidas sem conta numa vida só!

Homem: o Infinito em campo limitado, Embora ousado seja tal conceito; Que infinito é o anseio do Bem que é desejado E vive e cabe e brada num só peito!

Homem: um caminheiro que caminha incerto... Pena no Mar do Azul, feita mareante, A procurar distante aquilo que está perto E a julgar perto aquilo que é distante!

Homem: no mesmo corpo o monstro e o santo: Nos mesmos olhos a raiva desmedida, O fogo, o gelo, a dor, a mágoa, o pranto, Por tudo quanto é triste nesta vida!

No mesmo espaço o efémero e o eterno; No mesmo peito, a par, o ódio e o Amor! Na mesma consciência o Céu e o Inferno; O mesmo lugar ao Demo e ao Senhor!

Na mesma mão, o cálix de amargo fel, O gesto piedoso, a vara da inclemência: E a taça apetecida do doce mel Que se alcança, e colhe na Paz da consciência!

Homem: um incoerente que se embala Na música das frases que lapida... Que estuda as Harmonias, quando fala, Furtando-se a servi-las...

...Quando serve a vida!

Um cavaleiro audaz que eleva o pensamento Às estranhas mansões dos mundos ideais; Alma entre estrelas, como luz no firmamento... Estrela também, passeando entre os demais...

... Mas que mesmo erguida a tão luminosa Altura, - a beber claridades no que é Grande e é Puro! — Semeia sobre a Terra amarga desventura, Pondo o Sonho a dormir num charco...

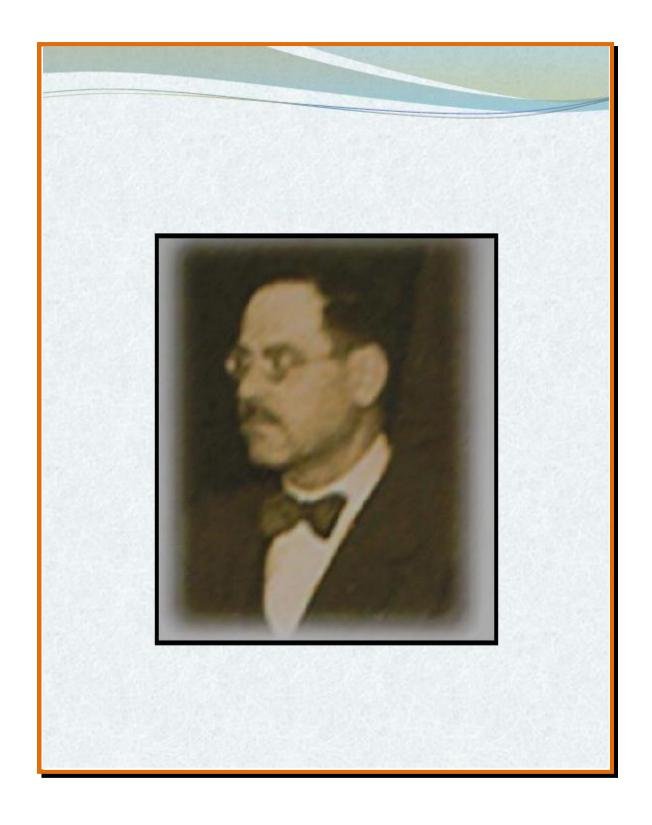
... ou num monturo!

HOMEM:

Um incoerente que se embala Na música das frases que lapida... Que estuda as Harmonias quando fala, Furtando-se a servi-las...

... quando serve a Vida!

(In: REVISTA DE METAPSICOLOGIA da F.E.P., Novembro de 1949).



MANOEL CAVACO

MANOEL CAVACO

MANOEL FRANCISCO CAVACO, foi um dos fundadores e Directores da 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas' e da sua Revista 'ALÉM', desde o primeiro número até ao seu desaparecimento.

Foi ele que apresentou ao Dr. António Joaquim Freire, da F.E.P., o comerciante Firmino d'Assunção Teixeira, regressado do Brasil, que viria a doar à Federação e Centros Portugueses existentes o donativo, não só para a construção da sede federativa como, ainda, para auxílio e manutenção das diversas Associações espíritas e da própria S. P. I. P..

Comerciante creditado na cidade do Porto, Manoel Cavaco foi um dos lutadores pela implantação da pureza doutrinária, levando para a 'sua associação' nomes grados da sociedade portuguesa que a fariam brilhar e creditar-se com a idoneidade com que foi reconhecida.

Dos muitos artigos com que enriqueceu, não só a 'Revista Além', como a própria Revista da Federação de então, destacamos o seu apelo aos Espíritas de então:

PROVEITOSO LABOR

"Não obstante a magistral representação portuguesa no Congresso Espírita Internacional, em Paris, no ano de mil e novecentos, feita e levada pessoalmente pelo Dr. Sousa Couto, e, algum tempo depois, o aparecimento, em público, da sua Revista: - Estudos Psíquicos, a qual durou cerca de quatro anos; não obstante o aparecimento, em Lisboa, quase na mesma ocasião, de um dos mais prodigiosos médiuns psicográficos: -Fernando de Lacerda – cujas maravilhosas produções psicográficas foram coligidas em vários volumes sob o título: - Do País de Luz; não obstante ainda as extraordinárias experiências do Dr. A. Martins Velho, proficientemente narradas e comentadas nas publicações que ele legou à posteridade; e, ainda, o aparecimento, aqui e além, pelo país, de vários grupos experimentais e outras publicações eventuais e periódicas, de curta duração, e o encontro, de quando em quando, de algumas casas mal e algumas pessoas obsedadas, exemplos fenomenologia espírita, o certo é que, quando se organizou a Federação

Espírita Portuguesa, o Espiritismo, em Portugal, era ainda considerado ridículo, por muita gente.

"Mas, desde então – há vinte e cinco anos – progrediu muito o conceito de que goza o Espiritismo, mormente entre as classes intelectuais, mercê da inteligente e sensata actuação dos fundadores da Federação Espírita Portuguesa, a qual conseguiu, num quarto de século, neutralizar a inércia da rotinice, destruir a carapaça de certos preconceitos sectários que estorvavam a aceitação da ideologia Espírita; e conseguiu, também, consolidar a edificação do Espiritismo, em Portugal, representada por aquele organismo.

"Aqueles que fundaram a Federação Espírita Portuguesa e lhe deram o melhor do seu esforço espiritual, até ao sacrifício da saúde e dos seus recursos económicos, renunciando a rendosas e pomposas situações nos palanques sociais, têm o cunho de verdadeiro apostolado; Honra e Glória para eles; porque, graças à sua abnegada devoção, o Espiritismo, entre nós, firme nas suas fundamentais características de redenção e amor verdadeiros, prossegue na sua edificante renovação das consciências que dão guarda à sua nobre ideologia.

"Na existência de uma agremiação com a finalidade da Federação Espírita Portuguesa, o tempo decorrido mal chega para preparar a semeadura da sua ideologia; todavia, os seus frutos temporãos já são sobejamente compensadores na consolação espiritual dos seus abnegados obreiros; mas é necessário dar a devida continuidade a obra tão fecunda, e para isso basta que os crentes lhe dêem o seu concurso e contributo de qualquer modo.

"Espíritas! Ingressai todos na Federação Espírita Portuguesa; o pequeno auxílio de cada um dar-lhe-à a possibilidade de prosseguir, pelo tempo fora, e ampliar a sua missão em todas as modalidades da solidariedade, como sucede já, em larga escala, no Brasil."

(In: REVISTA 'ALÉM', Julho de 1951).



MANOEL GRAÇA

MANOEL GRAÇA

"Manoel Graça pertencia por temperamento e por carácter, à categoria dos homens cuja vida é norteada rigorosamente pelo alto ideal de perfeição espiritual e pelo desejo veemente de que esse ideal seja espalhado e difundido amplamente em todos os cantos do mundo.

"Com uma fé inabalável, o entusiasmo que punha no seu entusiasmo tornava-se contagiante.

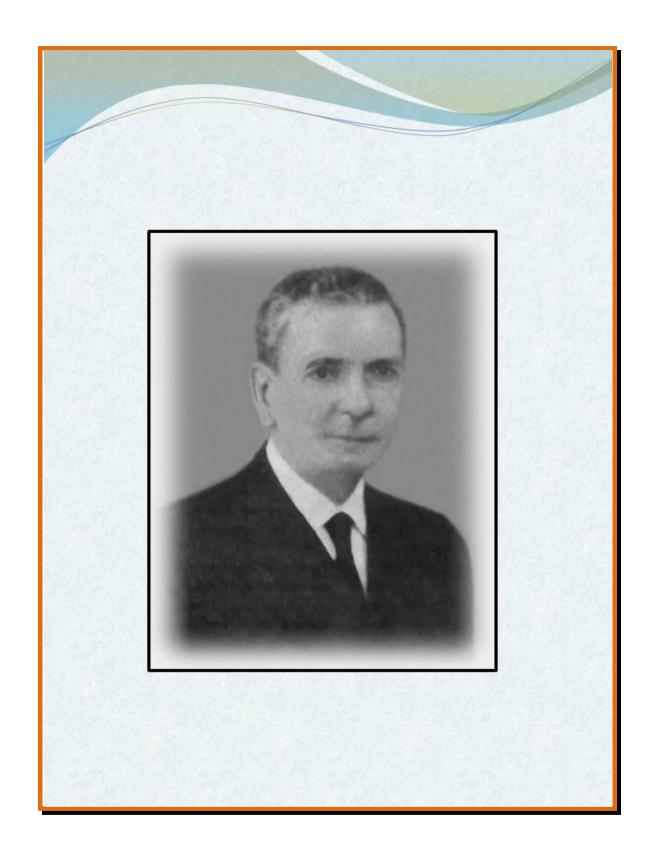
"Fundador do Centro Espírita de Braga e da Revista 'Luz e Caridade', com Joaquim Rocha e Matias Cunha", (a quando do regresso de todos do Brasil), "ele foi bem o continuador da obra e da orientação dada desde o início, depois do desencarne de Matias Cunha, em 1930". (1)

"Era casado com Sara Graça, uma senhora brasileira muito gentil que o acompanhou sempre na propaganda, como médium psicográfico a quem se devem as comunicações que na revista 'Luz e Caridade' são assinadas por P.R.F. (Paz, Regeneração e Fé). (...)"

Procurando, na cidade onde abriram o Centro, viverem de bem com todos em função de Braga ser uma cidade muito habitada por padres e onde o clero tinha grande poder, o seu comportamento lembra-nos, por vezes, o do apóstolo Tiago, o Maior, repartido entre o cristianismo nascente e o comportamento que exigia de seus companheiros para evitar o mau julgamento dos juízes do Sinédrio.

Desencarnou em 9 de Setembro de 1947, com 80 anos.

1 – Revista ALÉM, da S.P.I.P., Setembro/Outubro de 1947.



MANOEL GRELO

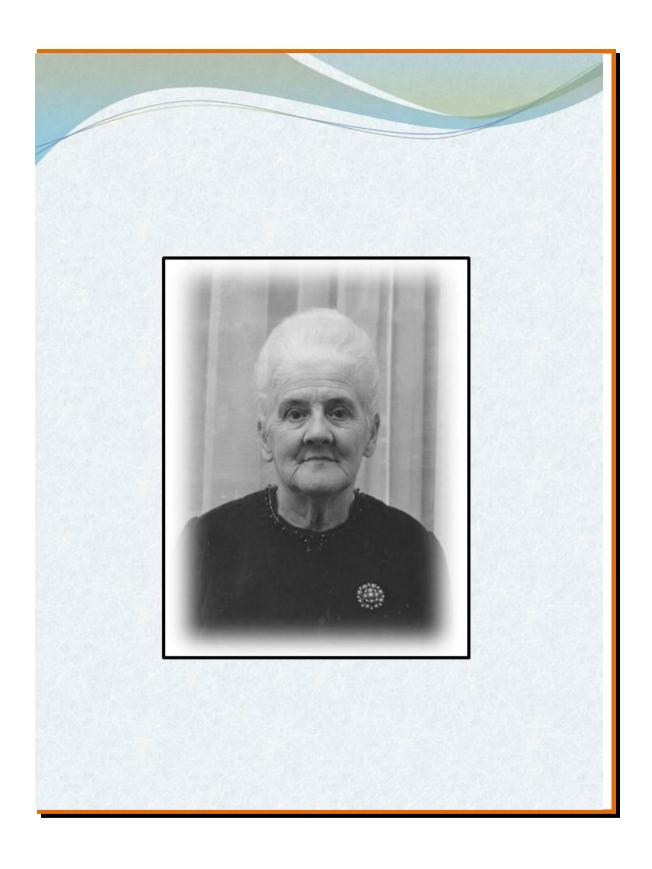
78. /F A		
		•

MANUEL TAVARES GRELO começou, em 1923, a colaborar na Revista 'Luz e Caridade', de Braga, que mantinha várias secções noticiosas e doutrinárias. Mais tarde, entrou para o Centro Espiritualista 'Luz e Amor', desempenhando as funções de vice-presidente e colaborando na Revista 'Estudos Psíquicos'.

"Na 'Luz e Caridade' teve a seu cargo a secção bibliográfica durante mais de vinte anos. Foi um verdadeiro propagandista das verdades espíritas e em cada leitor grangeou um amigo". (1)

Desencarnou em 11 de Dezembro de 1962.

1 – Revista 'ESTUDOS PSIQUICOS', Fevereiro de 1963.



MARIA ALÉM

MARIA ALÉM

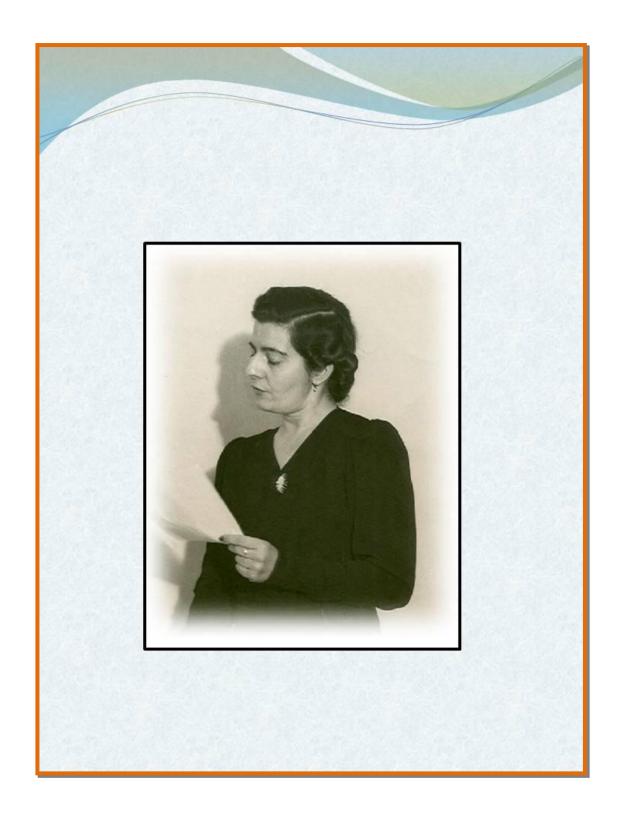
MARIA LAURA ALÉM viveu em Lisboa e os que dela se recordam apontam-na como médium, colaborando na 'Associação de Beneficência Fraternidade' onde, devido à sua maneira de ser, simples e humilde, angariou grandes amigos.

A sua mediunidade, não detectada anteriormente, irrompeu numa altura em que alguém dela se aproximou para a prejudicar: nesse instante, enfrentando quem lhe ia fazer mal, esclareceu o assunto, deixando todos os que observavam a situação, admirados com as suas palavras. A partir desse momento, começou a ajudar quem dela se aproximava com um pedido de conselho ou auxílio: sem encarar as pessoas de frente quando com elas falava, olhava 'o fundo', para além das mesmas, e do que 'via' e 'ouvia' dizia tudo aquilo que entendia dever e poder transmitir.

Depois de se afastar do Centro, continuou o que considerou ser a sua tarefa no cubículo de porteira, onde vivia, na Avenida da Igreja, sendo procurada por pessoas das mais diversas camadas sociais.

Conhecemo-la através de uma referência do médium espírita brasileiro, Jorge Rizzini, que a referiu num artigo que escreveu para o 'Jornal Espírita', do Rio de Janeiro, em Junho de 1994, depois de uma sua deslocação a Portugal.

Terá desencarnado no final da década de 60, principíos da de 70, talvez octogenária.



M. CARLOTA ALMEIDA SANTOS

M. CARLOTA ALMEIDA SANTOS

MARIA CARLOTA DE ALMEIDA SANTOS chegou até nós sem qualquer referência.

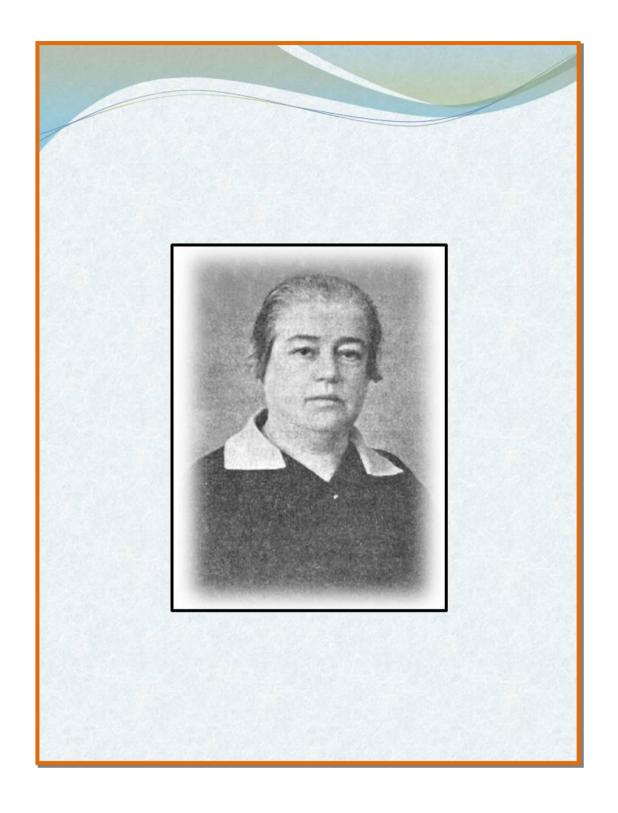
Conseguimos, apenas, descobrir e concluir que fez parte dos primeiros Corpos Sociais da Federação de 1926, dando o seu nome aos mesmos e ocupando o lugar de Presidente da Comissão de Solidariedade, em 1951. Colaborou com muitas palestras, realizadas pela F.E.P., comparecendo a muitas outras, que foi convidada a realizar, na cidade do Porto, no Salão Nobre da 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas', falando e incentivando sempre à caridade, ao amor, à boa vivência e sã conduta moral.(1)

Dentre os temas que escreveu e apresentou, salientamos, principalmente pela época em que o fez, a palestra 'O LUGAR DA MULHER NA RECONSTRUÇÃO DO MUNDO'.

São deste tema, as seguintes palavras:

"Desde todos os tempos que se ao homem foi dado o poder de criar, à mulher foi conferida a missão de conservar e transmitir. Íntima colaboradora do homem, porque preenche vácuos de sensibilidade e pureza que ao homem, por vezes, não são peculiares, a mulher deve marcar o seu lugar, não à força de movimentos extremistas mas, sim, pelo esforço da sua inteligência, posto ao serviço da sua bondade." (2)

- 1 Revista ALÉM da S.P.I.P.:
- 2 Revista de Espiritismo da Federação Espírita Portuguesa.



MARIA O'NEILL

MARIA O'NEILL

MARIA DA CONCEIÇÃO INFANTE DE LA CIERDA PEREIRA DE EÇA CONSTANTE, nasceu em Lisboa em 19 de Novembro de 1873, conforme podemos ler na 'Grande Enciclopédia Luso-Brasileira', a páginas 459.

Foi Membro da Academia de Ciências de Portugal, prestigiada escritora, jornalista e elequente oradora, ocupando com brilhante desempenho um dos primeiros lugares entre as Mulheres intelectuais portuguesas da sua época.

Como escritora, estreou-se com o volume 'O Morgado do Jornal', logo seguido do livro 'Ninhos', obra dedicada às crianças e publicada em 1908, e prefaciados por José de Sousa Monteiro e Bulhão Pato. Escreveu mais 'A Marquesa do Vale Negro', 'O Amor tudo consegue', 'Porta Direita', 'História Famosa', 'Proesas de um Valentão', etc.. (1)

"A certa altura, a Academia de Ciências premiou-lhe o talento de romancista e o engenho de poetisa, numa consagração extraordinária que abrangeu, no seu amplo significado, todas as mulheres de letras portuguesas." (1)

"Escreveu artigos para os jornais, sobre o direito de voto para as mulheres portuguesas, que na altura não tinham grandes ideais de vida porque (por palavras suas) 'a maioria das mulheres para que sejam as mães e educadoras que devem ser, precisam e devem ter a consideração e liberdade de pensamento e de acção a que tem direito todo o ser consciente'. Foi grande defensora dos direitos da mulher na sociedade portuguesa, tendo feito parte do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (conforme artigo de primeira página do jornal 'O Combate', nº. 259, de 1920, com o titulo 'O Voto das Mulheres'.

"Inicialmente simpatizante da Teosofia, considerava-se discípula de Annie Bésant e Madame Blavaski. Maria O'Neill já era espírita convicta na altura do 1º Congresso Espírita Português, conforme a revista 'O Espírita', de Junho/Julho Agosto de 1925", (...) "tendo presidido à Mesa dos Trabalhos do Congresso, nos dias 15 e 16." (2)

A partir daqui, colaborou como redactora da 'Revista de Espiritismo', da F.E.P., fazendo parte da Junta Consultiva dos Corpos Sociais da mesma Instituição, entre 1926/1929. (2)

"Convidada frequentemente a dar conferências em diversos pontos do país e estrangeiro, dava particular atenção aos espíritas do Alentejo e Algarve, surpreendendo a todos com a sua elequência verbal e lucidez de raciocínio.

"(...) Em 27 de Agosto de 1929, Maria O'Neill, com mais quatro amigos, fundou o 'Grupo Espírita Perdão e Caridade', tendo colaborado activamente para a fundação do actual 'Centro Espírita Perdão e Caridade', ocorrido em 1 de Janeiro de 1932, tendo sido eleita a 1ª Presidente da Assembleia Geral para o triénio 1932/1934." (2)

Em 1929, explica assim como 'Chegou ao Espiritismo':

"Os fenómenos espíritas impressionaram-me e rodearam-me espontaneamente, desde a mais tenra idade, sem que quisesse dar-lhes atenção.

"Data de 1884 o primeiro de que me recordo. Tomei sempre nota deles como de casos estranhos. Alguns são interessantíssimos. O segundo deu-se em 1894, depois em 1896, 1902, 1905, 1910, 1914 e, de então para cá, cada vez com mais frequência.

"Absolutamente convicta das Verdades Espíritas não as desejava aprofundar. Educada na religião católica, apostólica, romana, por uma mãe piedosamente fanática, em tudo que tocava às suas crenças e por um frade dominicano, de grande santidade e invulgar inteligência, tinha ao Espiritismo e às Ciências Ocultas o horror que os meus guias humanos lhes manifestavam e me transmitiam.

"Logo que pensei livremente, a doutrina da minha igreja não me satisfez e a compreensão que dela tinham os homens que se propunham segui-la, ainda menos. Tão grande vi Cristo na minha alma como falseado e deturpado o seu verbo. Desiludida de tudo e de todos, a minha fé em Deus foi sempre inabalável.

"Numa crise de grande sofrimento moral, aí pouco mais ou menos entre 1918 e 1919, vieram-me à mão, (...) livros de Teosofia. Li e compreendi. O eterno ponto de interrogação distanciou-se mais no meu horizonte. 'Não há religião superior à Verdade' foi um lema que correspondeu plenamente às minhas aspirações. Em Setembro de 1924 imprevistas e curiosas circunstâncias levaram-me a frequentar, *unicamente para estudo e investigação*, várias sessões espíritas. Muito observei e melhor radiquei as minhas opiniões.

"A questão social, que tanto preocupou a minha mente na idade exuberante da existência, preparou-me talvez melhor, do que todos os estudos de gabinete o poderiam fazer, para bem compreender a vida pela

vida. Sempre que uma ideia correspondeu às necessidades do meu espírito desejei vive-la. Daí provém a intima ligação que tenho com alguns desencarnados.

"O Espiritismo, para mim, não é uma escola filosófica, nem uma religião, nem uma ciência; é muito mais do que isso tudo: é a *simples* característica dum estado evolutivo que não pode limitar-se porque o homem progride sempre.

"Como não me deixo encerrar em sistemas fechados, o meu espírito procura a Verdade em tudo de que se aproxima e o meu pensamento sobe em liberdade até onde pode atingir.

"O Espiritismo é a base sólida e indestrutível em que apoio as minhas certezas experimentais e toda a minha fé".(3)

António Joaquim Freire no seu livro "A Evolução do Espiritismo" descreve a maneira como encontrou sempre, em Maria O'Neill a ajuda necessária para poder levar mais longe, não só o Ideal Espírita como para firmar mais e mais as bases da Federação recém-criada, na angariação de novos sócios e donativos que pediram, em viagens realizadas por todo o país.

António Castanheira de Moura, numa homenagem que lhe foi prestada na F.E.P., em 1951, recorda:

"(...) Ao deflagrar a Grande Guerra de 1914/1918, ainda e sempre no desejo de ser útil, tirou o curso de enfermeira e ofereceu-se para ir para o *front*, procurando, assim, exemplificar a fraternidade. Como, porém, era urgente o preenchimento dum lugar de enfermeira regente no sanatório da Guarda, imediatamente, e *sem remuneração*, foi ocupar, então, aquele lugar, onde deixou a maior saudade entre todos os que privaram com aquela alma gentil.

"Maria O'Neill, dotada de um espírito irrequieto e ansioso de espargir a luz do Espiritismo através da humanidade sequiosa de verdade, depois de, através do nosso país, do norte a sul, ter levado a efeito uma intensiva propaganda espiritista, sob o patrocínio da F.E.P., embarcou para o Brasil, onde, através da sua palavra fluente, soube ser a embaixatriz da intelectualidade portuguesa, actuação esta que mereceu de Campos Ribeiro as seguintes considerações: "... a sua palavra é um símbolo de cultura, de pensamento e de acção na vasta literatura portuguesa; nome venerável de Mestra a Senhora O'Neill não é somente a escritora brilhante, a poetisa de delicadíssimas emoções, a romancista de agudo tino psicológico. Não, esse verbo é cantado e claro, cristalino como a água das cacimbas indígenas, e, nesta hora, mais ainda: é a propugnadora e potente força de coesão que aproxima todas as almas pela excelsa e magnificente cadeia de ouro do Espiritismo'."(4)

E Adelaide Yvone de Sousa, afirma, a seu respeito:

"(...) Maria O'Neill foi um carácter íntegro, revelando uma consciência esclarecida, que a tornara muito superior à grande maioria das mulheres da nossa terra. Maria O'Neill sabia o que queria, porque tinha a noção clara do dever; soube, por isso, impor-se porque nunca fez parte dessa grande massa constituída pelas mulheres *biblots*. Maria O'Neill era uma verdadeira mulher, que não seguia as pisadas do mais forte, mas do mais justo e do mais sábio. Assim, a sua inteligência soube aspirar o perfume das suaves e profundas parábolas do Cristo, cuja doutrina compreendeu como sendo a da mais sã moral, e como a filosofia da mais alta potencialidade.

"O seu temperamento de mulher despretenciosa, mas que tinha a consciência do seu valor, levou-a a revelar-se sempre em múltiplas facetas duma poderosa vontade, duma modéstia e bondade verdadeiramente cristãs. Dizem, os que a conheceram, que enxugava lágrimas com a sua bolsa, consolava os desesperados com a sua palavra persuasiva e bondosa.(5)

Voltando à referência que a 'Enciclopédia' lhe faz, lemos ali:

- "(...) Com quanto descendesse de nobre família irlandesa, que veio estabelecer-se em Portugal, Maria O'Neill professava ideias avançadas que não se coadunavam com a sua origem aristocrática.
- "(...) Quando Gomes Leal chegou à derradeira penúria foi D. Maria O'Neill quem procurou socorre-lo, com verdadeira abnegação, conseguindo obter-lhe, ao cabo de porfiadas diligências, que a Provedoria da Assistência concedesse a pensão mensal de 100\$00 ao poeta, podendo hospedá-lo em casa de Ladislau Batalha, onde faleceu." (6)

Quando embarcou, para a sua digressão espírita pelo Brasil, na sua segunda viagem, já que a primeira fora em 1930, Maria O'Neill encontrava-se doente mas, como colocou sempre o dever em primeiro lugar, seguiu em frente. Desembarcou na cidade de S. Salvador da Bahia, mas teve de regressar de imediato devido ao estado em que se encontrava, embarcando no navio 'General Osório' e desencarnando dois dias mais tarde, em 23 de Março de 1932, com 59 anos, sendo o seu corpo lançado ao mar. (7)

Dos poemas que assinou (e conseguimos encontrar), transcrevemos, aqui, aquele que nos parece mais conforme com tudo o que significou a sua vida terrena:

HONROSO ENCARGO

Onde missão mais nobre e levantada Do que derramar luz em quanto existe? Por que te sentes, alma, atribulada E porque, sem razão, te mostras triste? Acaso não vês tu como a Alvorada A pouco e pouco sobre a Terra insiste E a tem inteiramente dissipada, Em todo o céu, antes que o sol se aviste?

Assim, antes que chegue o Redentor, Com luz, que é Sua, quem lhe tem amor O caminho procura desbravar...

E, nesta vida, é já feliz o ser Que põe nesta só frase o seu dever: - Vai falar do teu Deus e fá-lo amar! (8)

Mas, "do outro lado" Maria O'Neill continua a sua tarefa de apóstolo do Cristo; são suas as palavras que se transcrevem e com as quais fechamos este capítulo:

"Nada obstante o pouco tempo em que a luz pujante do pensamento espírita projecta benditas messes sobre o planeta terrestre, já bem podemos observar o quanto de consolações e de aclaramentos para as mais diversas situações que há feito parte das bendições do grande Mestre Galileu.

"Acompanhando os passos da jubilosa doutrina nesse seu quase sesquicentenário, vemos que as ciências hão logrado imbatível crescimento dilatando as reflexões e descobertas humanas, sem que, apesar de tudo, tenha conseguido estancar qualquer lágrima nascida nos vales da dor, nos pauis dos ingentes sofrimentos. Não tem tido possibilidade, a formidável academia e os super aparelhados laboratórios científicos, de desarmar a fúria beligerante do ser humano que engendra a guerra, quase com a mesma disposição de ânimo dos bárbaros de outros tempos, apenas convertendo os incêndios devastadores de cruéis fogueiras em outros devastadores incêndios provocados por covardes misséis e outras bombas pirogénicas... Somente hão transformado adagas, flechas e lanças em potentes metralhadoras anti-aéreas, em tanques com blindagens contra minas explosivas e telescópios munidos de infra-vermelhos para facilitar os ataques em plena escuridão.

"Não podemos olvidar que essa mesma ciência que se vê incapaz de sossegar os ímpetos belicosos do homem tem avançado, gloriosamente, nas áreas da farmácia, da cirurgia, da electrónica, da informática, facilitando a existência na Terra.

"Por que semelhante paradoxo, afinal? O que se acha em equívoco nas experiências humanas?

"Não é nova a ânsia pela paz. Não é recente a busca da harmonia entre os povos, entre nações. Não é de hoje a necessidade de transformação ética e de iluminamento moral. O que há faltado, então?

"Agarrando-nos às meditações filosóficas e reflectindo amadurecidamente em torno de tudo, temos verificado que é esse 'anjo em formação' – o homem – que se encontra enfermo em si próprio. Tem partido do seu âmago as ondas de insatisfação consigo mesmo e que ele atribui seja insatisfação contra os outros, e investe atormentado e cego, cobrando dos irmãos em Humanidade o que não tem coragem de exigir de si próprio. E guerreia, e domina e se compromete... não obstante tudo isso faça parte das pelejas do auto-descobrimento na longa trajectória para Deus.

"Mergulhando, assim, em cogitações tão pertinentes ao estado envolucional dos indivíduos, retomamos o ensinamento socrático que o espiritismo reaviva, propondo-nos o conhecimento de nós mesmos como chave para o aperfeiçoamento moral.

"Enquanto desconhecer o homem a sua origem divina, a sua natureza espiritual, os seus compromissos com o inadiável progresso no mundo e enquanto ignorar que pela Terra se acha de passagem de estudos, de aprendizados, com destino final reservado para o campo energético donde proveio – o mundo dos espíritos – tudo ele referirá ao corpo somático e à matéria grosseira e todas as suas conquistas, por mais exuberantes, terão o selo do imediatismo, do consumismo, da dominação, do poder dos fortes sobre os frágeis, provocando mais exacerbada leira de egoísmo.

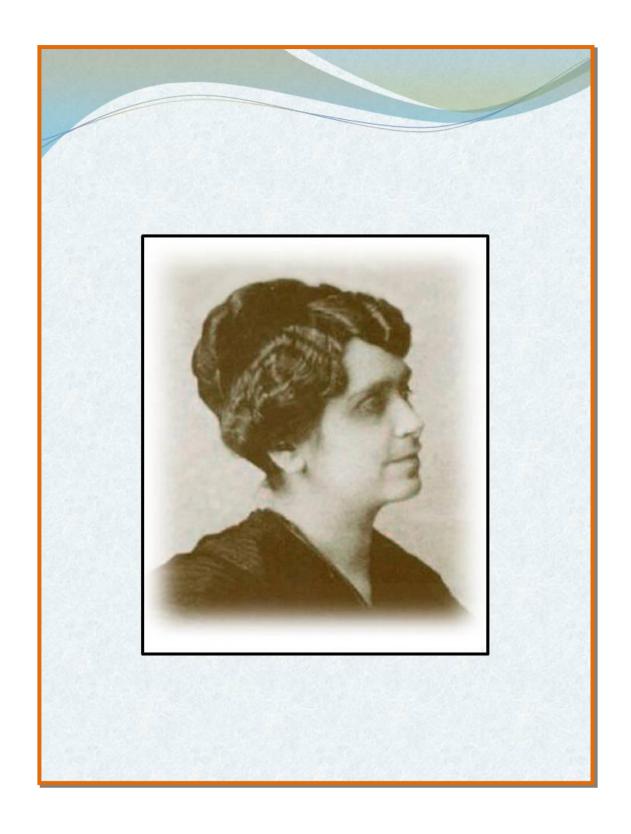
"Somente quando o auto-conhecimento prodigalizar a cada um a visão da imortalidade do ser, a compreensão da realidade do espírito, a criatura humana, desenvolverá a consciência de que os mais elequentes progressos científicos e os mais rebuscados engenhos tecnológicos não passam de pequenos e inexpressivos brinquedos de meninos espertos perante tudo o quanto o Criador dispõe ainda para enviar ao mundo através de embaixadores seus, quando para tanto todos nos tenhamos moralmente aparelhado.

"Somente sob o comando de Jesus, o Cristo, Nobilíssima Inteligência a governar os nossos destinos em nome de Deus, lograremos avançar para as construções de paz e alegria, ventura e trabalho, fazendo desaparecer o egoísmo que desarvora tantas almas, para que não mais exista a guerra, a fome, o abandono e o materialismo aviltante.

"Jesus hoje e sempre há de ser o verdadeiro e insubstituível modelo, guia e companheiro maior da Humanidade.

"Com Ele, caminhemos pois. Junto d'Ele, estejamos sempre. Sob Seu jugo ponhamos os nossos conhecimentos científicos, as nossas reflexões filosóficas e os nossos sentimentos de fé racional, para que, e somente então, todos sejamos realmente vitoriosos sobre a bruteza da humana condição." (9)

- 1 REVISTA DE METAPSICOLOGIA, da F.E.P., n°. 5/1951;
- 2 Revista IDEAL CRISTÃO, vol. I
- 3 REVISTA DE ESPIRITISMO da F.E.P., Julho/Agosto de 1929;
- 4 REVISTA DE METAPSICOLOGIA da F.E.P., Abril de 1951;
- 5 REVISTA DE METAPSICOLOGIA da F.E.P., Junho de 1951;
- 6 ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA, pág. 459, da Biblioteca Nacional;
- 7 REVISTA DE ESPIRITISMO da F.E.P., Março/Abril dew 1932;
- 8 Revista ALÉM, da S.P.I.P., de Janeiro de 1932;
- 9 Mensagem psicografada pelo médium brasileiro José Raul Teixeira, em 1/Novembro/1993, no 'Centro Espírita Luz Eterna', em Olhão.



MARIA VELEDA

MARIA VELEDA

MARIA VELEDA nasceu em 1871. Professora, escritora, republicana, livre-pensadora, espírita... conforme opinião de alguns seus conhecidos, ela terá tido por madrinha a sacerdotisa Veleda, "druídesa e profetisa da Germânia, nos tempos de Vespasiano. Liderou, junto com Civilis, a sublevação de parte da Gália do Norte, e morreu cativa em Roma" (1) – opinião esta formada em função da maneira como Maria Veleda sempre se movimentou para conseguir aquilo que achou justo, correcto e devido à Mulher.

Falando de si própria, escreveu:

- "(...) Lembro-me perfeitamente de que, sendo muito pequenina e não tendo jamais presenciado actos religiosos, me ajoelhava em determinado sítio da minha casa, sempre o mesmo, e ali me demorava pensando não sei o quê...
- "Inclinada à meditação e à contemplação, esquecia o tempo, observando um formigueiro, o revolutear de uma folha...
- "Contava cinco anos, apenas, quando me foi dado observar certo fenómeno... Chamo-lhe agora assim: mas, nesse tempo, afigurou-se-me o caso absolutamente natural. Eu dormia com minha avó no mesmo quarto, que era forrado de papel com fundo cor-de-pérola, riscado de azul; entre as riscas, estreitinhas, corriam arabescos da mesma tonalidade. Naquela noite, como não dormisse (tendo sido, desde a infância, até agora, muito atreita a longas insónias), notei que as paredes se tornavam luminosas e translúcidas, oferecendo um aspecto verdadeiramente feérico. Durou alguns minutos o estranho espectáculo, e depois desapareceu; mas em noites seguintes, muitas, mesmo muitas, repetiu-se o fenómeno que tanto me encantava.
- "Passaram-se bastantes anos. Frequentei a Igreja, rotineiramente, e pratiquei a religião católica, a princípio, também obedecendo ao mesmo espírito de rotina. No fundo da minha alma, porém, havia como que a sede insatisfeita de qualquer coisa mais alta, mais vivida. E, por fim, um

misticismo ardente, apaixonado, me empolgou. Gostava de esconder-me em determinada capela, na Sé da minha terra, e ali orar, em arroubos e transportes de fé. Era de N. S^a. de Lourdes a imagem que inspirava as minhas fervorosas súplicas.

"Publiquei por esse tempo, num hebdomadário (*publicação semanal*) da província, uma prece que certo diário católico da capital transcreveu. Também publiquei 'A Voz do Sacrário', meditação, que poderia reproduzir agora em qualquer jornal espírita, - tanto o que eu sinto e penso se assemelha, sob o ponto de vista fundamentalmente religioso, ao que pensava e sentia então.

" (...) Um dia em que a minha fé, como que me libertara das impurezas deste mundo, eu vi a imagem transformar-se, espiritualizar-se – permitam-me a expressão – desprender-se da sua peanha, elevar-se e estender-me os braços, sorrindo. Alucinação? De certo; mas conservo dela uma das melhores recordações de toda a minha vida.

"Eu ignorava por completo tudo quanto se relacionasse com o mundo dos espíritos, e até a palavra 'Espiritismo' me era absolutamente desconhecida.

"As minhas tendências para o isolamento e para a vida contemplativa faziam com que me refugiasse muitas vezes, e durante muitos dias, num *monte* de que a minha mãe era proprietária, afastado cinco quilómetros da cidade. Ao lado da parte da casa reservada para os caseiros, ficava a outra parte que nós ocupávamos, ou – por outra – que eu ocupava, porque quase sempre ali estava sozinha.

"Os caseiros recolhiam-se cedo; eu fazia o mesmo. Ora, uma noite, em plena escuridão, - tanto no interior como no exterior -, estando eu deitada, e *com os olhos abertos* (não tinha adormecido ainda) notei que, por debaixo da porta, se introduzia um pálido clarão. Este clarão deslizou pelo pavimento, com bastante rapidez, subiu à minha cama e acabou por se me fixar na palma da mão esquerda, que poisava sobre o travesseiro. Ouvi o meu nome pronunciado com infinita suavidade; ao mesmo tempo, espalhou-se em meu derredor um perfume especial, que não era meu e que nunca usei. Sobressaltei-me, confesso, e acendi o candeeiro, que só apaguei quando os primeiros trilos da passarada entre o arvoredo me anunciaram o romper da manhã. Passei todo o dia apreensiva, temendo e ao mesmo tempo desejando que o caso se repetisse. Teria eu sonhado acordada?

"Sobreveio a noite, como a anterior, escura e misteriosa. Deitei-me, apaguei a luz e esperei, de olhos escancarados e o coração ansioso. Não esperei muito: - a passagem ocorrida na véspera repetiu-se, absolutamente idêntica. Simplesmente, e querendo observar tudo até final, não fiz lus; - até que perfume e clarão desapareceram, como a voz que pronunciou o meu nome também se extinguira.

- "Este fenómeno, que fez parte integrante da minha vida durante oito anos, tornou-se-me tão familiar que já estranhava, quando se passavam muitas noites sem que ele se produzisse, não sabendo, contudo, a que causa devesse atribui-lo.
- "Repito: eu ignorava tudo quanto pudesse relacionar-se com Espiritismo. Conhecia, sim, várias historietas de 'almas do outro mundo'; mas dava-lhes o mesmo crédito que me mereciam os contos de fadas e lobishomens, do reportório da minha avó.
- "Não contara nada a ninguém: os anos tinham-se sucedido; eu mudara de terra por várias vezes; e o fenómeno seguira-me a toda a parte.
- "Por fim, resolvi fazer confidências a uma pessoa amiga (...) e cujo nome é bem conhecido e admirado no nosso meio literário. Nunca praticou nem estudou o Espiritismo ... mas tendo feito leituras concernentes, sugeriu que o meu caso poderia muito bem filiar-se nas ciências psíquicas, e que seria interessante estudá-lo.
- "Entretanto, a minha vida tinha-se tornado tão antagónica ao que fora, e de tal maneira eu me embrenhara noutros assuntos, que me desinteressei do estudo aconselhado embora as manifestações não houvessem cessado por completo.
- "Muito antes, a minha religiosidade católica tinha afrouxado e desaparecido, mercê de circunstâncias várias, sendo substituída por outras crenças mais de harmonia com o meu sonho de uma humanidade melhor, uma sociedade diferente; mas, apesar de tudo, sentia como que um vácuo dentro da minha alma...
- "Foi quando (contaria eu uns trinta e cinco anos, aproximadamente), me ofereceram 'Uranie', de Flammarion. Que deslumbramento!... A poesia da ideia, a beleza da forma, e, sobretudo, a relação existente entre o pensamento que inspirara aquele livro e as vagas, indecisas aspirações que me escapavam, apenas tentava apreende-las, dominaram-me inteiramente.
- "Haveria, realmente, outro mundo superior, onde as almas se aperfeiçoassem, onde o amor, na sua divina expressão, fosse mais do que uma radiosa utopia? Mas eu não conhecia ninguém com quem pudesse estudar o singular problema; e a minha vida continuava sendo a mesma faina de todos os dias: trabalhar, trabalhar!
- "Uma vez (...) deparou-se-me uma senhora do meu antigo convívio e que deixara de ver há bastante tempo. (... E diz-me ela, a despedir-se: 'Vou-me embora já, porque sou esperada numa reunião espírita'. Caí das nuvens!... (...) Indicou-me uma rua, um número, um andar; e na noite e hora aprazadas, eu batia discretamente à porta, tendo observado, como sempre usei, estrita pontualidade.

[&]quot; (...) A sessão começou.

- "Em determinada altura, o médium (...) declarou que a última 'irmã' que havia entrado, tinha uma missão especial a cumprir no Espiritismo, e espraiou-se em considerações diversas.
- "(...) Na mesma noite conheci o General Viriato Zeferino Passaláqua, o qual, paternalmente, se ofereceu para me dirigir no mundo novo em que eu vinha de penetrar. A ele devi a explicação dos fenómenos que presenciara e que mais tarde estudámos juntos. Se eles não se tivessem produzido, fornecendo-me provas irrefutáveis, sobre a existência da vida exclusivamente espiritual; se o bom general Passaláqua não tivesse posto à minha disposição a sua excelente biblioteca, orientando e metodizando as minhas leituras, eu não seria hoje a espírita consciente que me prezo de ser.
- " A 'missão' que me foi anunciada, tenho-a cumprido, dentro das minhas possibilidades. 'Quem dá o que tem...'
- "(...) quando me tornei espírita, foi quando percebi que o tinha sido sempre, sem dar por tal!..." (2)

*

Mas antes de 'descobrir' o Espiritismo, Maria Veleda tinha começado por ser figura pública, movimentando-se no meio da política, como a ela se refere Natividade Monteiro, professora de História no Instituto Militar dos Pupilos do Exército, e Investigadora do Projecto 'Biografias de Mulheres. Séc. XX', que escreveu a seu respeito:

- "MARIA VELEDA foi uma mulher pioneira na luta pela educação das crianças e os direitos das mulheres e na propaganda dos ideais republicanos, destacando-se como uma das mais importantes dirigentes do primeiro movimento feminista português.
- "Tendo-se estreado na imprensa algarvia e alentejana com a publicação de poesia, contos e novelas, dedicou-se depois aos temas feministas e educativos. Na linha da escola moderna de Francisco Ferrer, defendia a educação laica e integral, em que se aliassem a teoria e a prática, a liberdade, a criatividade, o espírito crítico e os valores éticos e cívicos. Num tempo em que a literatura infantil quase não existia em Portugal, publicou, em 1902, uma colecção de contos para crianças, intitulada 'Corde-rosa' e o opúsculo 'Emancipação Feminina'.
- "Em 1909, por sua iniciativa, a 'Liga Republicana das Mulheres Portuguesas' fundou a 'Obra Maternal' para acolher e educar crianças abandonadas ou em perigo moral, instituição que se manterá até 1916, graças à solidariedade da sociedade civil e às receitas obtidas em saraus teatrais, cujas peças dramáticas e cómicas Maria Veleda também escrevia e levava à cena. Em 1912, o governo nomeou-a Delegada de Vigilância da Tutória Central da Infância de Lisboa, instituição destinada a recolher

crianças desamparadas, pedintes ou delinquentes, cargo que ocupou até 1941.

"Consciente da situação de desigualdade em que as mulheres viviam, numa sociedade conservadora e pouco aberta à mudança iniciou, nos primeiros anos do séc. XX, um dos maiores combates da sua vida: defender a igualdade de direitos jurídicos, cívicos e políticos, entre os sexos. Numa época em que as mulheres estavam, por imperativos económicos, sociais e culturais, confinados à esfera doméstica, criou cursos noturnos no Centro Republicano Afonso Costa, onde era professora do ensino primário, e nos Centros Republicanos António José de Almeida e Botto Machado, para as ensinar a ler e a escrever e as educar civicamente, preparando-as para o exercício de uma profissão e a participação na vida política.

"Entre 1910 e 1915, como dirigente da 'Liga Republicana das Mulheres Portuguesas' e das revistas A Mulher e a Criança e a Madrugada, empenhou-se na luta pelo sufrágio feminino, escrevendo, discursando, fazendo petições e chefiando delegações e representações aos órgãos de soberania. Combateu a prostituição, sobretudo a de menores, e o direito de fiança por abuso sexual de crianças. Fundou o 'Grupo das Treze' para combater a superstição, o obscurantismo e o fanatismo religioso que afectava sobretudo as mulheres e as impedia de se libertarem dos preconceitos sociais e da influência clerical que as mantinham submetidas aos dogmas da Igreja e à tutela masculina.

"Convertida ao livre-pensamento e iniciada na Maçonaria em 1907, aderiu também aos ideais da República e tornou-se oradora dos Centros Republicanos, escolas liberais, associações operárias e intelectuais, grémios, círios civis e comícios do Partido Republicano, da Junta Federal do Livre-Pensamento e da Associação Promotora do Registo Civil. Alguns destes discursos e conferências foram publicados no livro 'A Conquista', prefaciado por António José de Almeida.

"O combate à monarquia e ao clericalismo valeu-lhe a condenação por abuso de liberdade de imprensa, em 1909, além das constantes perseguições e ameaças de morte, movidas por alguns sectores católicos e monárquicos mais conservadores.

"Depois da implantação da República, por ocasião das incursões monárquicas de Paiva Couceiro, integrou o Grupo Pró-Pátria e percorreu o País em missão de propaganda, discursando em defesa do regime ameaçado. Em 1915, em consonância com o Partido Democrático de Afonso Costa, juntou-se aos conspiradores na preparação do golpe revolucionário que destituiu o governo ditatorial do General Pimenta de Castro e, a seguir, envolveu-se na propaganda a favor da entrada de Portugal na 1ª Guerra Mundial.

"Nesse mesmo ano saiu da 'Liga', filiou-se no Partido Democrático e fundou a 'Associação Feminina de Propaganda Democrática', cuja acção

terminou em 1916, em nome da 'União Sagrada' de todos os portugueses, na defesa dos interesses da Pátria ameaçada.

"Desiludida com a actuação dos governos republicanos, que não cumpriram com as promessas de conceder o voto às mulheres nem souberam orientar a República de modo a estabelecer as verdadeiras Igualdade, Liberdade e Fraternidade, e construir uma sociedade mais justa e melhor, abandonou o activismo político e feminista em 1921, após os acontecimentos da 'noite sangrenta'. Fez-se jornalista de 'O Século' e de 'A Pátria', de Luanda, onde continuou a defender os ideais feministas e republicanos que sempre a nortearam.

"Atraída pelos caminhos da espiritualidade e do esoterismo e preocupada com o sentido da existência humana, aderiu ao espiritismo filosófico, científico e experimental. Fundou o 'Grupo Espiritualista Luz e Amor' e, em 1925, dinamizou a organização do I Congresso Espírita Português e participou na criação da Federação Espírita Portuguesa. Fundou as Revistas 'A Asa', 'O Futuro' e 'A Vanguarda Espírita', e colaborou na imprensa espiritualista de todo o País, publicando poesia e artigos de pendor reflexivo e memoralista. Em 1950, publicou as 'Memórias de Maria Veleda' no Jornal 'A República'.

"Maria Veleda dedicou a vida aos ideais de justiça, liberdade, igualdade e democracia e empenhou-se na construção de uma sociedade melhor, onde todos pudessem ser felizes. Semeou ideias, iniciou processos de mudança nas práticas sociais e lançou o debate sobre os lugares, os papéis e os poderes de mulheres e homens num mundo novo." (3)

*

Nas revistas espíritas da sua época, encontramos muitos e variados artigos por si assinados e o Dr. António J. Freire a ela se refere no seu livro 'Da evolução do Espiritismo', e, no nosso livro 'M.E.P. – Tentativa Histórica do Movimento Espírita em Portugal desde os seus Primórdios' – a ela nos referimos, também, com algum pormenor.

Amou indistintamente a todas as crianças como seus filhos do coração, afirmando não serem necessários laços consanguíneos para que o amor a unisse a todos eles.

Na revista 'Estudos Psiquicos', de Agosto de 1976 lemos que "Maria Veleda recebeu agora, nesta Portugal novo que todos temos de construir, uma justa homenagem. Uma artéria da capital passa a ter o seu nome".

Maria Veleda desencarnou em 1955, com 84 anos.

Recordando a poetisa que também foi, transcrevemos aqui dois sonetos seus, ambos publicados em revistas espíritas:

PELO ASTRAL

Há na minha alma fontes de alegria; Aves que cantam; flores irisadas; Sóis multicores, brancas madrugadas; Clarões de festa; jogo de harmonia.

Minha alma – a visionária de algum dia – Embala um lindo sonho; e, deslumbrada, Vai subindo, radiosa e fascinada Pela voz que, do Astral, a chama e guia.

Sobe, minha alma, - pura, altiva e forte! A Vida está no Além! Foge da Morte, Corta a amplitude azul dos inf'nitos Céus:

Não... não acordes mais, minha alma linda! Para lá das estrelas sobe ainda... Chama-te a voz do Astral! Chama-te Deus! (4)

FILHO PRÓDIGO

Exausto, esfarrapado, miserando, Tendo a vida arrastado pela orgia, Volta ao lar paterno quem lhe fugia, Suas culpas, seus crimes expiando.

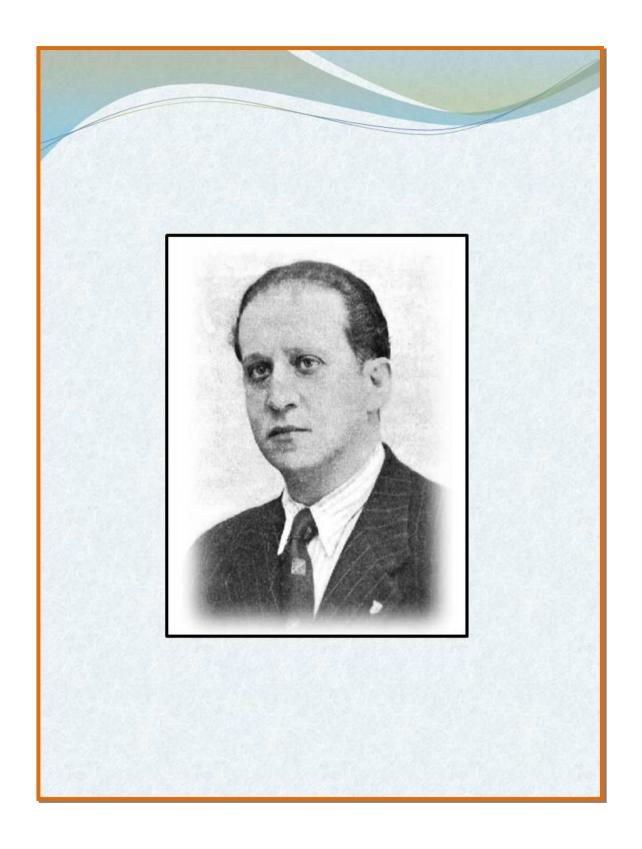
Logo sai o Pai, de ventura transbordando, Ordena ágapes, festas, alegria! E o outro filho, que o bem sempre cumpria, O Pai increpa, a si se lamentando:

- Pois a mim, que fui sempre modelar, Nunca um anho tiveste p'ra me dar, E a esse louco o acolheis com tal 'splendor?!
- -É que este diz o Pai andou perdido; Mas volta sofredor, arrependido, Renasce para a Luz e para o Amor! (5)

^{1 –} Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse das Selecções, 2º volume, página 1635;

^{2 -} Revista Portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, Junho de 1945, artigo 'Como me tornei Espirita';

- 3 Página Web da Internet, em 2005, sob o tema 'Associação de Professores de História: História e Universos Femininos; artigo de Natividade Monteiro;
- 4 Revista Portuguesa MENSAGEIRO ESPIRITA, da F.E.P., 1937;
- 5 Revista Portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, Abril de 1945.



PEDRO DIAS DE SOUSA

PEDRO DIAS DE SOUSA

PEDRO CARREIRA DIAS DE SOUSA começou nos tempos "áureos do primeiro Congresso Espírita Português, que reuniu em Lisboa um grupo de abnegados a que pertencia o Dr. Martins Velho, engenheiro Sarreia do Prado, General Viriato de Passaláqua, General Barata Feyo, Conselheiro Dr. José da Silva, Dr. António Freire, Zagalo Fernandes, Prof. Dr. Adolfo Sena, etc., notáveis adeptos constitutivos de um núcleo de entusiastas a quem se ficaria devendo a Federação Espírita Portuguesa.

Dedicado amigo e discípulo de Maria O' Neill, secundando-a na sua ausência, nas tarefas mediúnicas, foi distinguido como sócio honorário nº 160 do Centro Espírita Perdão e Caridade', fundado por aquela irmã.

"Cheio de mocidade e senhor de um verbo fácil e elegante, cedo se tornou notado e lhe confiaram cargos de responsabilidade em trabalhos práticos e nos próprios órgãos jornalísticos, onde desempenhou papel importante.

" A construção da sede (da F.E.P.), na Rua da Palma, levantou problemas económicos de certa acuidade e alguns associados afastaram-se por discordar da orientação dos dirigentes, motivo que os levou a agrupar-se no antigo 'Centro Espiritualista Luz e Amor'. Pedro Carreira de Sousa foi um deles e durante alguns anos dedicou à nova colectividade o saber de que era dotado, eufórico de ideias e diligente na sua aplicação." (1)

Veio a afastar-se, a partir de determinada altura, por divergências de opinião com os dirigentes em exercício, mas dando sempre a sua colaboração às revistas 'Estudos Psíquicos' e 'Medicina Natural'.

Como jornalista, colaborou nas revistas 'Ideal Cristão', que dirigiu de 1934 a 1936, melhorando-a, enriquecendo-a, tornando-a verdadeiro alforbe da Doutrina; 'Mensageiro Espírita', e 'Revista de Metapsicologia', ambas da Federação. Na última, aproveitou as suas páginas, que enriqueceu com a resposta ao livro O Mundo Invisível', do Cardeal Lépicier.(1)

A legenda de Marden 'Sê perfeito em tudo o que fizeres', terá sido o seu lema – ele que procurou sempre mostrar a perfeição em tudo o que realizava, fosse em actos ou por palavras orais ou escritas, todos apreciando o desassombro com que encarava as questões espíritas não enjeitando os actos próprios para beneficiar do juízo alheio. (1)

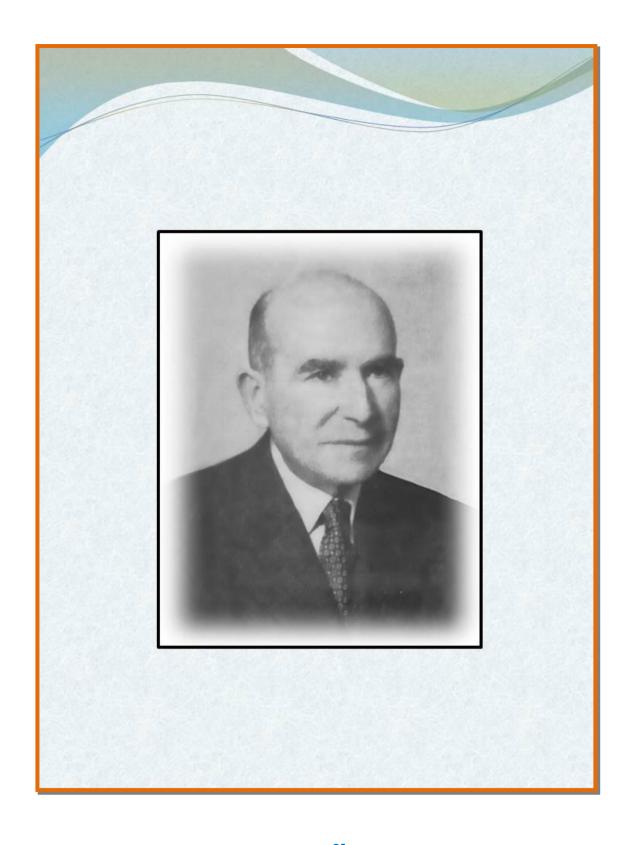
Desencarnou em 11 de Julho de 1971.

Do seu artigo 'Livre Arbítrio', transcrevemos :

"(...) Dissemos que a virtude só existe, quando a Consciência em luta consegue alcançar a vitória. Assim é. O mesmo procedimento de dois entes humanos, pode só constituir virtude e progresso para um deles. Não progride o homem honesto e honrado, quando honradamente não comete falta cujo cometimento lhe repugnaria. Mas, aquele que, em condições iguais, tem de reagir contra as instâncias do seu incorrecto desejo e para isso reage, luta e vence, esse progride e virtuoso foi o seu procedimento. Assim se explica a Justiça Eterna, ao depararem-se-nos na Terra entes relativamente bons imersos na dor, e de dores quase isentos outros maus, manifestamente maus, atrasados na senda do progresso espiritual.

"O sofrimento é uma crise na vida eterna do espírito. Dá-se quando a lei sábia a reconhece precisa. E é violenta ou suave, conforme o determina a mesma lei. O poder volitivo, a arma de que a Consciência se serve na luta, só lentamente cresce. Mas é mister que essa luta não exceda os recursos do armamento, para que o lutador não seja vencido." (2)

- 1 Revista Portuguesa ESTUDOS PSIOUICOS, Setembro de 1971.
- 2 REVISTA DE ESPIRITISMO da F.E.P., Setembro/Outubro/1928.



(Dr.) SEBASTIÃO MARTINS

(Dr.) SEBASTIÃO MARTINS

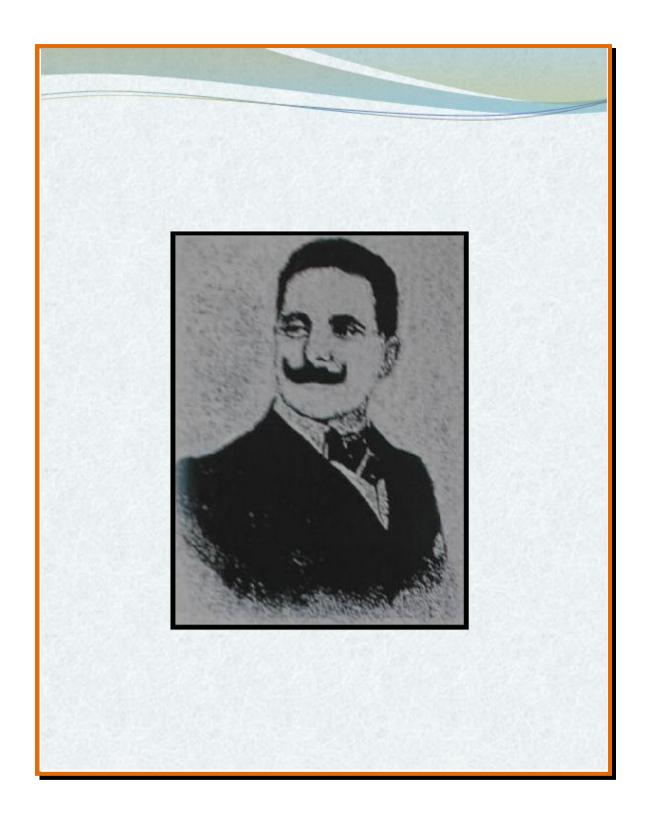
SEBASTIÃO ELVIRO MARTINS começou muito cedo nas lides espíritas.

Oficial da Armada na vida civil, foi presidente da Mesa da Assembleia Geral do 'Centro Espiritualista Luz e Amor' durante mais de vinte anos e nesse período variável e, por vezes, difícil, soube impor-se com dignidade e aprumo quando pretenderam desviar a associação dos seus princípios estatutais.

"(...) Dirigir um Centro Espírita é árdua tarefa, sobretudo quando a doutrina esbarra contra a ignorância e os preconceitos da maioria, além da má fé de pessoas instaladas na vida ligadas a religiões oficiais ou oficializadas com poderes magestáticos que ultrapassem os limites do razoável. E embora as Constituições dos Países sejam claras em matéria de liberdade cívica e política, há meio de as iludir e cavar abismos entre os elementos populacionais de qualquer região. Pensar o contrário é infantilidade, para não dizer anacronismo. Pois Sebastião Elviro Martins tomou parte activa na divulgação do Espiritismo e chegou a colaborar na revista 'Estudos Psiquicos' em traduções, aproveitando o conhecimento que lhe proporcionava o seu curso de Filologia Germânica." (1)

Desencarnou em 6 de Março de 1969.

1 – Revista Portuguesa ESTUDOS PSÍQUICOS, Maio de 1969.



(Dr.) SOUSA COUTO

(Dr.) SOUSA COUTO

JOSÉ ALBERTO DE SOUSA COUTO nasceu na freguesia de Santa Maria de Sandim, concelho de Gaia, diocese do Porto, em 16 de Março de 1855, sendo batisado três dias mais tarde.

Em 15 de Outubro de 1877 matricula-se na Universidade de Coimbra, fazendo o exame do 3º ano a 30 de Junho de 1880; em 1881 obtém o 4º grau de bacharel formando-se, como advogado, em 1882.

Assíduo nas reuniões espíritas que se realizavam em casa de um amigo e colega de profissão, que vivia em Paris, reportam-se a 1898 os primeiros passos no Movimento Espírita em Portugal (1), tendo frequentado, por diversas vezes, o 'Centro Espírita Luz e Caridade', em Braga.

Em 1900 representa Portugal no Congresso Internacional Espírita, realizado em Paris, passando, a partir daí, a corresponder-se com diversos espíritas ingleses e franceses, entre eles o Coronel Albert de Rochas (2).

Referindo-se a si próprio, diz na apresentação do seu trabalho naquele Congresso: "Eu não devo calar a voz da minha consciência nem os gritos da minha razão em prol de uma verdade que eu considero como adquirida":

««« Saído da Universidade de Coimbra, onde nessa época dominava o positivismo, continuei na mesma crença, professando-a sem nenhuma restrição. Passados alguns anos, vieram-me às mãos alguns livros sobre hipnotismo e a sugestão, os quais li com interesse pela relação que tais assuntos tinham com o estudo do direito penal, que constituía a minha profissão. Contudo, nestes ramos da investigação, não encontrei nada que pudesse mudar, fosse no que fosse, a minha orientação positiva.

««« Posteriormente, li alguns livros sobre espiritismo mas, aceitando de preferência e de bom grado qualquer outra hipótese espírita, eu fiquei no

mesmo estado de crença, sem motivo pessoal de experiência própria que fizesse modificar o meu juízo.

««« Depois disso, desejoso de ver produzir-se os fenómenos, unicamente por curiosidade, comecei as minhas investigações e os resultados obtidos logo se impuseram à minha razão.»»» (3)

Em 1905 fundou, a expensas suas, a revista "Estudos Psíquicos", mantendo-a até 1909, quando teve de a encerrar devido à grave doença que o acometeu depois do desencarne do seu filhinho.

Folheando as suas páginas, nelas encontramos artigos abalizados de notáveis nomes da Ciência, da Física, do Espiritismo - daqueles com quem passou a relacionar-se.

Conhece Fernando de Lacerda e 'debruça-se' sobre a sua mediunidade, num estudo abalizado que o médium publica no prólogo do 1º volume da obra "Do Paiz da Luz". Este mesmo estudo, mais completo e esclarecedor, será depois publicado na Revista de que é proprietário.

O Dr. Amílcar de Sousa, em Janeiro de 1937, faz uma palestra na 'Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas', homenageando-o através de familiares que convida para estarem presentes, e "durante mais de uma hora, o orador recordou a acção doutrinária do notável jurisconsulto, dos primeiros do País, há 30 anos, a divulgar, estudar e esclarecer o magno problema da psicologia experimental."(4)

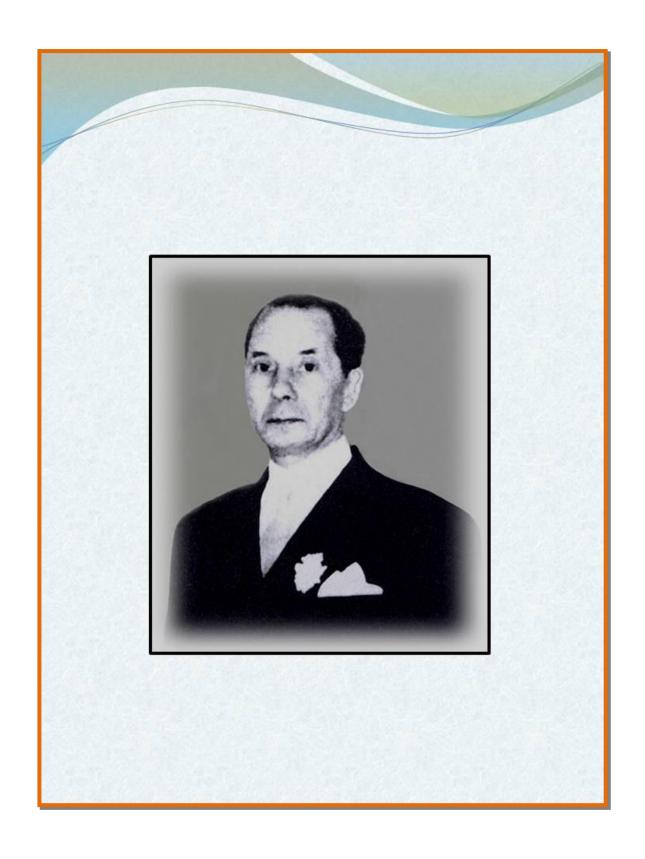
Conforme referencia Madame Madalena Frondisi Lacombe, em artigos publicados na 'Revista de Espiritismo' da F.E.P., Sousa Couto era um dos elementos presentes nas suas reuniões de efeitos físicos e pesquisa.

Ignoramos a data do seu desencarne porque, se Fernando de Lacerda, em 1911, recebe uma mensagem assinada por Luiz Alberto de Sousa Couto, "face à afirmação da entidade comunicante, e, por que se torna, por vezes, difícil a decifração de assinaturas antigas, ainda mais na condição da desta mensagem (especular), cremos que o nome será 'José' e não 'Luiz'. E José era o nome de Sousa Couto. Quem, senão ele, foi o primeiro a guiarlhe os passos hesitantes; o primeiro a dar-lhe coragem nos momentos tristes amargurados da ou iniciação? (\ldots) Não afirmamos, pois. concludentemente, que as palavras da mensagem especular sejam de Sousa Couto, mas para nós – e porque mais nenhum indivíduo o contactou com este apelido e o filhinho desencarnado do advogado tinha apenas 5 anos -, e até prova em contrário, está é quase uma certeza". (5)

Entretanto, os artigos de M. Lacombe, que mencionam Sousa Couto, referem uma reunião em Dezembro de 1906 (5) (o que está dentro da data referida na recepção daquela mensagem e, ainda, da publicação do 1° volume da obra 'Do Paiz da Luz'), e uma outra, em 7 de Dezembro de 1914. (7)

Não conseguimos, nem no seu registo de nascimento nem em pesquisas várias feitas no Porto e em Espinho (8), onde chegou a residir, qualquer indicação sobre a data do seu desencarne.

- 1 Página da F.E.P., na Internet;
- 2 MEP Tentativa Histórica do Movimento Espírita Português, da autora;
- 3 Discurso proferido no Congresso Internal de Espiritismo, em Paris, em 1900, transcrito na Revista 'ALÉM', da S.P.I.P., de Abril de 1932;
- 4 Revista 'ALÉM', da S.P.I.P., Janeiro/Fevereiro de 1937;
- 5 'Fernando de Lacerda, o médium português', da autora, em 'Explicando'...
- 6 'Revista de Espiritismo' da F.E.P., Novembro/Dezembro de 1927;
- 7 'Revista de Espiritismo' da F.E.P., Novembro/Dezembro/1928;
- 8 Revista 'ALÉM', da S.P.I.P., Outubro de 1930.



VIRGÍLIO MAYA

VIRGÍLIO MAYA

VIRGÍLIO AYRES DOS SANTOS MAYA nasceu a 9 de Janeiro de 1894 em Oliveira do Bairro, distrito de Aveiro, único filho varão de um ranchinho de seis, que seus pais tiveram. Perdeu o pai bastante novo, sendo educado por seu padrinho, que lhe pagou os estudos, dando-lhe todo o amparo de que necessitou até à sua independência, quando se tornou, ele próprio, o amparo da mãe e das irmãs.

Era já funcionário público e casado em segundas núpcias com Adelaide Caetano (enviuvara da primeira esposa), quando um dia conheceu o Dr. Brito de Figueirôa, natural da Madeira que, mais tarde, veio a declarar-se espírita, convidando o casal a assistir a uma das reuniões que realizava, com outras pessoas, em sua casa.

Céptico, respondendo que, "eu nem com os vivos me entendo por vezes, quanto mais com os do Além", compareceu, entretanto, à reunião, impulsionado pela esposa que se mostrou bastante interessada. (1)

Aquela foi a primeira de muitas outras a que nunca mais faltaram: de princípio, as reuniões eram realizadas em casas particulares mas, em pouco tempo arranjaram um andar, no Largo do Intendente, oficializando o Grupo com o nome de "Instituto Espiritualista Português", que funcionava como 'Casa de Apoio aos Necessitados'. (1)

Nas notícias que lemos, em revistas espíritas da época, em 1950 já a Associação e os seus dirigentes eram referidos e convidados para as reuniões com outras Instituições.

Dentre os seus colaboradores, destacamos Feliciano Araújo de Carvalho, Francisco Graça, Tenente Afonso, Ramos Pereira, Gertrudes Marramaque, médium Mariazinha (só conhecida por este nome), e vários outros. (2)

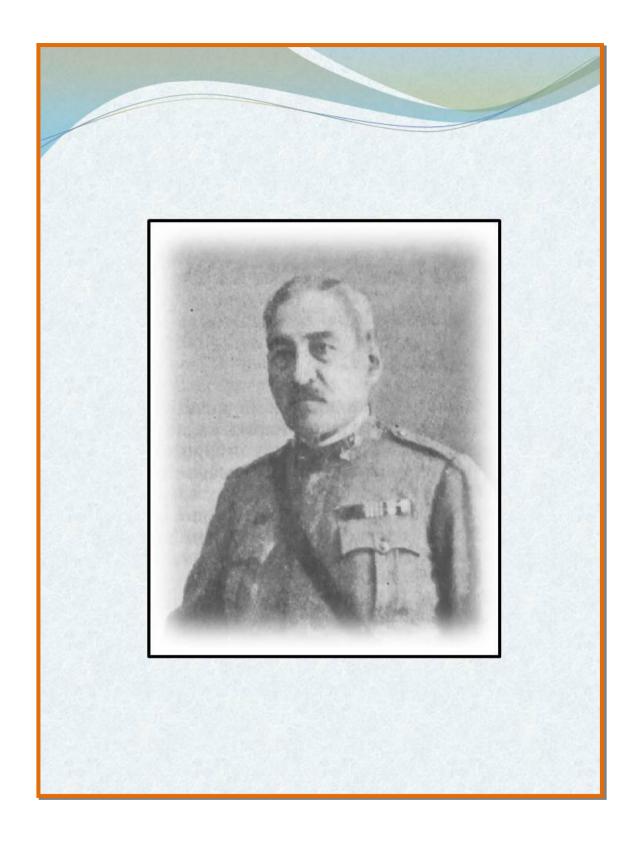
A frequência ao Centro, foi sempre aumentando, apesar da situação política, e ali se realizaram estudos da Doutrina codificada por Allan Kardec, palestras e saraus, com convidados nacionais e estrangeiros, e com comparência, igualmente, a outras Associações do mesmo jaez.

A distribuição de alimentos e roupas aos necessitados, bem como visitas aos mais carenciados, foi sempre uma constante da Instituição.

Mais tarde, devido a motivos relacionados com a sua vida particular, o Dr. Brito de Figueirôa afastou-se da Associação, passando Virgílio Maya a assumir a sua direcção. (1)

Virgílio Maya desencarnou em 25 de Maio de 1960 dando-se, pouco depois, o encerramento da Instituição, - no seguimento da proibição que mandara encerrar a Federação.

- 1 Informação de sua filha, Maria Manuela Maya Félix;
- 2 Informação de Hêrnani Castro Lopo, da Associação 'Luz no Caminho', de Braga.



(Gen.) VIRIATO PASSALÁQUA

(Gen.) VIRIATO PASSALÁQUA

O General VIRIATO ZEFERINO PASSALÁGUA foi, no dizer do Dr. António J. Freire, "o mais profundo e erudito exegeta do Velho e Novo Testamento". (1), e o director da 'Revista de Espiritismo' da F.E.P., refere-o como 'um dos mais valorosos defensores dos Evangelhos — **em espírito e verdade** — e um dos mais cultos exegetas do nosso País. (2)

Fazendo parte da *Sub-Comissão pró-Federação*, criada para a realização do 1°. Congresso Espírita Português, o General Passaláqua nele colaborou com a apresentação de duas teses: a primeira, 'Espiritualismo e Espiritismo', baseada no tema Moral e Filosofia, e a segunda 'Loucura Espírita ou seja Obsessão', inserida no tema Ciência. (3)

No apoio que deu sempre em quem visse interesse pela Doutrina Espírita, encontramos o seu nome no histórico do Dr. Gilberto Marques, como no de Maria Veleda. Pelo caminho, quantos mais ele ajudou e orientou nas lides espíritas!

Em Novembro de 1943 foi-lhe prestada uma homenagem no 'Centro Espiritualista Luz e Amor', de Lisboa, com descerramento de uma fotografia.

Dessa homenagem, transcrevemos algumas das palavras de Maria Veleda, que lhe foram dedicadas:

"Prestar homenagem à memória de Alguém que se devotou pela Causa, cujo desenvolvimento e propaganda nos interessa, representa um dever de solidariedade e gratidão. O General Viriato Zeferino Passaláqua é um daqueles que o bom e consciente espírita não deverá esquecer.

"(...). Como polemista, a sua acção tornou-se preciosa. Sem recorrer a extremos de linguagem daqueles que brigam tanto com a pureza dos sentimentos, como com as exigências da boa educação, o General Passaláqua encontrava sempre o argumento irrespondível que reduzia a silêncio os seus adversários.

- "Era de sensibilidade pouco vulgar e muitas vezes se desfez em pranto ante o sofrimento dos que se lhe aproximavam, na ânsia de um conforto que ele nunca regateou.
 - "Foi o melhor director de sessões...
- "Havia uma faceta do seu carácter que se tornou pouco conhecida no meio espírita, onde, geralmente, só se presta atenção aos fenómenos que se prendem com a própria evolução. Era o seu interesse pela Mulher-Mãe, pela mulher cujo maior titulo de glória consiste em saber substituir o pai junto dos seus filhos. O *feminismo do Pai General* era feito de um respeito, de uma consideração, de uma adoração pela causa da Mulher, que muitos não saberiam compreender, por deficiência de sentimento e de educação.
- "Foi no Congresso Espírita que a sua inteligência e o seu espírito de sacrifício se evidenciaram pela última vez. (...)". (4)

Noticiando seu desencarne, o articulista da revista espírita 'Luz e Caridade', de Braga, afirma:

"O seu lugar nas hostes espíritas fica vago, porque não há ninguém que possa substitui-lo. Batalhador incansável, homem de uma só têmpera, forte na sua crença, iluminado pelo fulgor da sua fé, ele foi um dos mais ardorosos propagandistas da religião de Jesus — do cristianismo primituvo. Em toda a sua pureza, em toda a sua grandiosidade.

"Combateu livremente, como poucos livres-pensadores o terão feito – ele que era um interpretador e um estudioso dos Evangelhos – os erros da cúria romana, o que lhe valeu, por vezes, ataques cerrados do parte de elementos clericais." (5)

Colaborador assíduo das revistas 'Luz e Caridade', de 'O Mensageiro Espirita', e 'Estudos Psiquicos', os seus artigos ultrapassaram o tempo e encontram-se hoje tão actuais como então.

Desencarnou em 14 de Março de 1926, com 90 anos.

^{1 –} António J. Freire, Dr., in "Da Evolução do Espiritismo – Depoimentos e Controvérsias", edição F.E.P.

^{2 –} Revista de Espiritismo da F.E.P., Março/Abril de 1927;

^{3 –} Revista portuguesa 'O Espirita', propriedade do Grupo Espírita 'Luz e Caridade', do Barreiro, Janeiro/Fevereiro/Março de 1925;

^{4 –} Revista Portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, de Janeiro de 1944;

^{5 -} Revista espírita portuguesa LUZ E CARIDADE, do Centro Espírita do mesmo nome, de Braga.

PALAVRAS FINAIS

... Muitos outros nomes, de outras tantas figuras, ficaram por referir mas nada conseguimos encontrar, nos arquivos descerrados, que deles nos narrassem qualquer facto, por mais pequeno que fosse.

Os seus nomes, no entanto, fazem parte dos registos da época, seja nas Revistas da Federação Espírita Portuguesa como nas editadas por outras Instituições.

A esses obreiros espíritas, que trabalhando na sombra esclareceram com as suas palavras os leitores de então, enriquecendo, ainda hoje, quem os queira ler, o nosso aceno de gratitude.

Onde quer que se encontrem, que o Senhor os abençoe a todos eles – tarefeiros que, chamados, souberam responder "presente" e honrar a missão de que foram embuídos.

M.V.

F I M

INDICE

Nota explicativa	5
Adelaide Yvone de Sousa	7
Dr. Adolfo Sena	12
Dr. Afonso Acácio Martins Velho	14
Dr. Alberto Zagalo	18
Dr. Alfredo Mota	20
Dra. Amélia Cardia	23
Dr. Amilcar de Sousa	26
António Castanheira de Moura	33
Dr. António Lobo Vilela	36
António Esteves R. da Silva	40
Dr. António Joaquim Freire	42
Dr. Artur Dias Pratas	48
Dr. Barros e Sousa	52
Dr. Batista Ramires	54
Gen. Cabral Quadros	56
Casimiro Duarte	59
Dr. Dá Mesquita	63
Eduardo Matos	69
Emília Gonçalves	72
Emília Pomar de Sousa Machado	74
Eugénio Tavares	77
Gen. Barata Feio	79
Mjr. Eurico Zuzarte	81
Fernando de Lacerda	84
Firmino Teixeira	87
Dr. Gilberto Marques	91
Hugo Rocha	94
Isidoro Duarte Santos	98
Dr. João Antunes	102
Dr. João de Meira	104
Cons. José da Silva	110
Cor. José Faure da Rosa	113
José Francisco Cabrita	117
Léo	120
Madalena Lacombe	122
Manoel Caetano de Sousa	127
Manoel Cavaco	131
Manoel Graça	134
Manuel Grelo	136

Maria Além	138
Maria Carlota de Almeida Santos	140
Maria O'Neill	142
Maria Veleda	150
Dr. Pedro Dias de Sousa	159
Dr. Sebastião Martins	162
Dr. Sousa Couto	164
Virgílio Maya	168
Gen. Viriato Passaláqua	171
Palayras Finais	174